

Palavras dadas

Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber.

Davi Kopenawa*

Faz muito tempo, você veio viver entre nós e falava como um fantasma.¹ Aos poucos, you foi aprendendo a imitar minha língua e a rir conosco. Nós éramos jovens, e no começo você não me conhecia. Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de *napé*.² Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos. Apesar disso, você veio até mim e se tornou meu amigo. Você ficou do meu lado e, mais tarde, quis conhecer os dizeres dos *xapiri*, que na sua língua vocês chamam de espíritos.³ Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós. Ficamos muito tempo sentados, falando, em minha casa, apesar das picadas das mutucas e piuns. Poucos são os brancos que escutam nossa fala desse modo. Assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que se perguntam o que pensam os habitantes da floresta. Antigamente, nossos maiores⁴ não contavam nenhuma dessas coisas, porque sabiam que os

* Turner & Kopenawa, 1991, p. 63. Entrevista de Davi Kopenawa a Terence Turner, representante da comissão especial da American Anthropological Association, formada em 1991 para investigar a situação dos Yanomami no Brasil

brancos não entendiam sua língua. Por isso minha fala será algo de novo, para aqueles que a quiserem escutar.

Mais tarde, eu disse a você: "Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de *Omama*⁵ e dos *xapiri*. Desenhe-as primeiro em peles de imagens,⁶ depois olhe sempre para elas. Você vai pensar: "*Haixopë!* É essa mesmo a história dos espíritos!". E, mais tarde, dirá a seus filhos: "Estas palavras escritas são as de um Yanomami, que há muito tempo me contou como ele virou espírito e de que modo aprendeu a falar para defender a sua floresta". Depois, quando essas fitas em que a sombra das minhas palavras está presa ficarem imprestáveis, não as jogue fora.⁷ Você só vai poder queimá-las quando forem muito velhas e minhas falas tiverem já há muito tempo sido tornadas desenhos que os brancos podem olhar. *Inaha t'a?* Está bem?

Como eu, você ficou mais experiente com a idade. Você desenhou e fixou essas palavras em peles de papel, como pedi. Elas partiram, afastaram-se de mim. Agora desejo que elas se dividam e se espalhem bem longe, para serem realmente ouvidas. Eu lhe ensinei essas coisas para que você as transmita aos seus; aos seus mais anciãos, aos seus pais e sogros, aos seus irmãos e cunhados, às mulheres que você chama de esposas, aos rapazes que irão chamá-lo de sogro. Se lhe perguntarem: "Como você aprendeu essas coisas?", você responderá: "Morei muito tempo nas casas dos Yanomami, comendo sua comida. Foi assim que, aos poucos, sua língua pegou em mim. Então, eles me confiaram suas palavras, porque lhes dói o fato de os brancos serem tão ignorantes a seu respeito".

Os brancos não pensam muito adiante no futuro. Sempre estão preocupados demais com as coisas do momento. É por isso que eu gostaria que eles ouvissem minhas palavras através dos desenhos que você fez delas; para que penetrem em suas mentes. Gostaria que, após tê-las compreendido, dissessem a si mesmos: "Os Yanomami são gente diferente de nós, e no entanto suas palavras são retas e claras. Agora entendemos o que eles pensam. São palavras verdadeiras! A floresta deles é bela e silenciosa. Eles ali foram criados e vivem sem preocupação desde o primeiro tempo. O pensamento deles segue caminhos outros que o da mercadoria. Eles querem viver como lhes apraz. Seu costume é diferente. Não têm peles de imagens, mas conhecem os espíritos *xapiri* e seus cantos. Querem defender sua terra porque desejam continuar

vivendo nela como antigamente. Assim seja! Se eles não a protegerem, seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltava inteligência, já que só terão deixado para eles uma terra nua e queimada, impregnada de fumaças de epidemia e cortada por rios de águas sujas!”.

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e genros de *Omama*. São as palavras dele, e as dos *xapiri*, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de *Omama* as colocou em meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi *Omama*. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria.



Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados.⁸ As palavras dos *xapiri* estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de *Omama*. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo. Desde sempre, elas vêm protegendo a floresta e seus habitantes. Agora é minha vez de possuí-las. Mais tarde, elas entrarão na mente de meus filhos e genros, e depois, na dos filhos e genros deles. Então será a vez deles de fazê-las novas. Isso vai continuar pelos tempos afora, para sempre. Dessa forma, elas jamais desaparecerão. Ficarão sempre no nosso pensamento, mesmo que os brancos joguem fora as peles de

papel deste livro em que elas estão agora desenhadas; mesmo que os missionários, que nós chamamos de "gente de Teosi", não parem de dizer que são mentiras. Não poderão ser destruídas pela água ou pelo fogo. Não envelhecerão como as que ficam coladas em peles de imagens tiradas de árvores mortas. Muito tempo depois de eu já ter deixado de existir, elas continuarão tão novas e fortes como agora. São essas palavras que pedi para você fixar nesse papel, para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho. Quem sabe assim eles finalmente darão ouvidos ao que dizem os habitantes da floresta, e começarão a pensar com mais retidão a seu respeito?

~~Utupiyasiki~~ yanomami yane ipa
 utupiyasiki hɣɣiaɪ kaɬonapewamakɔ
 ha.

*Eu, um Yamomani, dou a vocês, os brancos,
 esta pele de imagem que é minha.*

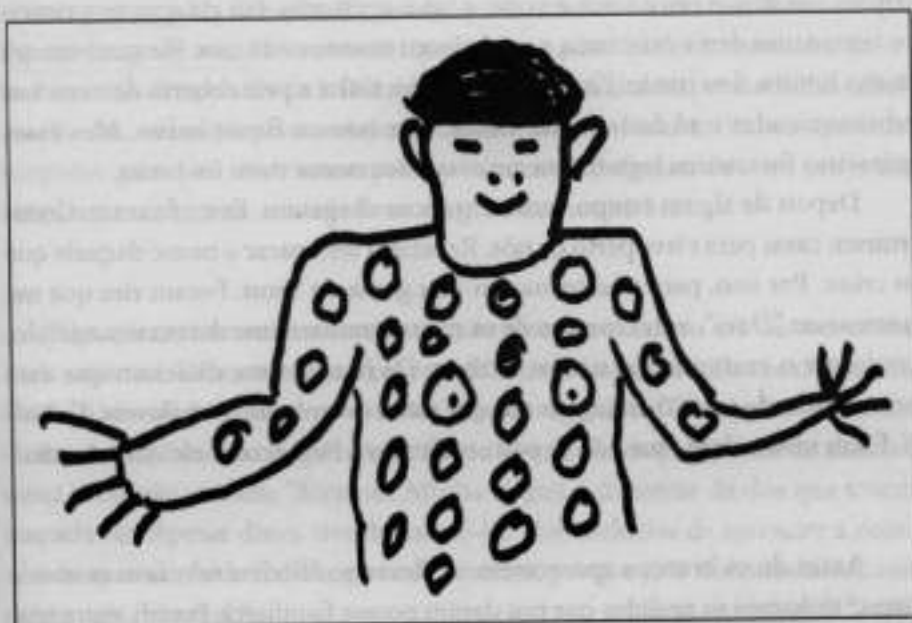


1. Desenhos de escrita



Figura 1

1. Desenhos de escrita



Pintura corporal.

Sem que soubéssemos, forasteiros decidiram subir os rios e entraram em nossa floresta. Não sabíamos nada a seu respeito. Nem sequer sabíamos por que queriam se aproximar de nós. Certo dia, chegaram até nossa casa grande de *Marakana*, no alto Toototobi. Eu era bem pequeno. Quiseram me dar um nome, "Yosi".¹ Mas achei-o muito feio e não aceitei. Soava como o nome de *Yoasi*, o irmão mau de *Omama*. Pensei que tal nome levaria os meus a zombarem de mim. *Omama* tinha muita sabedoria. Ele soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas. Foi ele que, no primeiro tempo, nos deu a existência e estabeleceu nossos costumes. Ele também era muito bonito. Seu irmão *Yoasi*, ao contrário, tinha a pele coberta de manchas esbranquiçadas e só fazia coisas ruins.² Por isso eu fiquei bravo. Mas esses primeiros forasteiros logo foram embora e seu nome ruim foi junto.

Depois de algum tempo, outros brancos chegaram. Esses ficaram. Construíram casas para viver perto de nós. Repetiam sem parar o nome daquele que os criou. Por isso, para nós, tornaram-se a gente de *Teosi*. Foram eles que me nomearam "Davi", antes mesmo de os meus familiares me darem um apelido, conforme o costume dos nossos antigos. Os brancos me disseram que esse nome vinha de peles de imagens em que estão desenhadas as palavras de *Teosi*. É um nome claro, que não se pode maltratar.³ Fiquei com ele desde então.

Antes de os brancos aparecerem na floresta, distribuindo seus nomes a esmo,⁴ tínhamos os apelidos que nos davam nossos familiares. Porém, entre nós, não são nem as mães nem os pais que dão nome às crianças. Estes só se dirigem a seus filhos pequenos com o termo "óse!" [filho/filha], os quais chamam ambos de "napa!" [mãe]. Mais tarde, quando crescerem, chamarão ao pai de outro modo: "h'apa!" [pai!].⁵ São os membros da família,⁶ tios, tias ou avós, que atribuem o apelido à criança. Em seguida, as outras pessoas da casa que o escutaram começam a usá-lo. Depois, a criança cresce com esse apelido e aos poucos ele se espalha de casa em casa. Quando se torna adulta, o nome acaba ficando associado a ela.⁷ Assim, chamaram a um dos irmãos de minha mulher de *Wari*, porque quando era pequeno resolveu plantar de brincadeira uma árvore *wari mahi* atrás de sua casa. Minha mulher foi apelidada *Rãási*, "Doentia", pois ficava enferma a maior parte do tempo. Outros de nós se chamam *Mioti*, "Dorminhoco", *Mamoki prei*, "Olhos grandes", ou *Nakitao*, "Fala alto".⁸

Contudo, na idade adulta, gente de longe, por maldade, às vezes acrescenta outros apelidos aos da infância.⁹ Mas essas são palavras muito feias. Fazem isso só para maltratar as pessoas que designam, pois entre nós é um insulto pronunciar o nome de alguém em sua presença ou diante dos seus.¹⁰ Assim é. Não gostamos de ouvir nosso nome, nem mesmo nosso apelido de criança. Isso nos deixa furiosos de verdade. E se alguém o pronunciar em voz alta, vingamo-nos em seguida, fazendo o mesmo. É assim que trocamos insultos, expondo nossos nomes aos ouvidos de todos. De modo que aceitamos ter nomes, contanto que fiquem longe de nós. São os outros que os usam, sem que saibamos. Mas acontece às vezes de apelidos de infância serem pronunciados na presença das crianças. Porém, assim que elas começam a crescer, isso deve acabar. Na adolescência, ninguém quer mais ouvir esses apelidos. A pessoa fica furiosa de ouvir seu nome ser pronunciado; tem vontade de se vingar e fica muito brava.

Quando me tornei homem, outros brancos resolveram me dar um nome mais uma vez. Dessa vez, era o pessoal da Funai. Começaram a me chamar de Davi "Xiriana". Mas esse novo nome não me agradou. "Xiriana" é como são chamados os Yanomami que vivem no rio Uraricaá, muito distante de onde eu nasci.¹¹ Eu não sou um "Xiriana". Minha língua é diferente da dos que vivem naquele rio. Apesar disso, tive de mantê-lo. Tive inclusive de aprender a desenhá-lo quando fui trabalhar para os brancos, porque já o tinham desenhado numa pele de papel.¹²

Meu último nome, Kopenawa, veio a mim muito mais tarde, quando me tornei mesmo um homem. Esse é um verdadeiro nome yanomami. Não é nem nome de criança nem um apelido que outros me deram. É um nome que ganhei por conta própria.¹³ Na época, os garimpeiros tinham começado a invadir nossa floresta. Tinham acabado de matar quatro grandes homens yanomami, lá onde começam as terras altas, a montante do rio *Hero u*.¹⁴ A Funai me enviou para lá para encontrar seus corpos na mata, no meio de todos aqueles garimpeiros, que bem teriam gostado de me matar também. Não havia ninguém para me ajudar. Tive medo, mas minha raiva foi mais forte. Foi a partir de então que passei a ter esse novo nome.

Só os espíritos *xapiri* estavam do meu lado naquele momento. Foram eles que quiseram me nomear. Deram-me esse nome, Kopenawa, em razão da fúria

que havia em mim para enfrentar os brancos. O pai de minha esposa, o grande homem de nossa casa de *Watoriki*, ao pé da montanha do vento, tinha me feito beber o pó que os xamãs tiram da árvore *yákoana hi*.¹⁵ Sob efeito do seu poder vi descer em mim os espíritos das vespas *kopena*. Disseram-me: "Estamos com você e iremos protegê-lo. Por isso você passará a ter esse nome: *Kopenawa!*". Esse nome vem dos espíritos vespa que beberam o sangue derramado por *Arowē*, um grande guerreiro do primeiro tempo. Meu sogro fez suas imagens descerem e as deu a mim com seu sopro de vida.¹⁶ Foi então que eu pude ver esses espíritos vespa dançarem pela primeira vez.¹⁷ E quando contemplei também a imagem de *Arowē*, de quem só tinha ouvido o nome até então, disse a mim mesmo: "*Haixopé!* Então foi esse antepassado que pôs em nós a coragem guerreira! Esse é o verdadeiro rastro daquele que nos ensinou a bravura!".¹⁸

Arowē nasceu nas terras altas, na floresta daqueles a quem chamamos Gente da Guerra.¹⁹ Era muito agressivo e destemido.²⁰ Atacava sem trégua as casas próximas à sua. A cada vez, os parentes de suas vítimas cercavam-no e, por vingança, flechavam-no, um após o outro. Depois, quando seu sopro parecia ter parado e ele aparentava estar mesmo morto, abandonavam seu cadáver coberto de sangue no chão da floresta. Então, os guerreiros matadores²¹ diziam a si mesmos: "Está bom, ele vai apodrecer aqui e nosso rancor será apaziguado!", e iam embora, satisfeitos com a vingança. A uma dada altura, exaustos, faziam uma parada na mata e, despreocupados, tomavam banho num igarapé. Contudo, o cadáver de *Arowē* sempre voltava à vida depois de ter sido abandonado. Era tão resistente que ninguém podia acabar com ele. Voltava a si e saía no encalço de seus agressores, alcançava-os e flechava-os, até o último. Acontecia sempre do mesmo modo. Ninguém conseguia matar *Arowē*. Ele era mesmo muito tenaz e belicoso.

Com o passar do tempo, seus inimigos, perplexos, perguntavam-se: "O que faremos? Como conseguiremos fazer com que morra para sempre?". Alguém propôs: "Vamos decapitá-lo!". Todos concordaram e se puseram logo a caminho para tentar acabar com ele. Crivaram de novo o corpo de *Arowē* de flechas e, dessa vez, não se contentaram em deixá-lo por morto no chão da floresta. Cortaram-lhe a cabeça e, assim, apesar de todos os seus esforços, *Arowē* não foi mais capaz de escapar da vingança de seus inimigos. Recobrou um sopro de vida e tentou recolocar a própria cabeça no pescoço várias vezes, mas

em vão. Acabou morrendo mesmo. Então, seu fantasma se dividiu e se propagou para longe, em todas as direções. Foi assim que ele nos ensinou a coragem guerreira. Que os brancos não pensem que os Yanomami são valentes à toa. Devemos nossa valentia a *Arowë*.²²

O cadáver decapitado de *Arowë* jazia sobre as folhas secas que cobriam o solo. Todo o seu sangue tinha se esparramado pelo chão, aos poucos. Então, as vespas da floresta se reuniram com as formigas *xiho* e *kaxi* nas folhas ensanguentadas para se fartarem. Foi assim, sorvendo o sangue de *Arowë*, que elas ficaram agressivas, e sua picada, tão dolorosa. Quando vemos um ninho de vespas numa árvore, não ousamos chegar perto. São muitas as vespas na mata, e outras tantas suas imagens. Por isso também as fazemos descer como espíritos *xapiri*, para atacar os seres maléficos²³ ou flechar os *xapiri* guerreiros dos xamãs distantes. Passei a ter o nome de Kopenawa porque se parece com o dos espíritos vespa cujas imagens vi beber o sangue do grande guerreiro *Arowë* quando tomei o pó de *yákoana*. Assim recebi esse nome para defender os meus e proteger nossa terra, pois foi *Arowë*, no primeiro tempo, que ensinou a bravura a nossos antepassados.

Se os brancos não tivessem entrado em nossa floresta quando eu era criança, com certeza eu teria me tornado um guerreiro e, tomado pela raiva, teria flechado outros Yanomami por vingança. Cheguei a pensar nisso. Mas nunca matei ninguém. Sempre contive meus maus pensamentos acima de mim e fiquei quieto, lembrando-me dos brancos. Dizia a mim mesmo: "Se eu flechar um dos nossos, esses forasteiros que cobiçam a floresta dirão que sou mau e não tenho nenhuma sabedoria. Não farei isso, porque são eles que nos matam com suas doenças e suas espingardas. Hoje, é contra eles que devo dirigir meu rancor".

Assim, pouco a pouco, meu nome foi ficando mais longo. Primeiro foi Davi, o nome que os brancos me atribuíram na infância, depois foi Kopenawa, o que me deram mais tarde os espíritos vespa. E por fim acrescentei Yanomami, que é palavra sólida que não pode desaparecer, pois é o nome do meu povo. Eu não nasci numa terra sem árvores. Minha carne não vem do esperma de um branco.²⁴ Sou filho dos habitantes das terras altas da floresta e caí no solo da vagina de uma mulher yanomami. Sou filho da gente à qual *Omama* deu a existência no primeiro tempo. Nasci nesta floresta e sempre vivi nela. Hoje, meus filhos e netos, por sua vez, nela crescem. Por isso meus dizeres são os de um verdadeiro yanomami. São palavras que me ficaram na solidão, depois da morte de meus

antigos. São palavras que os espíritos me deram em sonho e também palavras que vieram a mim escutando as maledicências dos brancos a nosso respeito. Estão enraizadas com firmeza no fundo de meu peito. São essas as palavras que eu gostaria de fazer ouvir, agora, com a ajuda de um branco que pode fazer com que sejam escutadas por aqueles que não conhecem nossa língua.

Vocês não me conhecem e nunca me viram. Vivem numa terra distante. Por isso quero que conheçam o que os nossos antigos me ensinaram. Quando eu era mais jovem, não sabia nada. Depois, pouco a pouco, comecei a pensar por conta própria. Hoje, todas as palavras que os antigos possuíam antes de mim são claras em minha mente. São palavras desconhecidas pelos brancos, que guardamos desde sempre. Desejo, portanto, falar-lhes do tempo muito remoto em que os ancestrais animais se metamorfosearam e do tempo em que *Omama* nos criou, quando os brancos ainda estavam muito longe de nós. No primeiro tempo, o dia não acabava nunca. A noite não existia. Para copular sem serem vistos, nossos ancestrais tinham de se esconder na fumaça de suas fogueiras. Afinal flecharam os grandes pássaros da noite, os *Titi kiki*, que choravam nomeando os rios, para que a escuridão descesse sobre eles.²⁵ Além disso, eles se transformavam em caça sem parar. Assim, foi depois de todos terem virado animais, depois de o céu ter caído, que *Omama* nos criou tais como somos hoje.²⁶

Nossa língua é aquela com a qual ele nos ensinou a nomear as coisas. Foi ele que nos deu a conhecer as bananas, a mandioca e todo o alimento de nossas roças,²⁷ bem como todos os frutos das árvores da floresta. Por isso queremos proteger a terra em que vivemos. *Omama* a criou e deu a nós para que vivêssemos nela. Mas os brancos se empenham em devastá-la, e, se não a defendermos, morreremos com ela.

Nossos antepassados foram criados nesta floresta há muito tempo. Ainda não sei muito a respeito desse primeiro tempo. Por isso penso muito nele. Assim meus pensamentos, quando estou só, nunca são calmos. Busco no fundo de mim as palavras desse tempo distante em que os meus vieram a existir. Pergunto-me como seria a floresta quando era ainda jovem e como viviam nossos ancestrais antes da chegada das fumaças de epidemia²⁸ dos brancos. Tudo o que sei é que, quando essas doenças ainda não existiam, o pensamento

de nossos maiores era muito forte. Viviam na amizade entre os seus e guerreavam para se vingar de inimigos. Eram como *Omama* os havia criado.

Hoje, os brancos acham que deveríamos imitá-los em tudo. Mas não é o que queremos. Eu aprendi a conhecer seus costumes desde a minha infância e falo um pouco a sua língua. Mas não quero de modo algum ser um deles. A meu ver, só poderemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmos se transformarem em Yanomami. Sei também que se formos viver em suas cidades, seremos infelizes. Então, eles acabarão com a floresta e nunca mais deixarão nenhum lugar onde possamos viver longe deles. Não poderemos mais caçar, nem plantar nada. Nossos filhos vão passar fome. Quando penso em tudo isso, fico tomado de tristeza e de raiva.



Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. O mesmo ocorre com as palavras dos espíritos *xapiri*, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim. Nossos xamãs mais antigos nos dizem: "Agora é sua vez de responder ao chamado dos espíritos. Se pararem de fazê-lo, ficarão ignorantes. Perderão seu pensamento e por mais que tentem chamar a imagem de *Teosi* para arrancar seus filhos dos seres maléficos, não conseguirão".

As palavras de *Omama* e as dos *xapiri* são as que prefiro. Essas são minhas de verdade. Nunca irei rejeitá-las. O pensamento dos brancos é outro. Sua memória é engenhosa, mas está enredada em palavras esfumadas e obscuras. O caminho de sua mente costuma ser tortuoso e espinhoso. Eles não conhecem

de fato as coisas da floresta. Só contemplam sem descanso as peles de papel em que desenharam suas próprias palavras. Se não seguirem seu traçado, seu pensamento perde o rumo. Enche-se de esquecimento e eles ficam muito ignorantes. Seus dizeres são diferentes dos nossos. Nossos antepassados não possuíam peles de imagens e nelas não inscreveram leis. Suas únicas palavras eram as que pronunciavam suas bocas e eles não as desenhavam, de modo que elas jamais se distanciavam deles. Por isso os brancos as desconhecem desde sempre.

Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro de vida de meus antigos com o pó de *yākoana* que me deram. Foi desse modo que me transmitiram também o sopro dos espíritos que agora multiplicam minhas palavras e estendem meu pensamento em todas as direções. Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. Se isso ocorrer, os nossos não mais morrerão em silêncio, ignorados por todos, como jabutis escondidos no chão da floresta.

A imagem de *Omama* disse a nossos antepassados: "Vocês viverão nesta floresta que criei. Comam os frutos de suas árvores e cacem seus animais. Abram roças para plantar bananeiras, mandioca e cana-de-açúcar. Deem grandes festas *reahu!*²⁹ Convidem uns aos outros, de diferentes casas, cantem e ofereçam muito alimento aos seus convidados!". Não disse a eles: "Abandonem a floresta e entreguem-na aos brancos para que a desmatem, escavem seu solo e sujem seus rios!". Por isso quero mandar minhas palavras para longe. Elas vêm dos espíritos que me acompanham, não são imitações de peles de imagens que olhei. Estão bem fundo em mim. Faz muito tempo que *Omama* e nossos ancestrais as depositaram em nosso pensamento e desde então nós as temos guardado. Elas não podem acabar. Se as escutarem com atenção, talvez os brancos parem de achar que somos estúpidos. Talvez compreendam que é seu próprio pensamento que é confuso e obscuro, pois na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores e máquinas. Por isso suas ideias costumam ser obstruídas e enfumaçadas. Eles dormem sem sonhos, como machados largados no chão de uma casa. Enquanto isso, no silêncio da floresta, nós,

xamás, bebemos o pó das árvores *yakoana hi*, que é o alimento dos *xapiri*. Estes então levam nossa imagem para o tempo do sonho. Por isso somos capazes de ouvir seus cantos e contemplar suas danças de apresentação enquanto dormimos. Essa é a nossa escola, onde aprendemos as coisas de verdade.

Omama não nos deu nenhum livro mostrando os desenhos das palavras de *Teosi*, como os dos brancos. Fixou suas palavras dentro de nós. Mas, para que os brancos a possam escutar, é preciso que sejam desenhadas como as suas. Se não for assim, seu pensamento permanece oco. Quando essas antigas palavras apenas saem de nossas bocas, eles não as entendem direito e as esquecem logo. Uma vez coladas no papel, permanecerão tão presentes para eles quanto os desenhos das palavras de *Teosi*, que não param de olhar.³⁰ Isso talvez os faça dizer: "É verdade, os Yanomami não existem à toa. Não caíram do céu. Foi *Omama* que os criou para viverem na floresta". Por enquanto, os brancos continuam mentindo a nosso respeito, dizendo: "Os Yanomami são ferozes. Só pensam em fazer guerra e roubar mulheres. São perigosos!". Tais palavras são nossas inimigas e nós as odiamos. Se fôssemos ferozes de verdade, forasteiro algum jamais teria vivido entre nós.³¹ Ao contrário, tratamos com amizade os que vieram à nossa terra para nos visitar. Moraram em nossas casas e comeram nossa comida. Essas palavras torcidas são mentiras de maus convidados. Ao retornarem a suas casas, poderiam ter dito a todos, ao contrário: "Os Yanomami amarraram minha rede em sua casa e com generosidade me ofereceram sua comida. Que vivam na floresta como seus antepassados antes deles! Que seus filhos sejam muitos e sempre saudáveis! Que continuem caçando, dando festas *reahu* e fazendo dançar seus espíritos *xapiri*!".

Em vez disso, nossas palavras foram enredadas numa língua de fantasma, cujos desenhos tortos se espalharam entre os brancos, por toda parte. E acabaram voltando para nós. Foi doloroso e revoltante para nós, pois tornaram-se palavras de ignorância. Não queremos mais ouvir essas velhas palavras a nosso respeito. Pertencem aos maus pensamentos dos brancos. Tampouco quero ouvi-los repetir: "As palavras dos Yanomami para defender a floresta são mentira. Ela logo estará vazia. Eles são poucos e vão todos virar brancos!". Por isso quero fazer com que essas palavras ruins sejam esquecidas e substituídas pelas

minhas, que são novas e direitas. Ao escutá-las, os brancos não poderão mais pensar que somos como seres maléficos ou caça na floresta.

Quando seus olhares acompanharem o traçado de minhas palavras, vocês saberão que estamos ainda vivos, pois a imagem de *Omama* nos protege. Então, poderão pensar: "Eis aí belas palavras! Os Yanomami continuam vivendo na floresta como seus antepassados. Residem em grandes malocas, onde dormem em suas redes, perto de suas fogueiras. Comem banana e mandioca de suas roças. Flecham os animais na floresta e pescam peixes em seus rios. Preferem sua comida aos alimentos mofados dos brancos, fechados em caixinhas de ferro ou estojos de plástico. Convidam uns aos outros, de casas diferentes, para dançar durante suas grandes festas *reahu*. Fazem descer seus espíritos *xapiri*. Falam sua própria língua. Seus cabelos e olhos continuam semelhantes aos de *Omama*. Não viraram brancos. Continuam vivendo nas mesmas terras que, do alto de nossos aviões, parecem vazias e silenciosas. Nossos pais já causaram a morte de muitos de seus maiores. Não devemos continuar nesse mau caminho".³²

Longe de nossa floresta, há muitos outros povos além de nós. Contudo, nenhum deles tem um nome semelhante ao nosso. Por isso devemos continuar vivendo na terra em que *Omama* nos deixou no primeiro tempo. Somos seus filhos e genros. Mantemos o nome que nos deu. Desde que nos encontraram, os brancos não param de nos perguntar: "Quem são vocês? De onde vêm? Como se chamam?". Querem saber o que nosso nome, Yanomami, significa. Por que tamanha insistência? Alegam que é para pensar direito. Achamos que, ao contrário, isso é ruim para nós. Que resposta lhes daremos?³³ Queremos proteger nosso nome. Não nos agrada repeti-lo a torto e a direito. Seria maltratar a imagem de *Omama*. Não é assim que falamos. Por isso, ninguém quer responder às suas perguntas.

Somos habitantes da floresta. Nossos ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes de os meus pais nascerem, e muito antes do nascimento dos antepassados dos brancos. Antigamente, éramos realmente muitos e nossas casas eram muito grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com suas fumaças de epidemia e suas espingardas. Ficamos tristes, e sentimos a raiva do luto demasiadas vezes no passado. Às vezes

até tememos que os brancos queiram acabar conosco. Porém, a despeito de tudo isso, depois de chorar muito e de pôr as cinzas de nossos mortos em esquecimento,³⁴ podemos ainda viver felizes. Sabemos que os mortos vão se juntar aos fantasmas de nossos antepassados nas costas do céu, onde a caça é abundante e as festas não acabam. Por isso, apesar de todos esses lutos e prantos, nossos pensamentos acabam se acalmando. Somos capazes de caçar e de trabalhar de novo em nossas roças. Podemos recomeçar a viajar pela floresta e a fazer amizade com as pessoas de outras casas. Recomeçamos a rir com nossos filhos, a cantar em nossas festas *realhu* e a fazer dançar os nossos espíritos *xapiri*. Sabemos que eles permanecem ao nosso lado na floresta e continuam mantendo o céu no lugar.



2. O primeiro xamã



O filho de Omama.

Foi *Omama* que criou a terra e a floresta, o vento que agita suas folhas e os rios cuja água bebemos. Foi ele que nos deu a vida e nos fez muitos. Nossos maiores nos deram a ouvir seu nome desde sempre. No começo, *Omama* e seu irmão *Yoasi* vieram à existência sozinhos. Não tiveram pai nem mãe. Antes deles, no primeiro tempo, havia apenas a gente que chamamos *yarori*.¹ Esses ancestrais eram humanos com nomes de animais e não paravam de se transformar. Assim, foram aos poucos se tornando os animais de caça que hoje flechamos e comemos. Então, foi a vez de *Omama* vir a existir e recriar a floresta, pois a que havia antes era frágil. Virava outra sem parar, até que, finalmente, o céu desabou sobre ela. Seus habitantes foram arremessados para debaixo da terra e se tornaram vorazes ancestrais de dentes afiados a quem chamamos *aōpatari*.²

Por isso *Omama* teve de criar uma nova floresta, mais sólida, cujo nome é *Hutukara*. É também esse o nome do antigo céu que desabou outrora. *Omama* fixou a imagem dessa nova terra e esticou-a aos poucos, cuidadosamente, do mesmo modo como espalhamos o barro para fazer placas de cerâmica *mahe*.³ Em seguida, cobriu-a com pequenos traços apertados, pintados com tintura de urucum, parecidos com desenhos de palavras. Depois, para evitar que desabasse, plantou nas suas profundezas imensas peças de metal, com as quais também fixou os pés do céu.⁴ Sem isso, a terra teria ficado arenosa e quebradiça e o céu não teria permanecido no lugar. Mais tarde, com o metal que ficou, depois de fazer com que ficasse inofensivo, *Omama* também fabricou as primeiras ferramentas de nossos ancestrais.⁵ Finalmente, assentou as montanhas na superfície da terra, para evitar que as ventanias de tempestade a fizessem tremer e assustassem os humanos. Também desenhou o primeiro sol, para nos dar luz. Mas era por demais ardente e ele teve de rejeitá-lo, destruindo sua imagem. Então, criou aquele que vemos até hoje no céu, bem como as nuvens e a chuva, para poder interpô-los quando esquenta demais. Isso ouvi os antigos contarem.

Omama criou também as árvores e as plantas, espalhando no solo, por toda parte, as sementes de seus frutos. Os grãos germinaram na terra e deram origem a toda a floresta em que vivemos desde então. Foi assim que cresceram as palmeiras *hoko si*, *maima si* e *rioko si*, as árvores *apia hi*, *komatima hi*, *maki-na hi*, *oruxi hi* e todas as outras de que tiramos nosso alimento. No início, seus galhos eram nus. Depois, frutos se formaram. Então, *Omama* criou as abelhas,

que vieram morar nelas e sorver o néctar das flores com que produzem seus vários tipos de mel.

No início, também não existiam os rios; as águas corriam debaixo da terra, bem fundo. Só se ouvia seu ronco, ao longe, como o de fortes corredeiras. Formavam um enorme rio que os xamãs nomeiam *Motu uri u*. Certo dia, *Omama* trabalhava em sua roça com o filho, que começou a chorar de sede. Para matar-lhe a sede, ele perfurou o solo com uma barra de metal.⁶ Quando a tirou da terra, a água começou a jorrar violentamente em direção ao céu e jogou para longe o menino que se aproximara para bebê-la. Lançou também para o céu todos os peixes, raias e jacarés. Subiu tão alto que um outro rio se formou nas costas do céu, onde vivem os fantasmas de nossos mortos. Em seguida, a água foi se acumulando na terra e começou a correr em todas as direções, formando os rios, os igarapés e os lagos da floresta.

No início, nenhum ser humano vivia ali. *Omama* e seu irmão *Yoasi* viviam sozinhos. Nenhuma mulher existia ainda. Os dois irmãos só vieram a conhecer a primeira mulher muito mais tarde, quando *Omama* pescou a filha de *Tēpērē-siki* num grande rio.⁷ No início, *Omama* copulava na dobra do joelho de seu irmão *Yoasi*. Com o passar do tempo, a panturrilha deste ficou grávida, e foi assim que *Omama* primeiro teve um filho.⁸ Porém, nós, habitantes da floresta, não nascemos assim. Nós saímos, mais tarde, da vagina da esposa de *Omama*, *T^huēyoma*,⁹ a mulher que ele tirou da água. Os xamãs fazem descer sua imagem desde sempre. Chamam-na também *Paonakare*. Era um ser peixe que se deixou capturar na forma de uma mulher. Assim é. Se *Omama* não a tivesse pescado no rio, talvez os humanos continuassem a copular atrás do joelho!

Mais tarde, *Omama* ficou furioso com seu irmão *Yoasi*, porque este, contra a sua vontade, tinha feito surgir na floresta os seres maléficis das doenças, os *nē wāri*,¹⁰ e também os da epidemia *xawara*, que, como eles, são comedores de carne humana. *Yoasi* era mau e seu pensamento, cheio de esquecimento. *Omama* era quem tinha criado o sol que não morre nunca. Não falo aqui do sol *mo^hoka*, cujo calor cobre a floresta, e que é visto pelas pessoas comuns, mas da imagem do sol.¹¹ Assim é. O sol e a lua têm imagens que só os xamãs são capazes de fazer descer e dançar. Elas têm a aparência de humanos, como nós, mas os brancos não são capazes de conhecê-las.

Omama queria que fôssemos imortais, como o ser sol chamado de *Mo^hokari*¹² pelos xamãs. Queria fazer bem as coisas e pôr em nós um sopro de

vida realmente sólido. Por isso, buscou na floresta uma árvore de madeira dura para colocá-la de pé e imitar a forma de sua esposa. Escolheu para tanto uma árvore fantasma *pore hi*, cuja pele se renova continuamente. Queria introduzir a imagem dessa árvore em nosso sopro de vida, para que este permanecesse longo e resistente.¹³ Assim, quando envelhecêssemos, poderíamos mudar de pele e esta ficaria sempre lisa e jovem. Teria sido possível rejuvenescer continuamente e não morrer nunca. Era o que *Omama* desejava. No entanto, *Yoasi*, aproveitando-se da ausência do irmão, tratou de colocar na rede da mulher de *Omama* a casca de uma árvore de madeira fibrosa e mole, a que chamamos *kotopori usihi*. Então, a casca acabou se dobrando num lado da rede e começou a pender para o chão. Imediatamente, os espíritos tucano começaram a entoar seus pungentes lamentos de luto.¹⁴ *Omama* ouviu-os e ficou furioso com o irmão. Mas era tarde demais, o mal estava feito. *Yoasi* tinha nos ensinado a morrer para sempre. Tinha introduzido a morte, esse ser maléfico, em nossa mente e em nosso sopro,¹⁵ que por esse motivo se tornaram tão frágeis. Desde então, os humanos estão sempre perto da morte. Também por isso às vezes chamamos os brancos de *Yoasi t'ëri*. Gente de *Yoasi*. Suas mercadorias, suas máquinas e suas epidemias, que não param de nos trazer a morte, também são, para nós, rastros do irmão mau de *Omama*.



Foi também *Yoasi* que criou o ser lua *Poriporiri*. Por isso este também não para de morrer. *Poriporiri* é um homem que viaja todas as noites através da imensidão do céu, sentado em sua canoa, como uma espécie de avião. No começo, é um rapaz, mas, dia após dia, vai envelhecendo. Quando termina sua viagem, está seco e seus cabelos ficaram brancos. Ele acaba morrendo. Então, suas filhas começam a chorar por ele sem descanso, junto com os espíritos tucano. Suas lágrimas se tornam fortes chuvas que caem longamente na flores-

ta. Depois de algum tempo, quando o corpo do pai já se decompôs, elas recolhem seus ossos com cuidado. Então eles desabrocham novamente e *Poriporiri* volta à vida. Assim é. O ser lua é também coisa da morte. *Yoasi* quis assim porque lhe faltava sabedoria. *Omama*, ao contrário, queria realmente que fôssemos eternos. Se tivesse estado só, não morreríamos jamais e nosso sopro de vida sempre teria o mesmo vigor. Mas não foi assim e, infelizmente, *Yoasi* fez nossos ancestrais se tornarem outros.

Por isso *Omama* finalmente criou os *xapiri*, para podermos nos vingar das doenças¹⁶ e nos proteger da morte a que nos sujeitou seu irmão mau. Então ele criou os espíritos da floresta *urihinari*, os espíritos das águas *máu unari* e os espíritos animais *yarori*. Depois, escondeu-os, até que seu filho se tornasse xamã, no topo das montanhas e nas profundezas do mato. Antes, eu achava que os *xapiri* tinham vindo a existir por si sós, mas estava enganado. Mais tarde, quando pude vê-los e ouvir seus cantos, realmente entendi quem eram. O pai de minha esposa conta também que foi a esposa de *Omama*, a mulher das águas, quem primeiro pediu que os *xapiri* fossem trazidos à existência. Somos seus filhos e nossos antepassados tornaram-se numerosos a partir dela. Por isso, depois de ter procriado, perguntou ao marido: "O que faremos para curar nossos filhos se ficarem doentes?". Era essa a sua preocupação. O pensamento do marido, *Omama*, continuava no esquecimento. Por mais que seu espírito buscasse, ele se perguntava em vão o que poderia ainda criar. A mulher das águas lhe disse então: "Pare de ficar aí pensando, sem saber o que fazer. Crie os *xapiri*, para curarem nossos filhos!". *Omama* concordou: "*Awei!* São palavras sensatas. Os espíritos irão afugentar os seres maléficos. Arrancarão deles a imagem dos doentes e as trarão de volta para seus corpos!". Foi assim que ele fez aparecer os *xapiri*, tão numerosos e poderosos quanto os conhecemos hoje.

Mais tarde, o filho de *Omama* tornou-se um rapaz e seu pai quis que ele aprendesse a fazer dançar os *xapiri* para poder tratar os seus. Buscou uma árvore *yákoana hi* na floresta e disse ao filho: "Com esta árvore, você irá preparar o pó de *yákoana!* Misture com as folhas cheirosas *maxara hana* e as cascas das árvores *ama hi* e *amat'a hi* e depois beba! A força da *yákoana* revela a voz dos *xapiri*. Ao bebê-la, você ouvirá a algazarra deles e será sua vez de virar espírito!".

Depois, soprou *yákoana* nas narinas do filho com um tubo de palmeira *horoma*.¹⁷ *Omama* então chamou os *xapiri* pela primeira vez e disse: "Agora, é sua vez de fazê-los descer. Se você se comportar bem e eles realmente o quiserem, virão a você para fazer sua dança de apresentação e ficarão ao seu lado. Você será o pai deles. Assim, quando seus filhos adoecerem, você seguirá o caminho dos seres maléficos que roubaram suas imagens para combatê-los e trazê-las de volta! Você também fará descer o espírito *japim ayokora*¹⁸ para regurgitar os objetos daninhos que você terá arrancado de dentro dos doentes. Assim você poderá realmente curar os humanos!". Foi desse modo que *Omama* revelou a seu filho — o primeiro *xamá* — o uso da *yákoana* e lhe ensinou a ver os espíritos que acabara de trazer à existência. Nossos maiores continuaram a seguir o rastro de suas palavras até hoje. Por isso, continuamos a beber *yákoana* para fazer os *xapiri* dançar. Não fazemos isso à toa. Fazemos porque somos habitantes da floresta, filhos e genros de *Omama*.

O filho de *Omama* escutou atentamente as palavras do pai e concentrou seu pensamento nos *xapiri*. Entrou em estado de fantasma e tornou-se outro.¹⁹ Então pôde contemplar a beleza da dança de apresentação dos espíritos. Tornou-se *xamá* depressa, porque soube demonstrar amizade a todos. Os *xapiri* já tinham o olhar fixado nele desde que era bem pequeno e seu pai tinha falado a respeito deles muitas vezes. Agora, tinha crescido e eles finalmente tinham vindo em grande número. Podia vê-los descer, resplandcentes de luz, e escutar seus cantos melódiosos. Então, exclamou: "Pai! Agora conheço os espíritos e eles se juntaram do meu lado! De agora em diante, os humanos vão poder se multiplicar e combater as doenças!". *Omama* era o único a conhecer os *xapiri* e os deu ao filho porque, se morresse sem ter ensinado suas palavras, jamais teria havido *xamãs* na floresta. Não queria que os humanos ficassem sem nada e causassem dó. Por isso, fez de seu filho o primeiro *xamá*. Deixou-lhe o caminho dos *xapiri* antes de desaparecer. Foi o que ele quis.

Disse a ele estas palavras: "Com estes espíritos, você protegerá os humanos e seus filhos, por mais numerosos que sejam. Não deixe que os seres maléficos e as onças venham devorá-los. Impeça as cobras e escorpiões de picá-los. Afaste deles as fumaças de epidemia *xawara*. Proteja também a floresta. Não deixe que se transforme em caos. Impeça as águas dos rios de afundá-la e a chuva de inundá-la sem trégua. Afaste o tempo encoberto e a escuridão. Segure o céu, para que não desabe. Não deixe os raios caírem na terra e acalme a gritaria dos

trovões! Impeça o ser tatu-canastra *Wakari* de cortar as raízes das árvores e o ser do vendaval *Yariporari* de vir flechá-las e derrubá-las!²⁰ Essas foram as palavras que *Omama* deu ao filho. Por isso, até hoje os xamãs continuam defendendo os seus e a floresta. Mas também protegem os brancos, apesar de serem outra gente, e todas as terras, até as mais imensas e distantes.

O filho de *Omama* primeiro tomou *yákoana* com o pai. Depois continuou a bebê-la sozinho, mais e mais, para chamar cada vez mais espíritos e poder conhecer todos os seus cantos. Era deslumbrante quando fazia dançar suas imagens. Era um rapaz muito bonito, tinha a pele coberta de urucum bem vermelho e desenhos de um negro brilhante. Suas braçadeiras de crista de mutum prendiam muitas caudais de arara-vermelha, pingentes de rabo de tucano e buquês de penas *paixi*.²¹ Tinha os olhos escuros, e os cabelos cobertos de penugem *hōromae*, de um branco resplandecente.²² Tinha também uma pele de rabo de macaco cuxiú-negro em torno da cabeça.²² Dançava lentamente, com as costas bem curvadas para trás. Ver a beleza dos *xapiri* o enchia de felicidade. Chamava-os e os fazia descer sem parar. Trazia-os no pensamento, de verdade. Era assim porque tinha sido gerado pelo esperma de *Omama*, que é o criador dos *xapiri*.

Acho que o filho de *Omama*, hoje, está morto. Sua imagem, porém, ainda existe, muito longe daqui, onde os rios deságuam, do lado do nascer do sol, ou talvez no céu. Eu a vi no tempo do sonho, junto com a de nossa floresta, aos prantos. Esta, doente e transformada em fantasma pelas fumaças de epidemia, pedia aos *xapiri* para curá-la e acabar com o sofrimento causado pelo furor dos brancos. Implorava-lhes que limpassem as árvores e tornassem suas folhas brilhantes de novo; que fizessem crescer suas flores e lhe devolvessem a fertilidade. Dizia a eles: "Vocês são meus, devem vingar-me!". Vejo tudo isso em sonho porque, tornado fantasma com a *yákoana* durante o dia, o meu interior se transformou.²³ Senão, eu não poderia falar assim.

O filho de *Omama* foi o primeiro a virar espírito, antes de qualquer outro. Foi o primeiro a estudar e a ver as coisas com a *yákoana*. Depois dele, muitos de nossos ancestrais se tornaram xamãs. Ele lhes mostrou como fazer dançar os espíritos. Disse a eles, como *Omama* lhe havia ensinado: "Quando os seres maléficos da floresta capturarem a imagem de seus filhos para devorá-la,²⁴ os

xapiri irão recuperá-la e vingá-los!”. Foi seguindo essas palavras que os nossos maiores se puseram a beber pó de *yákoana* e a admirar o esplendor dos espíritos. É isso que fazemos até hoje. Por isso é tão comum ver os *xamãs* trabalhando em nossas casas.²⁵ Sem eles, seriam vazias e silenciosas. Assim é. Essas palavras são antigas mas nunca vão desaparecer, porque são muito bonitas e o valor delas é muito alto.



3. O olhar dos *xapiri*



Espírito xapiri.

Quando eu era bem pequeno, meu pensamento ainda estava no esquecimento. Entretanto, costumava ver em sonho seres assustadores que chamamos *yai t'ë*.¹ Por isso era comum me ouvirem falar e chorar durante a noite. Vivíamos então em *Marakana*, uma antiga casa no alto rio Toototobi.² Só alguns meninos de nossa casa sonhavam assim. Não sabíamos o que nos atrapalhava o sono, mas eram já os *xapiri* que vinham a nós. Por isso, mais tarde, uma vez adultos, quisemos beber o pó de *yākoana* para nos tornarmos xamãs. As outras crianças cresceram sem jamais ter entendido o que nos *amedrontava* tanto.

Foi nessa época que vi os espíritos pela primeira vez. Era noite, e o calor do fogo me adormecia aos poucos na rede de minha mãe. Passado algum tempo, as imagens dos *xapiri* começaram a descer em minha direção. Faziam com que eu me tornasse fantasma e me enviavam o sonho.³ Um caminho de luz se estendia então diante de meus olhos, e seres desconhecidos vinham ao meu encontro. Pareciam surgir de muito longe, mas eu conseguia enxergá-los. Pareciam humanos minúsculos, com os cabelos cobertos de penugem branca e uma faixa de rabo de macaco cuxiú-negro amarrada ao redor da testa.

Aproximavam-se bem devagar, mergulhados numa luz ofuscante, agitando folhas de palmeira *hoko si* amarelas. Com enfeites de caudais de arara-vermelha e uma profusão de buquês de penas *paixi* brilhantes e coloridas nos braços, cobertos de urucum, lançavam gritos ensurdecedores, como um grupo de convidados chegando a uma festa *reahu*. Eram muitos, e fixavam seus olhos sobre mim. Era bonito, mas assustador, pois eu jamais tinha visto espíritos até então.

Quando eles por fim se aproximavam de mim, meu ventre caía de medo. Eu não entendia o que estava acontecendo comigo. Começava a chorar e gritar, chamando minha mãe. Depois, acordava em sobressalto e ouvia sua voz doce dizendo: "Não chore. Você não vai mais sonhar, não tenha medo. Agora, durma sem chorar. Acalme-se". Muito mais tarde, já xamã, compreendi que os seres inquietantes que tinha visto em meus sonhos eram espíritos de verdade. Então, pensei: "Eram os *xapiri* mesmo que vinham a mim! Por que não respondi a eles antes?"⁴

Naquele tempo, os espíritos vinham me visitar o tempo todo. Queriam mesmo dançar para mim; mas eu tinha medo deles. Esses sonhos duraram toda a minha infância, até eu me tornar adolescente. Primeiro, eu via a claridade cintilante dos *xapiri* se aproximando, depois eles me pegavam e me leva-

vam para o peito do céu. É verdade, eu costumava sobrevoar a floresta em meus sonhos! Meus braços se transformavam em asas, como as de uma grande arara-vermelha. Eu podia então contemplar o topo das árvores abaixo de mim, como de um avião. Mas às vezes, de repente, começava a despencar no vazio e entrava em pânico. Então meu sonho era interrompido e eu acordava aos prantos.

Não era à toa que eu sonhava que voava com tanta frequência. Os *xapiri* não paravam de carregar minha imagem para as alturas do céu com eles. É o que acontece quando eles observam com afeto uma criança adormecida para que se torne um xamã. Dizem a si mesmos: "Mais tarde, quando ela crescer, dançaremos ao seu lado!"; e continuam prestando atenção. Assim, não param de fazê-la sonhar, e de assustá-la. Por isso ela vira fantasma quando dorme. Não está doente, mas se agita na rede, chorando e gritando. A ponto de alguns adultos da casa ficarem irritados por serem acordados pela choradeira. Mas não é manha. Só as crianças que veem os *xapiri* em sonho gritam durante a noite. Não fosse por isso, dormiriam sossegadas, como as outras crianças.

Em meus sonhos, os espíritos amarravam as cordas de minha rede bem alto no céu. Era como se longas antenas de rádio fossem esticadas ao meu lado e funcionassem como caminhos para os *xapiri* e seus cantos chegarem até mim, assim como o caminho das palavras do telefone dos brancos. Eu ficava deitado, bem calmo, mas sentia minha rede crescendo e crescendo. Depois, era como se eu também estivesse ficando cada vez maior, junto com ela. Apesar de eu não passar de um menino, tinha a sensação de ficar imenso. Olhava ao meu redor, mas tudo o que via era um grande vazio. Dava vertigem. O peito do céu parecia estar perto, ao alcance de minhas mãos. Vinha de lá um rumor, como o da gritaria dos grupos de dançarinos nas festas *reahu*: "Aô! Aô! Aô!". Eram os *xapiri* que vinham na minha direção, dançando, mas eu não conseguia distingui-los ainda muito bem. Depois de algum tempo, tudo cessava. Eu começava a acordar, com dificuldade, ainda me sentindo enorme. Então, quando eu voltava ao tamanho normal, pensava, aflito: "Continuo pequeno! Como é que eu pude ficar tão enorme?", e acabava voltando a dormir.

Em outros momentos, eu via de novo a floresta a partir do peito do céu. Porém, dessa vez, uma grande montanha de pedra aparecia de repente, tão alta quanto a que se vê de nossa casa de *Watoriki*. Elevava-se em silêncio, perto de mim. Na verdade, estava bem distante, mas sua imagem quase tocava em mim. Eu não tirava os olhos de suas encostas. Tinha medo, e me perguntava:

"O que é isso? O que está acontecendo comigo?". Bem mais tarde, compreendi por que costumava ver essa serra de pedra em sonho. *Omama* criou as montanhas para esconder o caminho que tomou ao fugir. Elas não estão na floresta à toa. Embora pareçam ser impenetráveis aos olhos de quem não é xamã, na verdade são casas de espíritos.⁵ Contudo, naquele tempo, eu era bem pequeno, e não sabia nada a esse respeito. Não sabia ainda quem são os *xapiri*, nem mesmo sabia de verdade que existiam!

Também costumava sonhar que animais me atacavam na floresta. O primeiro que me lembro de ter visto foi uma grande anta. Parecia muito ameaçadora e começou a me perseguir. Eu tive medo de ser pisoteado, por isso subi depressa numa árvore, para escapar. Mas ela começou a crescer cada vez mais e, por fim, me alcançou nas alturas. Agachado num galho, imóvel, eu a observava se aproximando, morto de medo. Então, no momento exato em que ia me pegar, gritei e acordei de repente. Mais tarde entendi que era a imagem do ancestral Anta, *Xamari*, que queria dançar para mim.⁶

Também costumava ser aterrorizado em sonho por uma enorme onça. Ela seguia minhas pegadas na floresta e se acercava cada vez mais. Eu corria o mais rápido possível, mas não conseguia despistá-la. Acabava tropeçando na vegetação emaranhada e caía diante dela, que então pulava sobre mim. Mas bem no instante em que ela ia me comer eu acordava, chorando. Às vezes, eu tentava fugir dela trepando numa árvore. Mas ela vinha atrás de mim, subindo pelo tronco com suas garras afiadas. Amedrontado, eu me escondia nos galhos mais altos. Não tinha mais para onde escapar. A única coisa que eu podia fazer para me salvar era me jogar do alto da árvore na qual eu tinha me refugiado. Desesperado, eu agitava os braços no vazio, como asas, e, de repente, conseguia voar! Planava em círculos, bem alto acima da floresta, como um urubu. No final, me via de pé, numa outra floresta, noutra margem, e a onça temida não podia mais me alcançar.

Às vezes eu era perseguido, em meus sonhos, por um bando de queixadas. Eles me perseguiram para me pisotear e me morder. Eu podia ouvir suas temíveis presas batendo atrás de mim, na mata. Mas conseguia me livrar delas, subindo numa árvore e, ao chegar ao topo, voava mais uma vez no peito do céu. Em outros sonhos, me via perto de um olho-d'água, preso na lama por uma enorme sucuri, que tentava me sufocar e me engolir. Ou ainda pescava na beira de um rio quando dele saía de surpresa um enorme jacaré preto, que se

arrastava em minha direção. Eu saía correndo, mas ele me perseguia, e eu não conseguia deixá-lo para trás, apesar da dificuldade que ele tinha em se movimentar pelo mato rasteiro.

Acontecia também de eu sonhar que inimigos atacavam nossa casa. Eram gente das terras altas, moradores do lugar chamado *H^oaxi t^a*, nas nascentes do Orinoco e do Parima. Esses guerreiros, cobertos de pintura preta,⁷ surgiam de repente no meio de nossa casa de *Marakana* e começavam a disparar suas flechas em todas as direções. Eu sentia muito medo. As cordas de seus arcos estalavam sem parar e meus maiores, atingidos pelas flechadas, iam caindo um após o outro. Então, eu tentava fugir, esgueirando-me para fora da casa. Mas um grupo de guerreiros começava a me perseguir. Eu corria com todas as minhas forças pela floresta para escapar deles. Subia um morro e em seguida escalava uma montanha íngreme. Chegando ao topo, saltava e, mais uma vez, conseguia alçar voo. Os guerreiros então ficavam parados em cima de um rochedo e me acompanhavam com os olhos, sem poder fazer nada. Então eu saía do meu sono.

Outras vezes, sonhava que trepava numa grande árvore *rupa hi* de flores amarelas. Subia com cuidado, me agarrando ao tronco. Passava além dos seus galhos principais e prosseguia até o topo. De lá, podia avistar a floresta longe, em todas as direções. Via outras casas, um grande rio, montanhas e colinas. Via também macacos-aranha pulando de árvore em árvore, papagaios voando e bandos de queixadas fuçando o solo. Era muito bonito. Depois de algum tempo, ficava com vontade de descer. Então olhava para baixo e, de repente, todos os galhos pelos quais tinha subido pareciam estar fora de alcance. Preocupado, pensava: "Como vou descer? Em que vou me apoiar?". Não sabia o que fazer. Tentava abraçar o tronco, mas sua casca ficava cada vez mais escorregadia. De repente, minhas mãos se soltavam. Eu então despencava no vazio bem depressa, direto para o chão. Nesse instante eu acordava de repente. Aterrorizado, perguntava a mim mesmo: "O que aconteceu comigo?".

Outras vezes ainda, eu respondia ao chamado das mulheres das águas que chamamos de *máuyoma*.⁸ São as filhas de *Tēpērēsikí*, o sogro de *Omama*; as irmãs da esposa que este pescou no primeiro tempo. Eu mergulhava nas profundezas de um grande rio para me juntar a elas. Para minha grande surpresa, sem me molhar nem um pouco, chegava ao interior de uma grande casa. Tudo ali era seco e via-se tão bem como no exterior. O sol refletido acima na super-

fície da água iluminava-lhe a praça central. Eu ficava de pé, sem mover um dedo, olhando com calma ao meu redor. Várias portas davam para caminhos abertos na floresta. Eu observava o movimento das filhas e noras de *Tēpērēsiki*, que entravam e saíam da casa com seus filhos. Achava-as muito bonitas. Apesar de morrer de medo do pai delas, não podia parar de admirá-las. Mas assim que tentava segui-las, acordava de sobressalto. Às vezes, bastava eu me virar em direção à porta pela qual tirha entrado para o sonho acabar. Então, lamentava muito não ter podido ficar na casa da gente das águas.

No dia seguinte, perguntava a meu padrasto: "De quem é a casa debaixo do rio que eu vi no meu sono? Era tão bonita, gostaria de ter ficado admirando-a por mais tempo". Ele então me explicava com gentileza: "Você foi à casa onde o sogro de *Omama* vive com os espíritos peixe, os espíritos jacaré e os espíritos sucuri. Os *xapiri* estão começando a querê-lo de verdade. Mais tarde, quando você se tornar adolescente, se quiser conhecer o poder da *yākoana*, abrirei de verdade os caminhos deles para você". Esse sonho se repetia muito, pois quando eu era criança passava bastante tempo pescando nos rios. Por isso a gente das águas não parava de capturar minha imagem, para me fazer sonhar.

Às vezes, eram imagens de outros seres desconhecidos que se apresentavam a mim durante o sono, como a do japim *ayokora*. Os enfeites deles eram deslumbrantes, de muitas cores reluzentes. Sua dança de apresentação e seus cantos eram magníficos. Ao contrário dos demais, esse espírito não me dava medo. Sentia-me feliz por poder admirá-lo. Acontecia também de eu ver o espírito lua, que parece um humano envolto por um halo de claridade intensa. Voava em minha direção e chegava bem perto de mim, e de repente começava a dar gargalhadas. Mostrava seus caninos proeminentes, enquanto sua barba e seus cabelos luminosos tremulavam na escuridão. Depois, desaparecia de repente, do lado da jusante do céu, onde o sol se levanta.¹⁰ Ainda me lembro dessa imagem que me apavorava tanto! Os seres desconhecidos que apareciam em meus sonhos de criança eram espíritos *xapiri* que me olhavam e se interessavam por mim. Naquela época, eu ainda não sabia disso. Todas as imagens que via em sonho me deixavam muito apreensivo. Só bem mais tarde, quando meus antigos me deram de beber o poder da *yākoana*, compreendi que, desde aquele tempo, tinham vindo ao meu encontro para que eu me tornasse um *xamã*.



Quando eu chorava ou gritava durante a noite, as pessoas de nossa casa costumavam ficar irritadas. Então, meu padrasto, com paciência, explicava a eles: "Os espíritos olham esse menino e ele se comporta como um fantasma. Por isso geme e fala durante o sono". Assim como minha mãe, ele cuidava muito bem de mim. Era um homem de sabedoria, um grande xamã. Quando eu acordava aos prantos, à noite, ele me tranquilizava, dizendo: "Saia desse sonho, volte desse estado de fantasma! Não tenha medo! São os ancestrais animais *yarori* que você está vendo. Quando você crescer, se quiser, farei com que beba pó de *yákoana* e eles construirão sua casa junto de você. Então será sua vez de poder chamá-los".¹¹ Depois, fazia passes sobre mim com as duas mãos, enquanto soprava. Eu ia me acalmando aos poucos. Porém, alguns dias depois, tudo recomeçava. Os *xapiri* voltavam a mim, incontáveis. Retomavam sua dança de apresentação numa luz ofuscante e desapareciam assim que eu acordava. Meu padrasto me consolava de novo: "Não tema! Você vai crescer e, quando for adulto, será um grande xamã, deveras capaz de fazer dançar os espíritos. Protegerá seus filhos e as pessoas de sua casa contra os seres maléficos e saberá curá-los quando adoecerem". Ao escutar essas palavras, eu me acalmava e voltava a dormir.

Como eu, meu filho mais velho se inquietou muito durante a infância. Nunca teve o sono tranquilo. Os espíritos também tinham posto os olhos nele. Sonhava que caçava, que viajava. Costumava ver os espíritos dançando à noite. Então, eu dizia a mim mesmo que, mais tarde, seria a minha vez de fazê-lo beber *yákoana*. Mas agora que ele se tornou adulto, não sei se ainda vê os *xapiri* durante o sono. Tornou-se professor e está sempre muito ocupado com as palavras dos brancos. Talvez tenha medo de esquecer os desenhos de palavras que aprendeu¹² se concentrar seu pensamento nos espíritos. Talvez tenha sido enfraquecido por pensar demais nas mulheres. Não sei. Quando eu era criança,

meu padrasto sempre me manteve longe das mulheres. Cuidou de mim para que eu pudesse me tornar xamã de verdade.

Minha mãe, ele, minha irmã e eu vivíamos afastados dos outros. Costumávamos morar numa casinha no lugar chamado de *T^hoot^hot^hopi*, longe das pessoas da casa grande de *Marakana*.¹³ De modo que eu não vivia na companhia de suas filhas e irmãs. Por isso, quando criança, eu temia as mulheres. Quando acontecia de eu me encontrar perto delas, dizia: "Não se aproximem! Não quero sentir o cheiro das folhas de mel *puu hana* que enfeitam seus braços! Eu viraria a cabeça e ficaria enjoado". É verdade, o perfume dessas folhas afugenta os espíritos, que temem aquelas que as usam como se fossem seres perigosos. Se os rapazes começarem a copular cedo demais, os espíritos não virão dançar para eles. Ficam enjoados com o seu cheiro de pênis e os consideram sujos. Não vêm mais visitar seus sonhos. Do mesmo modo, detestam os jovens caçadores que comem suas próprias presas. Estes também não sonham.¹⁴ Assim é. Os *xapiri* preferem os meninos que crescem sem olhar para as mulheres.

Quando se é jovem, o bom é andar sempre na floresta. É ruim ficar pensando o tempo todo em mulheres e em comer suas vulvas.¹⁵ É deplorável passar as noites a desejá-las a ponto de atravessar a casa engatinhando para encontrá-las às escondidas em suas redes.¹⁶ Melhor preocupar-se em ser bom caçador, sempre ficando atento à caça na floresta. Só desse modo um rapaz pode agradar aos espíritos, que então virão a ele por pensar que ele lhes pertence. Assim, mais tarde, estarão dispostos a dançar para fazer dele um xamã.

Foi o que me aconteceu quando era menino. Cresci passando meu tempo na floresta e foi assim que comecei, pouco a pouco, a ver os *xapiri*. Ficava concentrado na caça e, durante a noite, as imagens dos ancestrais animais se apresentavam a mim. Seus enfeites e pinturas brilhavam de modo cada vez mais nítido em meus sonhos. Podia também escutá-los quando falavam e quando gritavam. Esse tipo de coisa acontecia muito às crianças dos nossos maiores, no tempo em que os brancos ainda estavam longe da nossa floresta. Mas, desde que eles se aproximaram de nós, os meninos e os rapazes não são mais como éramos antigamente. Hoje, é comum terem medo do poder da *yákoana*. Temem morrer e às vezes chegam a mentir para si mesmos, pensando que um dia poderão virar brancos.¹⁷

Quando eu era menino, também costumava adoecer. Era muito frágil. Os seres maléficos da floresta e os da epidemia não paravam de implicar comigo. Com o tempo, os xamãs começaram a se cansar de trabalhar tanto para me curar. Então, estenderam minha imagem numa tipoia *yaremaxi*¹⁸ e a esconderam na casa do espírito morcego. A salvo, na escuridão, ficava fora do alcance dos predadores. Por mais que eles procurassem por toda parte, não conseguiam mais encontrá-la. Assim faziam os antigos xamãs. Para protegerem as crianças das doenças, eles às vezes também as escondiam na canoa do espírito anta.¹⁹ Sua própria filha cuidava dos pequenos: lavava-os, ninava-os, brincava com eles enquanto navegava pelas águas, longe dos seres famintos de carne humana. Foi assim que eu finalmente parei de ficar doente com tanta frequência.

Conforme tiravam as doenças de meu corpo com seus passes, os xamãs mais velhos de nossa casa iam também colocando em mim, aos poucos, as imagens de enfeites preciosos que são dos *xapiri*.²⁰ Amarraram em meus braços braceiras de crista de mutum e botaram nelas penas caudais de arara. Colocaram penas de papagaio nos lóbulos de minhas orelhas. Cobriram meus cabelos de penugem branca e amarraram uma faixa de rabo de macaco cuxiú-negro em torno de minha testa. Nenhum desses enfeites era visível aos olhos de fantasma da gente comum. Mas suas imagens estavam lá, presas a mim com firmeza, e protegiam o menininho que eu era. Alertavam os espíritos quando seres maléficos se aproximavam. Eles então tinham tempo de avisar seus pais, os xamãs, que assim podiam afugentá-los a tempo.

Os xamãs daquele tempo também me adornaram com os enfeites do espírito anta, para que eu me tornasse um grande caçador.²¹ Pois quando um rapaz usa esses objetos preciosos, as antas se apaixonam por ele. Preferem-no a qualquer outro. Quando o veem andando na floresta, pensam: "Que caçador magnífico! Está à minha procura, devo ir em sua direção!". Sem isso, nenhuma anta iria se deixar flechar com tanta facilidade, só para aplacar a fome de carne dos anciãos! Assim, acho que os xamãs amarram esses enfeites no braço dos meninos para que, mais tarde, cacem para eles, e não lhes falte carne de caça na velhice.

Graças a todos esses enfeites, os *xapiri* me olhavam com carinho e eu sempre via suas imagens em sonho. A vinda dessas imagens coloca as crianças em estado de fantasma durante o sono, como acontecia comigo. Isso também aconteceu com a mais velha de minhas três filhas. Penachos de penas *paixi* dos

espíritos foram colocados nela também quando era ainda bebê! Ela sonhava muito e muitas vezes gritava de medo durante a noite. Entrava com facilidade em estado de fantasma. Poderia ter se tornado xamã.²² Os espíritos olhavam para ela com interesse, como haviam feito comigo. Quando ainda era uma menina, antes de sua primeira menstruação, ela às vezes me dizia: "Pai! Mais tarde, quando eu for mais forte, eu gostaria muito de ver a beleza dos espíritos como você. Você vai me dar *yákoana* para beber!". Mas, agora, é adulta e está casada. Talvez ainda sonhe com os espíritos, mas não fala mais nisso. Seu pensamento está ocupado com muitas outras coisas.

Às vezes, os *xapiri* fixam seu olhar nas crianças só porque bebem mel demais.²³ Nós o preparamos diluindo-o em água; as crianças gostam dessa bebida. Um de meus cunhados, que também era um grande xamã, me dava bastante quando eu era pequeno. Dizia: "Beba este mel que acabo de preparar para você! Quando você crescer, poderá fazer dançar os espíritos, como eu!". Era bem doce, eu gostava e tomava muito mesmo. Em seguida, satisfeito, eu caía no sono. Entrava logo em estado de fantasma e começava a sonhar. Via tudo com tanta clareza quanto em pleno dia. Ouvia gritos, vozes e silvos agudos. Via os animais correndo na floresta e, ao longe, os *xapiri*, dançando com alegria. Depois os espíritos abelha se aproximavam de mim para brincar. Eu ficava então mergulhado numa luz tão intensa que me assustava e eu acabava em prantos. Assim era. O mel é o alimento preferido dos espíritos e, quando as crianças tomam muito mel, os *xapiri* aparecem muito em seus sonhos, mesmo que elas ainda não sejam capazes de reconhecê-los.

Quando fiquei maior, às vezes o irmão de minha mãe, meu padrasto e outros xamãs de nossa casa me ofereciam um pouco de pó de *yákoana*.²⁴ Assim, quando se reuniam para afastar os espíritos maléficos e eu estava brincando nas proximidades, eles me chamavam: "Venha cá! Experimente o poder da *yákoana*! Entre em estado de fantasma e, mais tarde, você se tornará xamã!". Eu ficava um tanto intimidado, mas mesmo assim aceitava algumas pitadas que eu tomava sozinho, ou então me aproximava deles para soprarem um pouco em minhas narinas. Ficava muito curioso quanto ao que poderia ver. Deitava em minha rede e ficava assim, parado. Aos poucos ia virando fantasma e, quando anoitecia, sonhava sem parar. Então, podia ver as magníficas imagens dos

ancestrais animais, dos espíritos do céu e dos rios. Isso me acontecia muitas vezes, pois quando eu era pequeno, gostava de experimentar o pó de *yákoana*. Foi assim que me fizeram crescer.

Meus parentes mais velhos também me davam um pouco no final de festas *reahu*, quando os homens a tomam juntos, no centro da casa, antes de darem início aos seus diálogos *yáimuu*.²⁶ Faziam-me cheirar um pouco, duas ou três vezes. Ai, a força da *yákoana* me pegava e em seguida me fazia morrer.²⁶ Eu rolava e me debatia no chão, como um fantasma. Não via mais nada à minha volta, nem a casa, nem seus moradores.²⁷ Gemia e chamava minha mãe: "Ná-paaa! Ná-paaa!". Minha pele permanecia estirada no chão, enquanto os *xapiri* pegavam minha imagem e a levavam para longe, muito ligeiros. Eu voava com eles até as costas do céu, onde vivem os mortos, ou para o mundo subterrâneo dos ancestrais *aōpatari*. No final, me traziam de volta ao lugar onde jazia minha pele e eu recobrava consciência. Nessa época, eu estava mais crescido e já não tinha nenhum medo do poder da *yákoana*. Sem ela, eu não teria visto todas essas coisas em meus sonhos. Não foi mingau de banana nem mingau de pupunha que me fez sonhar quando criança!²⁸ Menos ainda o perfume inebriante das folhas de mel usadas pelas mulheres!

Se os xamãs mais velhos de minha casa não me tivessem feito beber o pó de *yákoana*, eu não teria sido capaz de matar minha primeira anta quando ainda era bem novo e, uma vez adulto, não teria jamais vindo a ser bom caçador. Sim, é verdade, matei minha primeira anta sozinho, e mal tinha chegado à adolescência!²⁹ Tudo porque eu já tinha visto em sonho a imagem desse ancestral animal. Assim foi. Eu tinha saído para caçar sozinho. Meu padrasto me havia emprestado sua espingarda, recém-trocada com os brancos.³⁰ Já tinha caminhado durante bastante tempo na floresta quando, de repente, percebi uma forma escura na beira do caminho. Tive medo e pensei, inquieto: "O que pode estar assim deitado no mato?". Então, reconheci a sombra de uma anta. Vi seus olhos fitando-me na penumbra. Fiquei apavorado. Meu coração batia no peito e pensei: "É se de repente ela me atacar? As antas são perigosas! Se eu atirar nela, ela vai se virar para me morder ou me pisotear". Então recuei e comeci a tomar o caminho de volta correndo. Eu já tinha sonhado com antas ou outros

animais — queixadas, veados e jacarés — que me perseguiram na floresta para me machucar. Por isso saí correndo daquele modo!

Não fui muito longe, porém. Parei de correr e esperei que meu pensamento voltasse a ficar calmo. Voltei sem fazer barulho para a anta, que continuava deitada no mesmo lugar. Olhou para mim de novo. Dessa vez, fiquei calmo. Olhei com o canto dos olhos e localizei uma árvore na qual poderia subir se ela decidisse me atacar. Em seguida, fabriquei uma peconha de cipó *masi* e encaixei meus pés nela.¹¹ Depois, devagar, mirei e atirei. Assim que o estrondo do cartucho soou, joguei a espingarda no chão depressa e subi na árvore. Mas a anta, apesar de ferida, não quis me atacar como eu achei que fosse. Rolou no chão soltando um grunhido de dor e logo tentou fugir na direção oposta. Ao ver isso, perdi todo o medo, desci de meu refúgio, e enfiei outro cartucho em minha espingarda. A anta continuava deitada, exposta, e ainda tentando se levantar. Mirei de novo, me aproximando dela, e atirei. Dessa vez, ela morreu no ato.

Aí voltei para nossa casa correndo e, assim que cheguei, me precipitei até meu padrasto para anunciar a novidade: “*Xoape!*”¹² Acabo de matar uma anta com a sua espingarda!”. Ele parecia mesmo surpreso e, na hora, não acreditou: “Você não está mentindo? É verdade? Onde ela está?”. Respondi orgulhoso: “É verdade! Não está longe daqui, rio abaixo, onde está o tronco tombado de uma árvore *rapa hi!*”. Ele ainda não parecia estar convencido: “Está morta mesmo?”. Insisti, com energia: “*Awei!* Está caída na beira do caminho! É verdade!”. Afinal, ele resolveu exortar nossos familiares: “Vamos trinchar a anta que meu enteado acaba de matar!”. Depois fomos todos juntos buscar a carne do animal, que é muito pesado.

Meu padrasto aproveitou para me dizer que eu tinha feito bem em abandonar minha presa na floresta. Ensinou-me que, quando se mata uma anta, é melhor não tocá-la e nem mesmo respirar seu cheiro. Deve-se deixá-la onde caiu e voltar depois com parentes para trazer a carne. Caso contrário, o caçador que a matou corre o risco de ficar panema para sempre. Depois dessa, matei muitas outras antas. Mas essa foi a primeira mesmo. Eu sonhava sem parar naquela época, por isso me tornei bom caçador. Agora, já não sou tão bom. Trabalhei demais com os brancos na floresta e eles me fizeram comer minhas próprias presas muitas vezes. Isso me fez perder a habilidade na caça.



Quando se é criança, aprende-se a pensar direito aos poucos. Vamos nos dando conta de que os *xapiri* existem mesmo e de que as palavras dos maiores são verdadeiras. Compreendemos pouco a pouco que os xamãs não agem como fantasma à toa. Depois de um tempo, o pensamento se concentra nas palavras dos espíritos e a vontade de vê-los fica muito grande. Nos apegamos à ideia de que um dia vamos poder pedir aos xamãs mais experientes para soprarem pó de *yákoana* em nosso nariz e eles nos darão os cantos de seus espíritos.¹³ Foi assim que aconteceu comigo antigamente. Os *xapiri* vinham muito me visitar em sonho. Desse modo, começaram a me conhecer bem. Diziam para mim: "Como você responde ao nosso chamado, vamos dançar para você e pendurar nossas redes na sua casa de espíritos". Durante toda a minha infância, nunca parei de ouvir seu chamado. Mais tarde, tornei-me adolescente, e então jovem adulto, e isso continuou. Nunca dormia sem vê-los descer para mim. Deixaram de me amedrontar e parei de chorar durante a noite. Mas eu continuava falando e gritando durante o sono. De manhã, meus familiares me perguntavam: "O que está acontecendo? Você está se tornando xamã?". Eu apenas respondia que não sabia.

Entre nós, é assim. Primeiro os *xapiri* olham com afeto para a pessoa, quando é criança. Então ela fica sabendo que estão interessados nela e que vão esperar até ficar adulta para se revelarem de verdade. Depois, conforme cresce, eles continuam a observá-la e a testá-la. Por fim, se a pessoa quiser, pode pedir aos xamãs mais velhos de sua casa para lhe darem *yákoana* para beber. Eles então abrirão para ela os caminhos pelos quais os espíritos virão dançar e construir sua casa. Durante a infância, vira-se fantasma de vez em quando, nada mais. Só se pode conhecer os *xapiri* de verdade depois de ter bebido *yákoana* por muito tempo. A partir daí, eles não saem mais de seu sonho. É assim que

alguém se torna de fato um homem espírito! Então, durante o tempo do sonho, os xamãs veem apenas a dança de apresentação dos *xapiri*. Não pensam mais em seus filhos, sua roça, nos que visitam sua casa ou na vulva de sua mulher, como fazem os homens comuns.

Com os filhos de xamã as coisas se passam de outro modo. Eles nasceram do esperma dos espíritos.¹⁴ Assim, tornam-se outros antes mesmo de começar a beber o pó de *yakoana*. São os *xapiri* que seu pai tinha que copularam com sua mãe para fazê-los nascer. Por isso, na verdade, eles não provêm do esperma de seu pai humano. É mesmo o xamã quem come a vulva de sua esposa, sim, mas, por intermédio dele, são seus *xapiri* que a engravidam. Assim é. Os filhos de xamã nascem e tornam-se espíritos sozinhos. Seguem o caminho de seus pais. As mulheres da gente das águas *yawarioma* apoderam-se deles assim que ficam adolescentes para levá-los para sua casa no fundo dos rios. Contudo, isso só ocorre se tiverem mesmo a floresta no pensamento e passarem a maior parte do tempo caçando, sem prestar atenção nas mulheres. Os espíritos olham os hábeis caçadores com bons olhos. Sabem que eles gostam da caça, que seguem sem descanso as pistas de suas presas e as flecham com habilidade. Assim, andando o tempo todo pela floresta, os rapazes acabam tornando-se outros durante o sono. Começam a sonhar com os *xapiri* sem parar. Estes os olham e se apaixonam por eles. Dizem a si mesmos: "Queremos descer e instalar nossa casa junto dele! Ele gosta da caça, vamos mostrar a ele nossa dança de apresentação. Quem sabe ele nos quer?".

A gente das águas são grandes caçadores. É por essa razão que se afeiçoam aos rapazes cujo pensamento se concentra na caça. Consideram-nos como verdadeiros habitantes da floresta.¹⁵ Por isso suas irmãs gostam de se apoderar de suas imagens para fazê-los se tornar espíritos. Quando são pegos desse modo, os rapazes entram em estado de fantasma. Começam a correr pela floresta e ficam gritando, exaltados: "Aê! Aê! Aê!". É desse modo que as mulheres das águas os atraem para longe, até sua casa. Apaixonados, ficam lá muito tempo. Afinal, quando elas os deixam voltar para casa, eles recuperam a consciência e se veem de repente sozinhos, perdidos numa floresta desconhecida. Então dizem a si mesmos: "Oae! Minha verdadeira casa fica bem longe daqui!" e retornam para junto dos seus.

A gente das águas são os filhos, genros, filhas e noras de *Tëpërësíki*, o sogro de *Omama*, que lhe trouxe as plantas que cultivamos em nossas roças. São os

donos da floresta e dos cursos d'água. Parecem com humanos, têm mulheres e filhos, mas vivem no fundo dos rios, onde são multidões. São mesmo excelentes caçadores! Percorrem sem trégua seus caminhos na floresta, flechando araras, tucanos, papagaios, pássaros *hëima si* e todos os outros tipos de caça.³⁶ Porém, jamais comem suas próprias presas. Acham que seria uma coisa assustadora, como nós também pensamos. Antes as oferecem a suas irmãs, que são muitas e muito bonitas. Essa gente das águas mora junto com o pai, *Tëpërësiki*, e também com os espíritos poraquê, sucuri e jacaré. Suas redes ficam penduradas umas ao lado das outras, no seco, como as nossas em nossas casas. São eles que os olhos de fantasma das pessoas comuns veem como peixes. No entanto, suas imagens também se tornam *xapiri* que os xamãs fazem dançar.

Omama pegou pelo braço uma dessas mulheres das águas, a filha de *Tëpërësiki* que chamamos *T'uëyoma*. Mas não a pescou como um peixe. Foi o pai de minha esposa que me contou isso.³⁷ *Omama* foi até o rio com um feitiço amoroso na ponta de um cipó. Quando chegou à beira, lançou a linha e sua isca. A mulher das águas o viu aproximar-se e o achou bonito. Então, se agarrou ao cipó e se deixou tirar para fora da água. *Omama* cheirava bem, pegou seu braço e a içou para a beira. Depois se casou com ela e é dela que nós viemos.

Hoje, são essas mesmas filhas de *Tëpërësiki* que fazem os rapazes cheirar feitiços amorosos *xôu* para capturar suas imagens e fazê-los se tornar outros. À tarde, quando caçamos longe na floresta, podemos ouvir seus murmúrios. E se um jovem caçador as encontra, apoderam-se dele. Mas, antes de aparecer para ele, indagam-se: "Ele é mesmo bonito e bem cuidado?". Sem que ele saiba, cheiram sua pele. Inspecionam sua língua, seu peito e seu pênis. Examinam suas unhas. Perguntam-se: "Será que é bom caçador? Não come as próprias presas?". Só decidem levá-lo consigo se ele for de seu agrado. Se gostarem mesmo dele, depois o levam para sua casa debaixo d'água.

É assim que acontece. Os rapazes começam perdendo consciência de tanto perseguir a caça na floresta. Sentem-se muito fracos e vão se tornando fantasma pouco a pouco. Os animais de que se aproximam olham bem para eles e começam a rir, como humanos. Os que são flechados por eles gemem de dor. As árvores falam com eles e as folhas tocam neles como mãos.³⁸ Então, as mulheres das águas, aproveitando-se de sua fraqueza, chamam-nos e levam suas imagens até sua casa, onde os retêm por muito tempo. É durante essa estadia nas profundezas dos rios que eles começam a se tornar outros. Elas os mantêm

deitados em suas redes, os abraçam e assim os fazem esquecer tudo. Riem deles quando lhes fazem perguntas e nunca respondem. Finalmente, quando conseguem escapar e voltar para suas casas, elas os seguem até lá. Escondem-se no fundo, atrás de suas redes, e permanecem ainda por algum tempo ao lado deles. É assim que, depois, os rapazes pedirão aos xamãs mais antigos de suas casas que lhes deem pó de *yákoana* para beber.

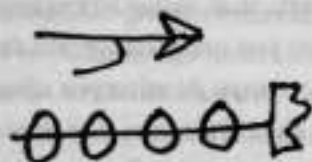
Os filhos de xamãs, como eu disse, são também filhos de espíritos. É por isso que a gente das águas *yawarioma* os reconhece como genros e suas filhas se apoderam deles tão depressa. Eu sou só um filho de ser humano. Meu pai não era xamã, não conhecia os *xapiri*. Assim, eu não sabia nada disso quando era adolescente. As mulheres das águas nunca me levaram para sua casa, nunca me deitaram em suas redes. Preferem os filhos de xamãs. Assim é. Apesar disso, eu nunca deixei de ver os *xapiri* em sonho, desde que era pequeno, mesmo sem saber quem eram. Foi só muito mais tarde, já adulto, que apresentei meu nariz aos xamãs mais velhos para que me dessem seus espíritos. Senti vontade disso por conta própria. Achei que seria bonito poder ver as coisas de verdade e assim, aos poucos, fui me afeiçoando aos *xapiri*.

A única coisa que me aconteceu na floresta quando era adolescente foi ser atacado pelos espíritos dos queixadas.³⁹ Naquela época, eu não parava de caçar com os homens de minha casa. Certa vez, tínhamos perseguido um bando desses porcos-do-mato⁴⁰ por bastante tempo. Era um final de tarde. Tínhamos conseguido cercá-los. Eles tinham desacelerado e estavam ao nosso alcance. Preparamo-nos para flechá-los, cada qual de um lado. Como os outros caçadores, escolhi uma presa e retesei meu arco com calma. Porém, de repente, os queixadas se dispersaram para todos os lados. Parte do bando deu meia-volta e veio correndo na minha direção. De repente, me vi cara a cara com aqueles animais, correndo enfurecidos para cima de mim. Aterrorizado, tentei escapar subindo numa árvore jovem, mas acabei tropeçando e caí. O choque com o solo foi violento e desmaiei por um instante. Foi tudo muito rápido. Apesar disso, os queixadas tiveram tempo de saltar por cima de mim, como se eu fosse só um tronco caído no chão. Passaram por cima de meu peito, um depois do outro, muito depressa, sem me tocar. Eram muitos, e cheiravam muito mal.

O ranger de suas presas era aterrorizante. Foi nesse momento, acho, que suas imagens me atacaram. Na hora, porém, não percebi nada.

Depois de passarem, me levantei, ainda tremendo de medo, e me juntei a meus companheiros, que tinham conseguido flechar vários deles. Não disse nada acerca de minha desventura. Trinçamos a caça abatida e colocamos os pedaços em jamaxins trançados com folhas de palmeiras *maima si* e *kōanari si*. Anoitecia, e estávamos muito longe de nossa casa. Decidimos acampar em plena floresta, e cozinhar tripas de queixada em embrulhos de folhas, para acalmar nossa fome de carne.⁴¹ Uma vez satisfeito, adormeci com tranquilidade. Mas no meio da noite comecei a me sentir muito mal. Acordei sobressaltado e, de repente, vi tudo à minha volta com olhos de fantasma. Comecei a vomitar. Então, pensei: "Os queixadas são ancestrais mesmo!"⁴² Fui atacado por suas imagens e são elas que me deixam doente!". No dia seguinte, voltamos para a nossa casa. Eu estava muito fraco, não podia carregar nada. Na noite seguinte, continuava doente. Dormi de novo em estado de fantasma. Foi nesse momento que os espíritos queixada começaram a me aparecer em sonho. Um número incontável deles escapava de um enorme buraco na terra, do qual saía também um vendaval. Dançavam devagar com seus enfeites de penas, sobre um espelho que refletia uma luminosidade ofuscante. Isso durou muito tempo e, de repente, desapareceram. Então, acordei e pensei: "O que está acontecendo comigo? Como eu vou poder sarar?".

Algum tempo depois, o marido da irmã de minha mãe, que também era um grande xamã, tentou expulsar o mal que estava em mim. Mas assim que ele começou sua cura, desmaiei. Fiquei inerte, largado em minha rede. Então, a mãe de meu padrasto, que era uma mulher muito velha, pegou uma panela cheia de água e derramou-a aos poucos sobre mim. Acabei recobrando a consciência. Meu fantasma retornou à minha pele e voltei a mim. Quando abri os olhos, vi minha mãe, sua irmã, uma filha de seu irmão⁴³ e minha avó chorando perto de minha rede, como se eu já estivesse morto! Em seguida, o xamã prosseguiu seu trabalho por um longo tempo e, por fim, fiquei curado.



Foi só o que aconteceu comigo quando eu era apenas um adolescente. Eu nunca fui levado pelas mulheres das águas. Contudo, no tempo dos antigos, era comum elas se apoderarem da imagem dos rapazes. Por isso eles de repente saíam correndo pela floresta e desapareciam, e foi assim que muitos deles se tornaram xamãs. Meu padraço, que me criou em *Marakana*, me contou isso várias vezes, pois ele mesmo tivera essa experiência no passado. Agora eu gostaria de relatar suas palavras, para que os brancos possam ouvi-las. Eis o que ele me contou:⁴⁴

"Quando eu era adolescente, meu pensamento começou a virar outro e foi assim que eu me tornei xamã. Um dia, eu estava caçando papagaios na floresta. Podia ouvir o tumulto de suas brincadeiras nas árvores, acima de mim. De repente, vi um ser das águas andando em minha direção. Era imponente. Tinha muitas caudais de arara, rabos de tucano e despojos multicolores de pássaros *wisawisama si* fixados em suas braçadeiras de cristas de mutum. Vi-se, pelos enfeites, que era um grande caçador. Aproximou-se devagar de mim e declarou: 'Tente flechar os papagaios de onde está!'. Surpreso e temeroso, perguntei: 'Quem é você?'. Só respondeu: 'Eu? Eu quero comer os papagaios que você flechar. Vá mais para lá e tente! Mas não fleche o corpo, mire na goela, justo abaixo do bico!'. Fiz o que me dizia. Flechei um primeiro papagaio, depois um outro, bem como ele havia indicado. Então, segurou meu braço e disse: 'Cunhado! Está bom, basta! Vou mandar minha irmã vir buscar suas presas!'.⁴⁵ Eu sentia muito calor e suava muito. Meu pensamento ia se perdendo aos poucos. Fiquei no mesmo lugar, calado e imóvel, de pé ao lado dos papagaios mortos caídos no chão. Algum tempo depois, uma mulher das águas abriu caminho na floresta até onde eu estava.

"As folhas das árvores começaram a tremular ao vento e a floresta se encheu de uma luz tremulante. Ela se aproximou de mim a pequenos passos. Seus lábios sorriam, pois ela queria fazer sua magia amorosa agir sobre mim. Era belíssima. Tinha olhos lindos e a vulva bem curta, sem pelos pubianos. Recomecei a flechar papagaios para ela. Mas assim que começavam a cair rodopiando, seus gritos se transformavam em cantos de espíritos *xapiri*: 'Arererererere!'. A mulher das águas então recolhia seus despojos um por um, aprovando com alegria: 'Awe! Muito bem! Você é um ótimo caçador! Continue flechando esses papagaios!'. E os pássaros continuaram caindo, conforme eu os atingia, um por um: 'Arererererere! Arererererere! Arererererere!'. Mas, assim que to-

cavam o solo, minhas flechas, enfiadas em seus corpos, se transformavam em cobras! E quando eu tentava pegá-los, elas me picavam! Minha visão ia se turvando cada vez mais e eu mal distinguia as coisas ao meu redor. Eu sentia que estava perdendo a consciência.

“A cada vez, a mulher das águas chegava bem perto de mim rindo, com uma vozinha doce: ‘He he he he!’. Depois, recolhia as flechas e as entregava para mim: ‘Tome, pegue, eis o que você está procurando!’ Assim que eu tentava pegá-las, no entanto, saíam voando, emitindo o mesmo canto de espírito: ‘Arererererere!’. Conforme o tempo passava, fui me tornando outro de verdade e foi meu arco que eu senti sair voando: ‘Arererererere!’. Estava cada vez mais inquieto e ficava me perguntando o que ia acontecer comigo. Estava por inteiro dominado pela magia amorosa daquela filha de *Tépërésiki*. Então, de repente, os espíritos da floresta começaram a afluir em minha direção! As imagens das folhas e das raízes de todas as árvores desceram primeiro, lançando gritos de alegria e assobiando com suas flautas de bambu *purunama usi*.⁴⁶ Tinham os cabelos cobertos de penugem branca, faixas de rabo de macaco cuxiú-negro em torno da cabeça e braçadeiras de cristas de mutum guarnecidas com muitas caudais de arara-vermelha. Chegaram em seguida as imagens dos cupins, que me carregaram nas costas, correndo para todos os lados. Depois foi a vez das imagens das pedras, que quase me derrubaram e esmagaram, e então a do céu, que veio me arrancar a língua. E então, outros *xapiri* levaram meus olhos para longe e foi assim que eu mesmo comecei a me tornar espírito.⁴⁷

“Afinal, a irmã do ser das águas agarrou meu pulso e me arrastou pela floresta. Comecei a correr ao lado dela, destroçando os galhos do mato rasteiro conforme passava. Estava muito exaltado e não parava de gritar: ‘Aê! Aê! Aê! Uma mulher *yawarioma* está me levando! A luz me cega! Tenho medo! Aê! Aê! Aê!’. Ninguém além de mim podia vê-la e, no entanto, eu estava mesmo correndo com ela! Seu caminho era muito quente e eu estava molhado de suor. Não via mais nada ao meu redor. Não teria sido capaz de reconhecer meus familiares nem minha própria casa. Tinha virado outro. Corri assim por muito tempo, atravessando florestas desconhecidas. No final, esgotado, parei numa clareira, bem longe de onde morava. A mulher das águas então me tranquilizou, sempre com uma voz doce: ‘Não tenha medo! Falta pouco agora. Estamos perto da casa de meu pai’. Depois desse breve descanso, recomeçamos a correr, ainda mais depressa, em seu caminho sinuoso através da mata. © 2000 by the author

“De repente, ouvi o rugido de uma onça com seu filhote. Amedrontado, alertei logo minha companheira: ‘Vamos embora deste caminho, ele vai nos devorar!’. Ela não parecia preocupada e tentou de novo me acalmar: ‘Não tenha medo! Essa onça é minha, não vai nos atacar’. Mas isso não me tranquilizava nem um pouco, e eu insisti: ‘Estou com muito medo! Vamos dar a volta, mesmo assim’. Ela voltou a responder com doçura: ‘Não, ela não vai devorá-lo. É mansa. Não há o que temer’. Como eu teimava, nos afastamos um pouco. Porém, por mais que eu tratasse de me desviar do animal, ele estava sempre no nosso caminho. Assim é. As onças são os cães de caça da gente das águas.

“Por fim, chegamos a uma vasta extensão de água escura no meio da floresta. Permaneci de pé na beira, imóvel. Continuava muito inquieto. Aí, a mulher das águas designou com os lábios a superfície do lago e me disse: ‘Chegamos à casa de meu pai. Vamos! Entremos!’. Protestei com energia: ‘Não! Não quero mergulhar nesse lago! É fundo demais! Jacarés-açus vão me devorar! Vou me afogar!’. Ela respondeu sorrindo: ‘Não tenha medo! Você não vai se afogar e não há jacarés-açu aqui. Esta água é só a parte de fora de nossa casa. A porta fica logo ali’. Apesar dessas palavras, eu continuava resistindo. Então ela mergulhou na minha frente, depois voltou à superfície me mostrando um punhado de terra e disse: ‘Veja! Está seca! Vem do chão de nossa casa. A porta está bem aqui, pertinho! Atravesse-a e verá com seus próprios olhos. É verdade!’. Eu ainda hesitava, então ela me agarrou pelo pulso e me levou para debaixo da água.

“Aterrorizado, eu achava que ia afundar direto para o fundo do lago. Mas logo me vi no seco, dentro de uma casa imponente, cercada de grandes roças de banana, mandioca, cará, taioba, batata-doce e cana-de-açúcar. Parecia com nossas casas, mas era bem maior. O pai da moça, *Tēpērēsiki*, estava deitado em sua rede de um lado, e todos os seus filhos instalados do outro lado. Olhei de longe para ele, mas sua filha me alertou: ‘Nem pense em chegar perto de meu pai, senão ele irá engoli-lo no mesmo instante!’. Suas várias irmãs, em compensação, nos receberam com alegria. Cercaram-me assim que cheguei e demonstraram muita amizade. A moça que tinha me atraído à floresta era a mais velha. Além dessas meninas, só havia dois rapazes, que eram seus irmãos. Um deles disse às moças: ‘Parem de fazer tanto barulho! Pai vai acordar!’. Então, a mulher de *Tēpērēsiki*, cuja rede estava pendurada abaixo da do marido, disse em voz baixa: ‘Filha! Você chegou?’. E, sem olhar para mim, acrescentou: ‘Dê esses carás de comer a esse aí que está agachado ao seu lado! Ofereça-lhe mingau de

banana para beber! E também batata-doce! Não o deixe com fome!'.⁴⁸ A gente das águas pratica o serviço da noiva *turahamuu* e nós seguimos seu exemplo.⁴⁹ Por isso, quando um adolescente se torna xamã, chama de "sogro" e "sogra" os pais da mulher *yawarioma* que o raptou. Assim é.

"Depois de eu ter comido à vontade, as moças vieram, uma por uma, rindo, deitar na minha rede para brincar comigo. Um dos irmãos as avisou de novo para não levantarem a voz. Mas seu pai acabara acordando e já se ouvia sua voz grave ressoando pela casa toda. As filhas, no entanto, não pareciam preocupadas. Continuaram vindo a mim, uma depois da outra, para brincar e namorar. Eu estava seduzido por sua magia amorosa. Por isso fiquei assim com elas por muito tempo. Pouco a pouco, fui me transformando para me tornar xamã. Enquanto isso, *Tēpērēsiki* tinha começado a entoar seus cantos, para que eu os conhecesse. Salmodiava-os e, de tempos em tempos, cuspiam no chão os objetos que acabara de nomear: pontas de flecha de bambu, grandes frutos oblongos da árvore *aro kōhi* e até queixadas e antas, pois sua boca era mesmo enorme!⁵⁰ Desse modo eu aprendi as palavras que permitem regurgitar as substâncias de feitiçaria, as armas dos espíritos e o algodão ardente dos seres maléficos que estão no corpo dos doentes. *Tēpērēsiki* assim me deu a boca dos espíritos japim *ayokora*.

"Porém, passado algum tempo, começou a ficar cansado. Parou de cantar e de expectorar objetos. Exausto, suspirava fundo. Ai, exclamou: 'Façam o visitante se agachar perto de mim! Tenho mesmo muita fome!'. Ele queria me engolir! Seus filhos, que haviam permanecido na casa para fabricar pontas de flecha, o impediram de me pegar. Para enganá-lo, responderam: 'Ele não pode ir agora. Ainda está ocupado fazendo amizade com nossas irmãs'. Apesar disso, *Tēpērēsiki* mandou me chamar diversas vezes. Mas os rapazes sempre contavam a mesma mentira. Desistiu, acabou retomando seus cantos. Então seus filhos disseram baixinho a uma de minhas companheiras: 'Irmã! Agora volte para a floresta com nosso cunhado! Leve-o até sua casa!'.
~~~~~

"Foi assim que por fim voltei para casa. A mulher das águas que tinha me acompanhado dormiu a noite toda em minha rede, colada em mim. Depois, quando amanheceu, levou-me de volta para junto dos seus. E tudo recomeçou. A mãe dela me deu de comer, suas irmãs brincaram comigo e seu pai me deu a escutar seus cantos. Depois, uma outra moça levou-me de volta para casa e, ao amanhecer, parti de novo com ela, correndo e gritando na floresta. Isso

tudo se reproduzia dia após dia. Cada vez era uma mulher das águas diferente que me levava para longe e me trazia para casa. Eu estava mesmo cativo de sua magia amorosa, e foi desse modo que me tornei xamã. É assim que acontece. Quando a imagem de um rapaz é capturada pelas filhas de *Tēpērēsiki*, ele foge de casa todos os dias, para só retornar após o anoitecer. Mas já não reconhece ninguém ali. Tornando outro, parte ao raiar do dia em sua corrida pela floresta. Por mais que seus familiares tentem mantê-lo à força em sua rede, não conseguem. Ele não é capaz de resistir ao chamado dessas mulheres *yawarioma*. Ninguém mais as vê, mas elas estão sempre a seu lado. Suas corridas pela floresta levam-no para bem longe de sua casa. Pode até mesmo entrar e sair de casas de desconhecidos sem se dar conta, pois o intenso brilho do caminho da gente das águas na floresta o deixa cego. Assim, as mulheres *yawarioma* podem mantê-lo em seu poder por muito tempo. No fim, os xamãs de sua casa terão de trazer sua imagem de volta para que ele volte a si.”

Foi desse modo que, antigamente, meu padrasto se tornou xamã, no tempo em que era jovem. Naquela época, flechava muitas antas, era um grande caçador. Por isso as irmãs da gente das águas o pegaram. Para virar outro, ele não se contentou em pedir aos mais velhos que o fizessem beber o pó de *yākoana*. Não se tornou xamã à toa. Dizem que seu pai também era um grande xamã, cuja boca sabia regurgitar os objetos maléficis.<sup>51</sup> Seguiu-lhe as pegadas. Eu não fui seduzido pelas mulheres *yawarioma*. Apenas sonhei com elas algumas vezes. Não nasci do esperma dos espíritos, como os filhos de xamãs. Os *xapiri* somente dançaram em meus sonhos quando eu era pequeno, sem que eu os reconhecesse. Isso aconteceu muito antes de o pai de minha esposa abrir os caminhos deles para mim. De fato, foi ele que me enfraqueceu com a *yākoana* e o pó de *paara*, para que os espíritos aceitassem instalar sua casa junto de mim.<sup>52</sup> Antes, eles deviam me achar muito feio e sujo. Deviam hesitar em chegar perto de mim! Mas, a partir do momento em que meu sogro me fez beber *yākoana*, pude enfim admirar sua real beleza.

#### 4. Os ancestrais animais



*Dança dos espíritos.*



Os *xapiri* são as imagens dos ancestrais animais *yarori* que se transformaram no primeiro tempo. É esse o seu verdadeiro nome. Vocês os chamam "espíritos" mas são outros.<sup>1</sup> Vieram à existência quando a floresta ainda era jovem. Os nossos antigos xamãs os faziam dançar desde sempre e, como eles, nós continuamos até hoje. Quando o sol se levanta no peito do céu, os *xapiri* dormem. Quando volta a descer, à tarde, para eles o alvorecer se anuncia e eles acordam. Nossa noite é seu dia. De modo que, quando dormimos, os espíritos, despertos, brincam e dançam na floresta. Assim é. São muitos mesmo, pois não morrem nunca. Por isso nos chamam "pequena gente fantasma" — *pore t'ê pè wei!* — e nos dizem: "Vocês são fantasmas estrangeiros<sup>2</sup> porque são mortais!". Assim é. Em seus olhares, já somos fantasmas, porque, ao contrário deles, somos fracos e morremos com facilidade.

Os *xapiri*, no entanto, se parecem com os humanos. Mas seus pênis são muito pequenos e suas mãos só têm alguns dedos. São minúsculos, como poeira de luz, e são invisíveis para a gente comum, que só tem olhos de fantasma. Só os xamãs conseguem vê-los. Os espelhos sobre os quais dançam são imensos. Seus cantos são magníficos e potentes. Seu pensamento é direito e trabalham com empenho para nos proteger. Porém, se nos comportarmos mal com eles, podem também ficar muito agressivos e nos matar. Por isso às vezes nos dão medo. Também são capazes de devastar as árvores da floresta em sua passagem e até de cortar o céu, por mais imenso que seja.<sup>3</sup> Os verdadeiros *xapiri* são muito valentes! Apenas alguns deles se mostram fracos e covardes. Estes têm medo dos seres maléficos e da epidemia *xawara*.

Os espíritos se deslocam por toda a floresta, como nós, quando caçamos. Mas eles não andam sobre as folhas podres e na lama, eles voam. Também se banham nos rios, como nós quando sentimos calor, mas o fazem em águas puras que só eles conhecem. Também têm filhos, mas os seus são tantos e tantos que acham que os brancos têm muito poucos. Além disso, mesmo que fiquem muito velhos e cegos, os *xapiri* permanecem imortais. Por isso eles aumentam sem parar na floresta. Os que dançam para os xamãs não passam de uma pequena parte deles.

Para vê-los de verdade, é preciso beber o pó de *yákoana* durante muito tempo e que os nossos xamãs mais velhos abram os caminhos deles até nós,



Isso leva muito tempo. Tanto quanto os filhos de vocês levam para aprender os desenhos de suas palavras. É muito difícil. Contudo, quando faço dançar meus *xapiri*, às vezes os brancos me dizem: "Não se vê nada! Só se vê você cantando sozinho! Onde é que estão seus espíritos?". São palavras de ignorantes. O pó da árvore *yákoana hi* não fez morrer seus olhos, como os dos xamãs. Então, por não poderem ver os *xapiri*, seu pensamento permanece fechado. Assim é. Os *xapiri* só dão a ouvir suas vozes se seu pai, o xamã, morrer com a *yákoana*. Quando têm fome eles a bebem através dele. Só então podem descer sobre seus espelhos. Eles também morrem com a *yákoana*, como seu pai, e assim começam a dançar e cantar para ele. Sem isso, não poderiam ser vistos.

A imagem dos *xapiri* é muito reluzente. Estão sempre limpos, porque não vivem na fumaça das casas e não comem carne de caça como nós fazemos. Seus corpos nunca ficam cinzentos, sem pintura nem enfeites, como os nossos. Eles são cobertos de tinta fresca de urucum e enfeitados com pinturas de ondulações, linhas e manchas de um preto brilhante. São muito perfumados. Quando brincam com as mulheres dos seres do vento, às vezes se pode sentir no ar da floresta o cheiro do urucum e dos feitiços de caça que trazem ao redor do pescoço. A brisa de seu voo espalha odores tão intensos quanto os dos perfumes dos brancos. Mas a pintura dos *xapiri* é um de seus bens preciosos. Provém dos odores misturados das coisas da floresta e não tem o cheiro acre e perigoso do álcool dos perfumes da cidade.

Seus braços são enfeitados com muitos penachos de penas de papagaio e caudais de arara fincadas em braçadeiras de belas miçangas lisas e coloridas,<sup>4</sup> com muitas e muitas caudas de tucano e despojos multicolores de pássaros *wisawisama si* pendurados. Têm um porte muito imponente! Foi *Omama* que os ensinou a se enfeitar assim. Quis que fossem magníficos para vir nos mostrar sua dança de apresentação. Entretanto, existem também *xapiri* muito velhos, que já dançavam para nossos ancestrais. Estes têm cabelos brancos e barba. Alguns têm o crânio quase todo sem cabelo. Até os seres maléficos os temem! São verdadeiros antepassados. Todos os outros, mais jovens, têm os cabelos pretos e lisos e faixas de rabo de macaco cuxiú-negro em torno da cabeça, que realçam a abundância de sua cabeleira. Seus olhos não são avermelhados nem claros demais. Negros e lípidos, veem muito longe. Suas cabeças são cobertas de penugem branca; emana deles uma luminosidade deslumbrante que os pre-

cede por onde forem. É um ornamento que só eles possuem. Por isso os *xapiri* cintilam como estrelas que se deslocam pela floresta.

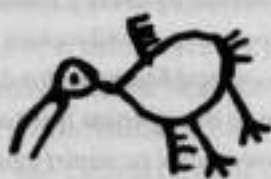
Os lóbulos de suas orelhas são também enfeitados com caudais de papagaio e despojos de pássaros *hēima si*. Seus dentes são imaculados e brilhantes como estilhaços de vidro. Quando são pequenos demais ou se falta algum, eles os substituem por pedaços de espelho que pedem a *Omama* para se embelezar. Alguns chegam a enfeitá-los com penas multicolores de pássaros *sei si*, como fazem os brancos com seus dentes de ouro. Outros possuem longos caninos, afiados e amedrontadores, com os quais dilaceram os espíritos maléficos. Outros ainda têm olhos atrás da cabeça! São espíritos das florestas longínquas. São mesmo outros! Assim é. Não se deve pensar que todos os espíritos são belos!

Em suas danças de apresentação, os *xapiri* agitam jovens folhas desfiadas de palmeira *hoko si*, de um amarelo intenso e brilhante. Movem-se em ritmo lento, flutuando com leveza no mesmo lugar, acima do solo, como num voo de beija-flor ou de abelha. Sopram em tubos de bambu *punurama usi*, gritam de alegria e cantam com uma voz poderosa. Seus cantos melodiosos são inumeráveis. Não param de entoá-los, um após o outro, sem interrupção. Alguns deles também possuem dentes que emitem um som modulado: "Arerererere!". E outros têm unhas compridas, que usam como apitos de silvo agudo: "Kriiii! Kriiii! Kriiii!". Ficam muito satisfeitos de mostrar sua dança de apresentação para nós! Seus movimentos são mesmo magníficos! Eles dançam com fervor, como jovens convidados que entram na casa de seus anfitriões.<sup>5</sup> Mas são ainda muito mais belos!

Os cantos dos espíritos se sucedem um após o outro, sem trégua. Eles vão colhê-los nas árvores de cantos que chamamos *amoa hi*. *Omama* criou essas árvores de línguas sábias no primeiro tempo, para que os *xapiri* possam ir lá buscar suas palavras. Param ali para coletar o coração de suas melodias, antes de fazerem sua dança de apresentação para os xamãs. Os espíritos dos sabiás *yōrixiamá* e os dos espíritos japim *ayokora*<sup>6</sup> — e também os dos pássaros *siti-pari si* e *taritari axi* — são os primeiros a acumular esses cantos em grandes cestos *sakosi*.<sup>7</sup> Colhem-nos um a um, com objetos invisíveis, parecidos com os gravadores dos brancos. Mas são tantos que nunca conseguem esgotá-los!

Entre esses espíritos pássaro, os dos sabiás *yōrixiamá* são de fato os sogros

dos cantos, seus verdadeiros donos. Esses *xapiri* são a imagem dos pássaros cujo canto melodioso ouvimos pela manhã e à noite na floresta. Assim é. Cada *xapiri* possui seus próprios cantos: os espíritos tucano e araçari, os espíritos papagaio, os espíritos da ararinha *weto mo*, os dos pássaros *xotokoma* e *yōriama* e todos os outros. Os cantos dos *xapiri* são tão numerosos quanto as folhas de palmeira *paa hana* que coletamos para cobrir o teto de nossas casas, até mais do que todos os brancos reunidos. Por isso suas palavras são inesgotáveis.



*Omama* plantou essas árvores de cantos nos confins da floresta, onde a terra termina, onde estão fincados os pés do céu sustentado pelos espíritos tatu-canastra e os espíritos jabuti. É a partir de lá que elas distribuem sem tré-gua suas melodias a todos os *xapiri* que correm até elas. São árvores muito grandes, cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. Dessas bocas inumeráveis saem sem parar cantos belíssimos, tão numerosos quanto as estrelas no peito do céu. Mal um deles termina, outro continua. Assim, proliferam sem fim. Suas palavras não se repetem jamais. Por isso os *xapiri*, mesmo sendo tantos, podem obter delas todos os cantos que desejarem, sem nunca esgotá-los. Eles escutam essas árvores *amoa hi* com muita atenção. O som de suas palavras penetra neles e se fixa em seu pensamento. Capturam-nos como os gravadores dos brancos, nos quais *Omama* também colocou uma imagem de árvore de cantos.<sup>3</sup> É assim que conseguem aprendê-los. Sem eles, não poderiam fazer sua dança de apresentação.

Todos os cantos dos espíritos provêm dessas árvores muito antigas. Desde o primeiro tempo, é delas que obtêm suas palavras. Seus pais, os xamãs, não fazem senão imitá-los para permitir que sua beleza seja ouvida pela gente comum. Não se deve pensar que os xamãs cantam por conta própria, à toa. Eles reproduzem os cantos dos *xapiri*, que penetram um depois do outro em suas orelhas, como em microfones. Assim é. Mesmo os cantos *heri*, que se cantam quando há comida em abundância nas festas *reahu*, são imagens de melodias

que vieram das árvores *amoa hi*.<sup>9</sup> Os convidados que gostam deles os guardam então no peito para poderem cantá-los depois, quando derem festas em suas casas. É assim que esses cantos se espalham de casa em casa.

Há dessas árvores de cantos em todos os limites da floresta, para além de nossa terra, e ainda além da dos *Xamatari*, e das montanhas onde vivem os *Horepê P'ëri*.<sup>10</sup> Mas são outras. Assim, há tantos tipos de árvores *amoa hi* quanto nossos modos de falar.<sup>11</sup> De modo que os *xapiri* que descem na floresta possuem uma infindável quantidade de cantos diferentes. É por isso que os xamãs visitantes de casas distantes podem nos dar a ouvir cantos desconhecidos. Há muitas dessas árvores *amoa hi* também nos confins da terra dos brancos, para além da foz dos rios.<sup>12</sup> Sem elas, as melodias de seus músicos seriam fracas e feias. Os espíritos sabiá levam a eles folhas cheias de desenhos que caíram dessas árvores de canto. É isso que introduz belas palavras na memória de sua língua, como ocorre conosco. As máquinas dos brancos fazem delas peles de imagens que os seus cantores olham, sem saber que nisso imitam coisas vindas dos *xapiri*. Por isso os brancos escutam tanto rádios e gravadores! Mas nós, xamãs, não precisamos desses papéis de cantos. Preferimos guardar a voz dos espíritos no pensamento.<sup>13</sup> Assim é. Transmito estas palavras pois eu mesmo vi, após nossos maiores, os inumeráveis lábios moventes das árvores de cantos e a multidão dos *xapiri* se aproximando delas. Eu as vi de perto, em estado de fantasma, depois de meu sogro ter me dado de beber o pó de *yákoana*. Eu ouvi mesmo suas melodias infinitas se entrelaçando sem parar!



Os *xapiri* nunca se deslocam na floresta como nós. Descem até nós por caminhos resplandecentes de luz, cobertos de penugem branca, tão fina quanto

os fios das teias de aranha *warea koxiki* que flutuam no ar. Esses caminhos se ramificam para todos os lados, como os que saem de nossas casas. Sua rede cobre toda a nossa floresta. Eles se bifurcam, se cruzam e até se superpõem, para muito além dela, por toda a vasta terra a que chamamos *urihi a pree* ou *urihi a pata*, e que os brancos chamam de mundo inteiro. Foram abertos pelos antigos xamãs que os fizeram dançar muito antes de nós, desde o primeiro tempo.

Os *xapiri*, para quem tudo é perto, vêm por esses caminhos um atrás do outro, com muita leveza, suspensos nas alturas. Então é possível vê-los cintilar numa luminosidade lunar, na qual seus enfeites de penas tremulam, flutuando devagar, no ritmo de seus passos. Suas imagens são mesmo magníficas! Alguns desses caminhos são bem largos, como suas estradas à noite, salpicadas de luzes de faróis de carros, e os mais reluzentes são os dos espíritos mais antigos. Ficam vindo em nossa direção sem parar, acumulados em filas sem número. Suas imagens são as de todos os habitantes da floresta que descem do peito do céu, um depois do outro, com seus filhotes. As araras-vermelhas, amarelas e azuis, os tucanos, papagaios, jacamins, mutuns, cujubins, gaviões *herama*, *wakoa* e *kopari*, morcegos e urubus são muitos na floresta, não é? E os jabutis, tatus, antas, veados, jaguatiricas, onças-pintadas, suçuaranas, cutias, queixadas, macacos-aranha e guaribas, preguiças e tamanduás? E os pequenos peixes dos rios, poraquês, piranhas, peixes pintados *kurito* e arraiais *yamara aka*, então?

Todos os seres da floresta possuem uma imagem *utupé*. São essas imagens que os xamãs chamam e fazem descer. São elas que, ao se tornarem *xapiri*, executam suas danças de apresentação para eles. São elas o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos animais que caçamos. São essas imagens os animais de caça de verdade, não aqueles que comemos! São como fotografias<sup>14</sup> destes. Mas só os xamãs podem vê-las. A gente comum não consegue. Em suas palavras, os brancos diriam que os animais da floresta são seus representantes.<sup>15</sup> O guariba *iro* que flechamos nas árvores, por exemplo, é outro que sua imagem *Irori*, o espírito do guariba, que os xamãs podem chamar a si. Essas imagens de animais tornados *xapiri* são muito bonitas mesmo quando fazem suas danças de apresentação para nós, como os convidados no começo de uma festa *reahu*. Os animais da floresta, em comparação com elas, são feios. Existem, sem mais. Não fazem senão imitar suas imagens. Não passam de comida para os humanos.

No entanto, quando se diz o nome de um *xapiri*, não é apenas um espírito que se nomeia, é uma multidão de imagens semelhantes. Cada nome é uni-



co, mas os *xapiri* que designa são sem número. São como as imagens dos espelhos que vi em um dos hotéis onde dormi na cidade. Eu estava sozinho diante deles mas, ao mesmo tempo, tinha muitas imagens idênticas espalhadas neles. Assim, há um só nome para a imagem da anta *xama* enquanto *xapiri*, mas existem muitíssimos espíritos anta que chamamos de *xamari pē*.<sup>16</sup> É assim com todos os *xapiri*. Há quem pense que cada um é único, mas suas imagens sempre são muito numerosas. Apenas seus nomes não o são. São como eu, de pé diante dos espelhos do hotel. Parecem únicos, mas suas imagens se justapõem ao longe sem fim.

As imagens de animais que os *xamás* fazem dançar não são dos animais que caçamos. São de seus pais, que passaram a existir no primeiro tempo. São, como disse, as imagens dos ancestrais animais que chamamos *yarori*.<sup>17</sup> Há muito e muito tempo, quando a floresta ainda era jovem, nossos antepassados, que eram humanos com nomes animais, se metamorfosearam em caça. Humanos-queixada viraram queixadas; humanos-veado viraram veados; humanos-cutia viraram cutias. Foram suas peles que se tornaram as dos queixadas, veados e cutias que moram na floresta.<sup>18</sup> De modo que são esses ancestrais tornados outros que caçamos e comemos hoje em dia. As imagens que fazemos descer e dançar como *xapiri*, por outro lado, são suas formas de fantasma.<sup>19</sup> São seu verdadeiro coração, seu verdadeiro interior. Os ancestrais animais do primeiro tempo não desapareceram, portanto. Tornaram-se os animais de caça que moram na floresta hoje. Mas seus fantasmas também continuam existindo. Continuam tendo seus nomes de animais, mas agora são seres invisíveis. Transformaram-se em *xapiri* que são imortais. Assim, mesmo quando a epidemia *xawara* tenta queimá-los ou devorá-los, seus espelhos sempre voltam a desabrochar. São verdadeiros maiores. Não podem desaparecer jamais.

É verdade. No primeiro tempo, quando os ancestrais animais *yarori* se transformaram, suas peles se tornaram animais de caça e suas imagens, espíritos *xapiri*. Por isso estes sempre consideram os animais como antepassados, iguais a eles mesmos, e assim os nomeiam. Nós também, por mais que comamos carne de caça, bem sabemos que se trata de ancestrais humanos tornados animais. São habitantes da floresta, tanto quanto nós. Tomaram a aparência de animais de caça e vivem na floresta porque foi lá que se tornaram outros. Contudo, no primeiro tempo, eram tão humanos quanto nós. Eles não são diferen-



tes. Hoje, atribuímos a nós mesmos o nome de humanos, mas somos idênticos a eles. Por isso, para eles, continuamos sendo dos seus.

Os *xapiri*, apesar de serem sem número, habitam todos no topo dos morros e das montanhas. É sua morada. Não pensem que a floresta é vazia. Embora os brancos não os vejam, vivem nela multidões de espíritos, tantos quantos animais de caça. Por isso suas casas são tão grandes. Tampouco pensem que as montanhas estão postas na floresta à toa, sem nenhuma razão. São casas de espíritos; casas de ancestrais. *Omama* as criou para isso. São muito valiosas para nós. É do topo delas que os *xapiri* descem para as terras baixas, por onde andam e se alimentam, como os animais que caçamos. É também de lá que eles vêm a nós quando bebemos *yákoana* para chamá-los e fazê-los dançar.

A casa do pai de minha esposa fica aos pés de um maciço rochoso que chamamos *Watoriki*, a Montanha do Vento. Essa montanha é também a casa de *xapiri* antigos, que lá vivem em grande número: espíritos do vendaval *Yariporari*, espíritos arara, espíritos japim *ayokora*, espíritos galo-da-serra, espíritos macaco-aranha e macaco-prego, espíritos anta, espíritos veado e espíritos suçuarana e onça-pintada. Graças a esses *xapiri*, o vento e a chuva descem das alturas para espalhar-se por toda a floresta, tornando-a fresca e úmida. Aqueles de nós que não são xamãs, do mesmo modo que os brancos, não percebem nada disso. Os espíritos são invisíveis para seus olhos de fantasma e eles só veem os animais de caça de que se alimentam. Apenas os xamãs são capazes de contemplar os *xapiri*, pois, tornados outros com a *yákoana*, podem também vê-los com olhos de espíritos.<sup>20</sup>

Foi *Omama* que criou as montanhas, como a de *Watoriki*. Fincou-as no chão da floresta para que a terra fique no lugar e não trema. Aconteceu assim. Uma certa manhã, seu filho flechava passarinhos nas roças próximas da casa com seu arco de criança. De repente, escutou um chamado ecoando na floresta: "*Si ekeke! Si ekeke!*". Amedrontado, pensou que o que ouvia era a voz de um ser maléfico que se gabava de esfolar os humanos, cantando para quem quisesse ouvir: "Rasgar a pele! Rasgar a pele!".<sup>21</sup> E foi correndo alertar *Omama*: "Pai! Alguém está vindo, dizendo que vai nos esfolar vivos!". Aflito, *Omama* perguntou a ele: "O que diz mesmo esse ser maléfico?". Seu filho imitou o canto que acabara de ouvir: "*Si ekeke! Si ekeke! Si ekeke!*". Na verdade, era apenas o canto

de um passarinho *si ekekema!* Mas *Omama*, enganado pelo que o filho dizia, ficou também com medo e exclamou: "Aaaaa! É verdade! Um ser maléfico está vindo para nos esfolar vivos!". Ele temia o retorno de *Xinarumari*, o dono do algodão que, outrora, esfolara um caçador que havia encontrado em seu caminho.<sup>22</sup> Por isso, tomado de pânico, fugiu logo na direção do sol nascente. Além disso, para não ser seguido, cuidou de apagar suas pegadas, plantando atrás de si grandes folhas de palmeira *hoko si*. Foram essas palmas que se transformaram, uma depois da outra, em picos rochosos espalhados por nossa terra e pela terra dos brancos, nos lugares onde faz muito frio. *Omama* assentou essas montanhas sobre a terra para firmá-la e para os *xapiri* nelas morarem.<sup>23</sup> Foi assim que ele deixou nossa floresta e aqui abandonou nossos ancestrais. Tudo isso por causa do grito de um passarinho! Ele foi para tão longe em direção ao nascente que chegou até a terra de vocês e para além da Europa e do Japão, lá onde o caminho do sol sai de debaixo da terra. Depois de ter lá criado os brancos, morreu; e, hoje, apenas sua imagem, na forma de fantasma, continua existindo. É ela que os grandes xamãs fazem descer bebendo *yákoana*.

Os *xapiri* nunca se deslocam pela terra. Acham-na suja demais, coberta de detritos e excrementos. O solo sobre o qual dançam parece vidro e brilha com uma luz deslumbrante. É feito do que nossos maiores chamavam *mireko* ou *mirexi*. São objetos preciosos que só eles têm. São resplandecentes e transparentes, mas muito sólidos. Os brancos diriam que são espelhos. Mas não são espelhos para se olhar, são espelhos que brilham.<sup>24</sup> *Omama* também os colocou acima da terra no primeiro tempo, para que os espíritos pudessem ali executar suas danças de apresentação. Enfeitou-lhes a superfície fulgurante com desenhos de peles de onça. Com o urucum dos *xapiri*, traçou também fileiras apertadas de pontos e traços pequenos, linhas sinuosas e círculos.<sup>25</sup> Por fim, adornou-a de penugem branca. Esses espelhos cobrem a floresta desde o primeiro tempo, e os espíritos se deslocam sobre eles sem parar, brincando, dançando ou guerreando. Foi nesses espelhos que vieram à existência e é deles que descem em nossa direção. É também neles que depositam nossa imagem quando nos fazem xamãs.

Grandes espelhos estão dispostos onde o filho de *Omama* e, depois dele, nossos ancestrais se tornaram xamãs pela primeira vez. Estão colocados bem no centro de nossa terra, nos campos que se estendem para além das terras altas do rio Parima.<sup>26</sup> Foi ali que os *xapiri* foram criados. Lá se encontram os

espelhos dos espíritos que imitam as palavras dos habitantes das terras altas e os dos espíritos de língua *xamatari* que bebem o pó *paara* e, mais adiante, os dos espíritos que imitam o falar *waika* de nossos antigos.<sup>27</sup> Assim, há vastos espelhos-pais no meio, com outros menores ao redor, espalhados como clareiras, onde os *xapiri* fazem paradas para se enfeitarem, antes de começar suas danças de apresentação.

Os espelhos dos *xapiri* são muitos ao longo de seus caminhos na floresta, pois pertencem a todos os espíritos das folhas, dos cipós, das árvores, bem como aos dos ancestrais animais. Eles sempre param nesses lugares abertos, como fazem os convidados, para descansar, comer e, sobretudo, se arrumar. Cobrem-se de tintura de urucum, colocam tufo de penas *paixi* e de caudais de arara em suas braçadeiras de crista de mutum, colam penugem branca sobre os cabelos, fabricam apitos de bambu *purunama usi* e desfiam as folhas novas de palmeira *hoko si* que vão agitar enquanto dançam. Uma vez prontos, organizam-se em longas filas e, em altos brados, começam, alegres, a vir em nossa direção.

Quando bebemos *yakoana*, seu poder cai em nós com força, bate de repente na nuca. Então, morremos e logo viramos fantasmas. Enquanto isso, os espíritos se alimentam de seu pó através de nós, que somos seus pais. Depois, se aproximam devagar, cantando e dançando nos espelhos, descendo de suas casas presas no peito do céu.<sup>28</sup> Neles se movem com ânimo, sem tocar jamais o nosso chão, cobertos de enfeites de penas e brandindo seus facões, machados e flechas, prontos para combater os seres maléficos. Das alturas, avistam ao longe toda a floresta e nos avisam dos males que nos ameaçam: "Vem vindo a epidemia *xawara*! Um ser *ně wāri* se aproxima para devorá-los! Os trovões e o vendaval estão enfurecidos!". Depois, quando seu pai não quer mais imitá-los, regressam com seus espelhos para suas casas, levando seus cantos para o peito do céu. O xamã então volta a usar sua língua de fantasma.

*Watoriki*, a Montanha do Vento, perto da qual vivemos, é, como eu disse, uma casa de espíritos. Os *xapiri* que nela vivem são os verdadeiros donos da floresta à sua volta. É o espaço externo de sua casa. Por ela andam, folgueiam e descansam de suas brincadeiras. Muitos espelhos cercam esse maciço rochoso. Lá estavam bem antes de nossa chegada. Por isso, no momento de construir nossa casa, nossos antigos xamãs tiveram de afastá-los com cuidado e gentileza, informando os espíritos de sua intenção. O sítio de *Watoriki* também é

cercado de muitos caminhos, pertencentes a todos os espíritos dos animais, das árvores e das águas. Gente comum não vê os espelhos, mas para os *xapiri* eles são tão visíveis quanto é para nós a praça central de nossa casa! Cobrem a floresta em toda a sua extensão, e nós, humanos, vivemos no meio deles. Sem nos darmos conta, os espíritos estão o tempo todo indo e voltando e correndo com alegria por eles, produzindo uma brisa fresca. Assim é. O vento não surge do nada na floresta, como pensam os que ignoram a existência dos *xapiri*. Vem do movimento da corrida invisível dos espíritos que nela vivem.

Em todos os lugares onde vivem humanos, a floresta é assim povoada de espíritos animais. São as imagens de todos os seres que andam pelo solo, sobem pelos galhos ou possuem asas, as imagens de todas as antas, veados, onças, jaguatiricas, macacos-aranha e guaribas, cutias, tucanos, araras, cujubins e jacamins. Os animais que caçamos só se deslocam na floresta onde há espelhos e caminhos de seus ancestrais *yarori* que se tornaram espíritos *xapiri*. Quando olham para a floresta, os brancos nunca pensam nisso. Mesmo quando a sobrevoam em seus aviões, não veem nada. Devem pensar que seu chão e suas montanhas estão ali à toa, e que ela não passa de uma grande quantidade de árvores. Entretanto, os xamãs sabem muito bem que ela pertence aos *xapiri* e que é feita de seus inúmeros espelhos. Os espíritos que vivem nela são muito mais numerosos do que os humanos e todos os demais habitantes da floresta os conhecem!

*Omama* multiplicou-os e espalhou-os em todas as direções de nossa terra e muito além, do outro lado das águas, até a terra dos brancos.<sup>23</sup> Os *xapiri* que vêm dessas terras distantes são mesmo magníficos! Outrora, seguiram *Omama* em sua fuga e ele os tem mantido junto de si desde então. Esconde-os, pois são os mais belos e poderosos dos espíritos. São, por exemplo, as lindas imagens dos japins *ayokora*, cuja boca é capaz de regurgitar os objetos dos seres maléficos e as plantas de feitiçaria que extraem do corpo dos doentes. Os *xapiri* de nossa floresta são os que *Omama* aqui deixou. São muitos, e ele considerou que nos bastariam. Contudo, são mais fracos e menos sagazes do que os que levou consigo para a terra dos brancos, onde são tão numerosos quanto na nossa. Os brancos, porém, não os veem. Seus antepassados talvez os conhecessem? Mas hoje seus filhos e netos os esqueceram. É verdade, *Omama* é ciumento de seus

espíritos! É seu verdadeiro pai. É seu dono, como dizem os brancos, e não quer que sejam maltratados. Se os enviasse com generosidade a jovens de pênis malcheiroso, que comem sal demais e respondem a eles numa língua torta, eles fugiriam logo, furiosos e enojados. *Omama* não quer isso. Por essa razão os mantém ao seu lado e só os manda um por um, apenas quando são xamãs já instruídos que os chamam. Não cede tão fácil seus mais belos *xapiri*! Só os deixa partir para junto de xamãs que reconhece e cujo porte aprecia. Começa por identificar seus ornamentos e diz a si mesmo: "*Haixopë!* Esses humanos são os meus de verdade!". Depois deixa partir alguns espíritos em direção a eles: "Muito bem! Podem levá-los e fazê-los dançar longe de mim!".

É desse modo que devemos pedir nossos espíritos mais poderosos à imagem de *Omama*, e apenas os xamãs experientes podem fazê-lo. Se um jovem iniciando paramentado com desleixo tentasse, *Omama*, furioso, iria rejeitá-lo na hora, declarando: "Você está muito feio! Onde estão suas caudais de arara? Seus braços estão nus! Onde está sua faixa de rabo de macaco cuxiú-negro? Seus cabelos são ralos! Onde estão seus brincos de papagaio e de pássaro *hëima si?* Você não os quer? Então, não é dos nossos! Você só sabe se embrulhar em roupas de branco! Você é vazio! Não me peça nada!". Assim é. Se *Omama* não nos enviasse seus mais belos *xapiri*, eles não viriam a nós por conta própria! No começo, quando a pessoa ainda é ignorante, só chegam espíritos das folhas, dos cupinzeiros, da lenha, dos tições e da poeira! São *xapiri* que falam língua de fantasma e se aproximam apenas para testar o iniciando, para preparar sua boca e varrer a clareira onde os verdadeiros espíritos virão se instalar mais tarde. *Omama* só nos envia espíritos realmente capazes de enfrentar as doenças e as fumaças de epidemia quando nos tornamos xamãs experientes. No final, quando ficamos mais velhos e temos o peito mais robusto, ele faz chegar a nós os poderosos espíritos dos japins *ayokora*.

Vindo de muito longe, os poucos *xapiri* que *Omama* nos concede no início vão chamando outros de casa em casa ao longo de todo o seu caminho e os atraem com eles. São muito poucos no começo, mas devagar suas vozes se juntam umas às outras e vão aumentando conforme avançam em nossa direção. Enfeitados com ornamentos luminosos, juntam-se numa vasta tropa que emite altos clamores. Quando passam diante da casa de outros espíritos, estes são contagiados por sua empolgação e perguntam: "Aonde vão tão animados?". Então, são convidados a se juntar ao grupo, que vai crescendo cada vez mais:



"Vamos dançar na casa dos fantasmas, venham conosco! Vamos lá, todos juntos!". É assim que acontece. Quando respondemos com empenho aos cantos dos *xapiri* que vêm a nós, eles vão ficando cada vez mais numerosos, e cada vez mais eufóricos; no final, é uma multidão que chega para fazer sua dança de apresentação.

Minha esposa, a quem eu falava sobre isso, certo dia me perguntou: "Mas, se *Omama* não gosta de dar seus espíritos mais belos, como você diz, os *xapiri* que vocês costumam fazer dançar são fracos e feios?". Protestei logo, explicando: "Não! Não é isso! São os humanos que são medonhos comparados aos espíritos! Os *xapiri*, que são nossos filhos, ao contrário, são belíssimos! No entanto, os mais bonitos deles só vêm aos poucos, com trabalho. Assim é!". Ela então respondeu: "Awei! Entendi. São como você diz! Se eu fosse xamã, também poderia vê-los!". É verdade. Algumas mulheres se tornam xamãs do mesmo jeito que os homens. Acontece quando o pai é xamã e elas nascem do esperma de seus espíritos, pois, como eu disse, quando um xamã copula com sua mulher, seus espíritos fazem o mesmo. Então, quando essas moças chegam à puberdade, os *xapiri* manifestam sua vontade de dançar para elas. Se elas não tiverem medo de responder aos seus cantos, eles irão se instalar com elas para valer.

Era assim que ocorria com as filhas de nossos maiores. Elas não se tornavam xamãs à toa! Seguiam os passos de seus pais e, como eles, tratavam dos doentes e afugentavam os seres maléficos. No começo, elas não deviam se deixar sujar pelos homens. Porém, mais tarde, quando seus espíritos estivessem bem assentados, podiam tomar marido. Hoje ainda existem algumas mulheres xamãs, sobretudo nas terras altas. Quando essas moças têm juízo, não se dão aos rapazes cedo demais. Crescem sem homens e, desse modo, os espíritos continuam dançando para elas por muito tempo. São seus pais que chamam os *xapiri* para elas e fazem com que suas casas sejam construídas junto delas. Entre nós, nas terras baixas, isso também acontece, mas não dura. Os rapazes acabam copulando cedo demais com essas moças e elas logo param de responder aos espíritos. Foi o que aconteceu com a filha que meu padraсто teve com uma mulher *xamat'ari*, no rio *Parawa u*. Seu pai era um grande xamã e ela começou a ver e fazer dançar os *xapiri* como ele. Mas era muito bonita, os homens a desejavam demais e o cheiro de pênis deles os espantou. Se não fosse por isso, ela teria se tornado xamã de verdade.





Embora as imagens dos ancestrais animais sejam de fato muito numerosas na floresta, não são as únicas que vivem nela.<sup>31</sup> Os xamãs também fazem descer como *xapiri* as imagens de todos os seus outros habitantes: das árvores, das folhas e dos cipós, e ainda dos méis, da terra, das pedras, das águas, das corredeiras, do vento ou da chuva. Não são menos numerosas e, quando chegam juntas para fazer sua dança de apresentação, são mesmo magníficas! Os xamãs podem ainda fazer dançar a imagem dos seres maléficos *ně wãri*, que nos devoram como caça na mata.<sup>32</sup> É assim a imagem do ser da seca, *Omoari*, que ataca os humanos quando pescam com timbó no verão,<sup>33</sup> e do ser do anoitecer, *Weyaweyari*, ladrão de imagem das crianças que ficam brincando fora de casa até tarde. Podem chamar também o espírito sucuri *Ókarimari*, que mata as mulheres fazendo-as abortar, e o espírito do antigo fantasma *Poretapari*, que nos atinge com suas pontas de flecha com curare.<sup>34</sup> São espíritos perigosos e ferozes, que ficam com raiva quando estão com fome ou lhes falta tabaco.

No entanto, nem todos os *xapiri* são habitantes da floresta. Alguns deles são imagens dos seres que moram nas costas do céu ou mais além. Também são temíveis, como o espírito gavião *Koimari*, que talha as crianças com seu facão afiado,<sup>34</sup> o espírito borboleta *Yâpimari*, que leva embora suas imagens, ou o espírito raio *Yâpirari*, que se faz descer com raiva num estrondo de luz

para assustar os inimigos. Há ainda o espírito sol *Mor<sup>o</sup>okari*, da boca cheia de sangue, que provoca febre nas crianças amarrando-as com o algodão escaldante fiado por sua esposa, antes de devorá-las. E também as imagens dos seres do céu novo que chamamos *tuki rima mosi*.<sup>35</sup> Esse céu, transparente e frágil, fica muito além do que podemos ver com nossos olhos. É habitado por seres moscas *prôôri*, seres insetos *wa usinari* e seres urubu *watupari* e *h<sup>o</sup>akoh<sup>o</sup>akori*.<sup>36</sup> No mundo debaixo da terra, onde reinam a escuridão e uma chuva sem fim, tudo é podre. No entanto, muitos outros *xapiri* vêm de lá! Esses são as imagens dos ancestrais *aôpatari*, que devoram as substâncias de feitiço e os seres maléficos jogados pelos xamãs em suas curas. Há ainda o ser do caos, *Xiwâripo*,<sup>37</sup> com seus espíritos queixada, *Titiri*, o espírito da noite, *Ruëri*, o espírito do tempo encoberto, e *Motu uri*, o das águas subterrâneas.

Os *xapiri* costumam ser magníficos de ver, como o espírito do vendaval, *Yariporari*, que dança com leveza em meio a turbilhões de penugem branca, agitando imensas folhas de palmeira *hoko si* desfiadas, que ondulam em seu sopro poderoso. Por outro lado, as imagens dos seres maléficos *nê wâri* podem ser apavorantes!<sup>38</sup> Como, por exemplo, a do espírito onça *framari*, que brande seu facão afiado espalhando fagulhas, ou a do espírito algodão *Xinarumari*, com suas garras, seus ornamentos candentes e sua longa cauda venenosa. Há também as imagens espantosas do fantasma de xamã morto *Poreporeri*, com seu crânio careca e seu rosto descarnado, e a do espírito lua *Poriporiri*, com sua barba rala e seus caninos afiados. Há ainda a do ser das cheias, *Riori*, de corpo peludo e purulento, a da sucuri *Ôkarimari*, cuja rede exala um fedor apimentado e que dança em seu caminho de brasa com seu enorme pênis em ereção, ou a do grande ser gavião *Ara poko*, de olhos vidrados, que balança um longo algodão incandescente com que amarra suas presas. Quando alguém se torna xamã e os vê dançar pela primeira vez, esses *xapiri* maléficos são mesmo muito assustadores! Porém, depois que amarram suas redes em nossa casa de espíritos, acabamos nos acostumando com eles, apesar de continuarem sendo muito ferozes e briguentos.

Assim é. As imagens que os xamãs fazem dançar são sem número e suas palavras são mesmo infundáveis! Existem ainda muitos outros *xapiri* dos quais não falei. Como os espíritos do céu, *hutukarari*, que vêm e vão numa claridade ofuscante, com as cabeças cobertas de penugem imaculada. E as mulheres espíritos *waikayoma*, que flecham as miçangas,<sup>39</sup> e os espíritos das árvores de

cantos, *amoa hiri*. E a imagem do menino vingador *Ōeōberi*, que nos ensinou a guerra no primeiro tempo, e a de *Remori*, o espírito zangão que deu aos brancos sua língua emaranhada. Há ainda os *xapiri* dos ancestrais dos brancos, criados por *Omama*, que chamamos *napēnapēri*. É ainda o antigo espírito guerreiro *Aiamori*, e *Wixiari*, o espírito de morte que engole o sopro de vida dos inimigos. Existem inclusive espíritos dos cães, *hiimari*, das panelas, *hapakari*, e do fogo, *wakēri*! Essas palavras sobre os seres cujas imagens fazemos dançar não acabam nunca! Nenhum gravador jamais poderá esgotar a multidão de suas palavras!

Os *xapiri* de um xamã o chamam de "pai" porque permanecem junto dele, que os alimenta de pó de *yākoana*. Não o chamam de nenhum outro modo. Se o pai não os incomodar com o cheiro das folhas de mel que enfeitam as braçadeiras das mulheres, se imitar seus cantos com acerto e se beber *yākoana* frequentemente para fazê-los dançar, os espíritos, satisfeitos, ficam com ele. Bem alimentados, exclamam com alegria: "Nosso pai nos trata bem! Sabe responder a nossas palavras!". Se, ao contrário, ficam com fome e irritados, se sentem maltratados e acabam fugindo de volta para o lugar de onde vieram, para nunca mais voltar. A *yākoana* é seu verdadeiro alimento. Quando seu pai a bebe, fartam-se dela através dele. Morrem sob seu efeito, do mesmo modo que ele. Então, ficam muito felizes e seus cantos se tornam esplêndidos!

Quando eu era mais novo, ficava me perguntando se os *xapiri* podiam morrer, como os humanos. Hoje sei que, apesar de minúsculos, são poderosos e imortais. Assim, os espíritos que nossos antepassados faziam dançar continuam vivos, mesmo muito tempo após a morte dos xamãs que os tinham. É verdade. Depois da morte daquele a quem chamavam "pai", os *xapiri* reconhecem seu filho ou genro e se interessam por ele. Quando ele morrer, descem para junto de seus filhos que, por sua vez, vão beber *yākoana* para alimentá-los. Assim é desde sempre. A esses *xapiri* dos antigos xamãs que voltam para dançar para os vivos chamamos de espíritos órfãos, *xapiri hapara pē*.<sup>60</sup> O pai que os fazia dançar outrora já não existe. Porém, apesar da morte deste, as casas e espelhos de seus espíritos seguem existindo. Seus olhos, seus adornos de plumas e sua pintura de urucum são sempre magníficos. Eles continuam gostando dos humanos e persistem em descer para perto de nós. Assim, quando um

antigo xamã ainda em vida indica um rapaz aos olhos de seus *xapiri*, estes o reconhecerão e descerão para junto dele quando seu pai morrer. Eu tenho poucos desses espíritos órfãos, pois, no tempo em que nossos antigos ainda viviam, eu ainda não bebía *yákoana*. Não puderam me dar seus *xapiri* antes de morrerem e portanto eles não se lembram de mim. Na verdade, um único grande xamã, que morreu entre nós há algum tempo, me apresentou a seus espíritos em vida. Eles reconhecem em mim os ornamentos de seu falecido pai: os tufo de penas *paixi* de suas braçadeiras, suas faixas de rabo de macaco cuxiú-negro e os rastros de seu urucum. Por isso continuam descendo a mim. Esses espíritos *hapara pë* se parecem muito com seus finados pais. Assim, quando vêm dançar em forma de fantasma, vemos através deles os antigos xamãs que os tinham, e sua lembrança volta a nós com muita saudade.

Não pensem que os *xapiri* são apenas espíritos homens. Numerosas mulheres espíritos também fazem sua dança de apresentação para os xamãs! Nós as chamamos de *yaroriyoma pë*, as mulheres espíritos animais, e também as mulheres espíritos *ʔuëyoma pë*.<sup>41</sup> São as filhas, irmãs, noras e esposas dos *xapiri*. Dentre elas, muitas são belíssimas jovens mulheres espíritos *quati*, mas sobretudo mulheres espíritos *cipó kumi*, hábeis no preparo de encantamentos amorosos.<sup>42</sup> Os espíritos homens só executam suas danças de apresentação depois de terem sido atraídos por esses espíritos mulheres, que os precedem sempre. Seus feitiços alegam-nos e assim elas conseguem fazer com que as sigam, mesmo os que estão com preguiça ou emburrados.

Nossas esposas, e até nossas filhas moças, parecem bem feias em comparação com as mulheres espíritos, que são capazes de fascinar e provocar ciúmes em todos os *xapiri*! Elas são de fato maravilhosas! Têm lindos olhos puxados e seus cabelos negros são muito finos. Suas franjas são realçadas por uma linha de penugem de um branco luminoso. Os bastonetes que enfeitam suas bocas são decorados com pequenas penas pretas de crista de mutum.<sup>43</sup> Os lóbulos de suas orelhas são enfeitados com flores brancas das árvores *weri nahi* ou flores vermelhas das árvores *ata hi*, com caudais verdes de papagaio *werehe* e penas multicores do pássaro *wisawisama si*. Sua pele macia é pintada com urucum brilhante. Dançam com muita graça, às vezes com seus bebês nas costas dormindo na tipoia.

Os *xapiri* homens se apaixonam por elas sem dificuldade! Por isso essas mulheres espíritos sempre os precedem. Eles se juntam com muita pressa para segui-las, vindos de todos os lados, cada vez mais numerosos. Nunca dançam sozinhos, entre eles. Seu olhar é atraído pela grande beleza dessas mulheres espíritos, que os seduz e os apaixona. Eles avançam dando gritos de alegria e incentivam uns aos outros a dançar. Os espíritos homens só ficam mesmo felizes de fazer sua dança de apresentação quando se juntam com as mulheres *xapiri*! É por isso que são sempre elas as primeiras a dançar, como nossas mulheres, nas festas *reahu*. Os espíritos homens respondem ao seu chamado e seguem seus movimentos. Elas então fingem rejeitá-los, mas eles não param de tentar se aproximar. São mesmo muito apaixonados por elas! Não fosse isso, os *xapiri* não se apressariam tanto para dançar!

Os espíritos não são como os animais nem como os humanos. São outros. Não bebem água dos rios nem comem carne de caça. Detestam tudo o que é salgado ou grelhado e só gostam de coisas doces. Os espíritos abelha se alimentam do néctar de flores, como as das árvores *pahi hi*, *hotorea kosihi*, *xitopari hi* e *masihanari kohi*. Os espíritos vespa preferem suco de bananas maduras. Os espíritos macaco-aranha, tucano, mutum e jacamim bebem o suco das frutas das palmeiras *hoko si* e *maima si*, ou das árvores *hayi hi*, *xaraka ahi* e *apia hi*. Já os espíritos anta obtêm a imagem de sua gordura a partir dos frutos da árvore *oruxi hi*. Não se pode pensar que os alimentos dos espíritos animais são iguais aos nossos. Eles se alimentam das imagens do que chamamos *nē rope*, a riqueza da floresta.<sup>44</sup> São alimentos de verdade, ao mesmo tempo saborosos e livres de qualquer sujeira. Bebem apenas a água perfumada que vem das montanhas altas. É por essa razão que até seus excrementos perfumam. Os nossos empesteiavam porque a caça que comemos se decompõe em nós. Já o corpo dos *xapiri* não contém nenhuma carne podre, de modo que mesmo seus peidos espalham um perfume agradável! Aliás, eles costumam cheirá-los nas mãos em concha. É, para eles, uma energia que não querem perder. Os odores de nossos alimentos e a fumaça de nossas casas lhes parecem sujos e malcheirosos. Até a fragrância das folhas de mel nos braços de nossas mulheres os enoja. Entre eles, apenas os espíritos onça devoram caça, ao passo que os dos seres maléficis,<sup>45</sup> como o espírito gavião *Koimari*, são também comedores de homem. Assim como os



espíritos urubu, que vêm de além do céu e têm um apetite insaciável por gordura humana. Esses *xapiri* são perigosos e podem voar muito longe para devorar as crianças de casas desconhecidas. Às vezes chegam a atacar adultos, e até xamãs. São cruéis; não se alimentam de flores; longe disso!

Os *xapiri* apreciam o tabaco tanto quanto nós. Seus rolos de tabaco, porém, não se parecem nada com os nossos.<sup>46</sup> São minúsculos e de uma brancura resplandecente. Fabricam-nos com folhas de tabaco celeste do espírito lagarta *Yoropori*.<sup>47</sup> Os espíritos do jupará, do guariba, das abelhas, das borboletas e dos lagartos, todos usam esse mesmo tabaco. Assim como o espírito lua *Poropori-ri* e o espírito trovão *Yárimari*. Mas é sempre o espírito do grande caracol *warama aka* que tem a brejeira mais grossa e mais úmida.<sup>48</sup> Assim é. Quando falta tabaco aos velhos *xapiri*, o tempo fica encoberto. Ficam irritados e param de trabalhar para segurar a chuva e o vento, que vão ganhando força. Mas, quando ficam satisfeitos e apaziguados por um bom rolo de folhas de tabaco debaixo do lábio, acalmam-se e o tempo clareia.

Os *xapiri* são também guerreiros valentes, e suas armas são muito perigosas. Possuem bordunas pesadas e lâminas de ferro imensas, que chamamos *siparari*, como as que são agitadas pelos espíritos cobra *karihirima kiki* e pelos espíritos jacaré durante suas danças de apresentação.<sup>49</sup> São como sabres de poder.<sup>50</sup> Não se parecem em nada, porém, com as espadas que os brancos conhecem. Altas como o céu, são luminosas e brilhantes como espelhos. São feitas de outro aço, afiado e cortante, que é o pai do metal. Por isso suas feridas são tão mortais para os seres maléficos *ně wári*. Outros espíritos, como os dos escorpões e os das vespas, também disparam sobre eles flechas com pontas embebidas em curare — a picada desses insetos por acaso não é dolorosa? Certos *xapiri*, como o espírito preguiça, possuem espingardas vindas dos espíritos ancestrais dos brancos, os *napēnapēri*. Ameaçam com elas os trovões para silenciá-los e abrem fogo sobre os *ně wári* e seus cães de caça. Outros *xapiri* lutam com lanças, como o espírito da arraia *yamara aka* — o ferrão desse peixe é perigoso, não? Outros ainda, como os espíritos morcego, utilizam zarabatanas para soprar plantas de feitiçaria sobre seus adversários. Outros, enfim, como o espírito do escaravelho *maika*, lançam sobre os seres maléficos bolas de piche



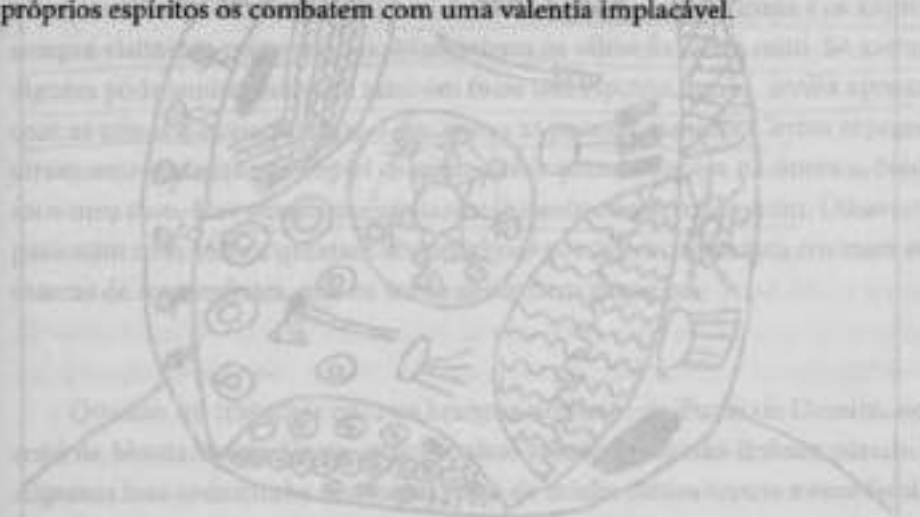
*mai koko*<sup>31</sup> em chamas ou, como o espírito pedra *Maamari*, esmagam-nos com seu próprio peso.



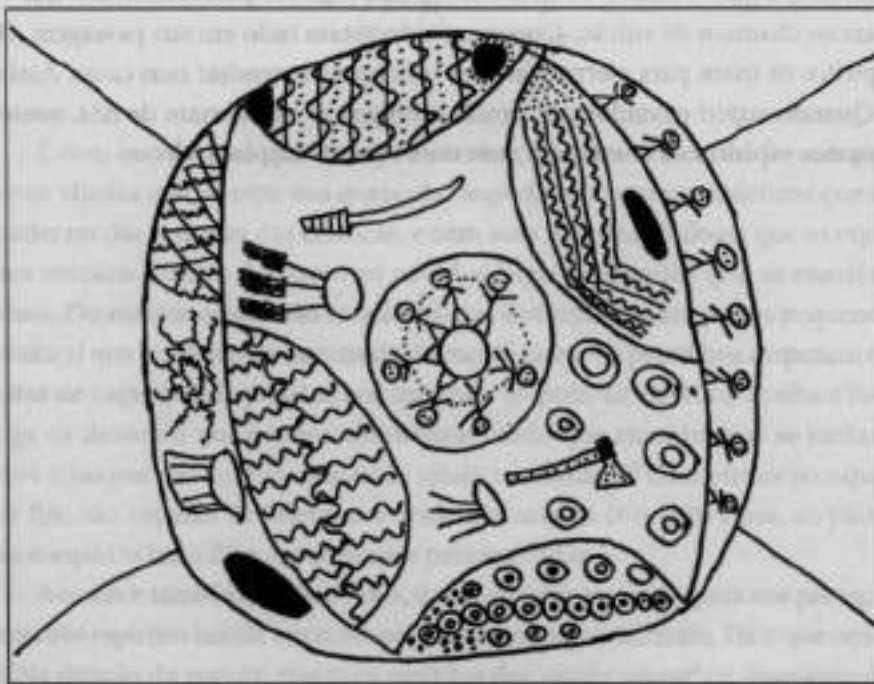
É com essas armas que os *xapiri* se esforçam para nos curar. É com suas presas afiadas que os espíritos queixada despedaçam os seres maléficos que se apoderam das imagens das crianças, e com suas mãos habilidosas que os espíritos macaco-aranha desfazem os nós dos laços de algodão que as mantêm presas. Do mesmo modo, são as mandíbulas dos espíritos dos peixes pequenos *yaraka si* que retalham os rastros de doença,<sup>32</sup> como os peixinhos disputam os restos de caça abatida jogados nos igarapés. Depois, os espíritos abelha e formiga os devoram aos poucos, do mesmo modo que esses insetos se juntam sobre o sangue dos animais que estão sendo trinchados.<sup>33</sup> Os espíritos poraquê, por fim, são capazes de fulminar a epidemia *xawara* com seus raios, ao passo que o espírito lua a dilacera com suas presas afiadas.

Acontece também, muitas vezes, de os *xapiri* guerrearem para nos proteger de outros espíritos hostis, enviados por xamãs inimigos distantes. Eis o que ocorre. Na direção do poente, vivem os espíritos dos xamãs *xamat<sup>a</sup>ari*, enquanto do lado das terras altas estão os dos *Parahori*. Para esses *xapiri*, os nossos são espíritos *waika*.<sup>34</sup> Todos são muito valentes e dispostos a lançar ataques para se vingarem. Em comparação com eles, somos todos covardes! Muitas vezes, trocamos insultos e ameaças, mas é raro nos flecharmos para valer. Já os *xapiri* nunca se contentam com palavras. Guerreiam com ferocidade e para matar mesmo! Os espíritos dos gaviões-tesoura *witiwitima namo*, dos pequenos gaviões *teateama* e das andorinhas *xiroxiro*, por exemplo, combatem entre si com pedaços de pedra que arrancam das montanhas! São tão rápidos que ninguém consegue seguir sua pista. Atacam de repente e logo desaparecem nos ares, para reaparecerem de novo noutro lugar, atacar e sumir mais uma vez, bem depressa.

Os *xapiri* guerreiros colocam em suas flechas pontas de lascas celestes, de um brilho ofuscante, como um metal luminoso.<sup>45</sup> Vão buscá-las nos confins da floresta, onde o céu se aproxima da terra e o sol desaparece. Com essas pontas muito poderosas, nunca erram seus alvos, mesmo a enormes distâncias. Podem também pegar seus adversários e prendê-los em grandes caixas de metal parecidas com prisões, ou colá-los no peito do céu com piche, e deixá-los lá até morrerem. Às vezes dançam brandindo imensos braseiros vindos de terras distantes, a que chamam *mōruxi wakē*. Esses fogos se parecem com o que os brancos chamam de vulcão. Queimam e devastam tudo em sua passagem. Os espíritos os usam para aterrorizar seus inimigos e incendiar suas casas. Assim é. Quando *xapiri* enviados por xamãs inimigos se aproximam de nós, nossos próprios espíritos os combatem com uma valentia implacável.



## 5. A iniciação



*Espelhos dos espíritos.*

Já adulto, os *xapiri* ainda me amedrontavam durante o sono, do mesmo modo que antes, durante a minha infância em *Marakana*. Contudo, eu ainda não tinha bebido o pó de *yãkoana* e não os conhecia de verdade. Eu continuava sendo uma pessoa comum, meu peito era oco. Em meus sonhos, só os percebia na forma de penugens de um branco ofuscante, como um enxame luminoso ao longe. Não fazia ideia do que eram de fato! Eu só me tornava fantasma durante a noite, e nunca dormia tranquilo. Por isso o meu padrasto sempre quis fazer de mim um xamã. Quando eu era criança, ele costumava me dizer: "Assim que você crescer, vou lhe dar meus espíritos mais bonitos! Abrirei seus caminhos! Vou chamá-los e abrir uma clareira para que venham a você!".

Na época, isso me assustava e eu respondia: "Ainda sou muito pequeno, não quero!". Apesar disso, não parei de virar outro quando dormia e os *xapiri* sempre visitavam meus sonhos. Mantinham os olhos fixos em mim. Só assim alguém pode sonhar como se também fosse um espírito. Senão, sonha apenas com as coisas que viu durante o dia, como as pessoas comuns. Certos rapazes viram outros porque os *xapiri* chegam a eles quando caçam na floresta. Não foi o meu caso. Eles sempre me visitaram durante o tempo do sonho. Olhavam para mim com afeto e queriam se aproximar porque reconheciam em mim as marcas de seus enfeites, que eu trazia desde bem pequeno.

Quando fui trabalhar para os brancos no posto da Funai de Demini, no sopé da Montanha do Vento, meus sonhos assustadores não tinham parado.<sup>1</sup> Algumas luas após minha instalação, o pai de minha futura esposa e seus familiares decidiram vir morar na região.<sup>2</sup> Construíram ali uma nova casa. Assim, me acostumei a deixar o posto Demini depois do meu trabalho com os brancos para ir dormir lá. A casa era muito menor do que a nossa atual em *Watoriki* e mais distante do posto do que estamos agora. Quando dormia lá, meu sono era muito agitado. Meus antigos pesadelos recomeçavam, ainda mais frequentes, e eu virava outro quase todas as noites. De manhã, quando acordávamos, as pessoas da casa costumavam me dizer: "Você não para de se comportar como um fantasma enquanto dorme!". E mesmo quando eu, de vez em quando, ia para a cidade com o pessoal da Funai, isso continuava. Eles também me diziam que eu não parava de falar e de me agitar durante a noite.

Mais tarde, acabei falando a respeito de tudo isso com o meu sogro, que é

um grande xamã. Perguntei a ele: "Por que eu durmo tão mal? Que visões são essas que tanto me assustam durante o sono?". Ele me escutou com atenção, e depois explicou: "Você fica falando e gritando durante o sono? E se agita como um fantasma na noite? São os *xapiri* que o fazem virar outro e o assustam quando você dorme. Não se preocupe! Eles só querem lhe mostrar sua dança de apresentação, para virem morar com você. Para isso fazem você virar espírito como eles. Quando o curaram, ainda pequeno, há muito tempo, nossos antigos xamãs puseram em você enfeites de espírito. Por isso os *xapiri* o reconhecem e vêm a você com tanta vontade agora! Você não vira fantasma à toa!". Ao escutá-lo, meu pensamento vacilava e eu não sabia o que dizer de tudo aquilo. Acabei respondendo apenas: "Não sei!". Então, ele me perguntou: "Isso acontece com você quando está acordado?".<sup>3</sup> Disso eu tinha certeza: "Mas! Só vejo os espíritos virem a mim quando estou dormindo". Então, ele acrescentou: "Bom! Pare de gritar à toa durante a noite! Não aja mais como fantasma sem motivo! Beba *yákoana* comigo e responda aos espíritos que o querem. Assim você poderá tratar sua gente. Se quiser, apresente-me suas narinas para que eu lhe dê o sopro de vida dos *xapiri*. Vou fazê-lo virar espírito mesmo!".

Preocupado e indeciso, fiz perguntas a respeito dos *xapiri*: "Como eles são? São muito belos mesmo? São poderosos? Podem nos matar? Se não conseguirmos responder a eles, ficam perigosos?". Ele me respondeu apenas: "Se você não se tornar xamã, ficará desamparado quando tiver filhos e eles adoecerem!". Então eu disse a mim mesmo: "*Haixopé!* Entendi! É minha vez de imitar nossos maiores, que viram espíritos desde sempre! Não conheci nossos avós, mas sei que foram grandes xamãs. Devo seguir seus passos e fazer dançar os espíritos que eles tiveram antes de mim!". Desde a infância, eu costumava ver os *xapiri* em sonho e já tinha pensado que seria bom tornar-me xamã para saber curar. Mas, como ainda não podia conhecê-los de fato, me sentia perdido. Avaliava que, se os meus ficassem doentes, eu não poderia fazer nada para vingá-los dos seres maléficos e das fumaças de epidemia.

Então, finalmente tomei uma decisão e respondi: "*Awei!* Quero tentar beber *yákoana*. Não sei nada dessas coisas, mas quero mesmo conhecer a beleza e a força dos *xapiri*! Quero virar espírito!". Meu sogro olhou para mim sorrindo e replicou: "É mesmo? Você não vai ter medo?". Eu retruquei: "Mas! Quero mesmo seguir o caminho dos nossos maiores! Quero poder continuar a fazer descer os espíritos quando eles não estiverem mais aqui! Quero beber



*yākoana* para que meus olhos morram por sua vez!". Foi depois disso que ele começou a me dar seus espíritos, soprando pó de *yākoana* em minhas narinas pela primeira vez. É um ancião, um grande xamã. Seus *xapiri* são muitos e fortes. Seu pensamento vai muito longe e sua casa de espíritos é muito alta.

Foi generoso da parte dele me dar assim o sopro de vida de seus próprios *xapiri*, pois ele quis mesmo fazer de mim um xamã! Foi na casa dele, a primeira casa dos habitantes da floresta da Montanha do Vento perto do posto de Demini, que eu fui iniciado.<sup>4</sup> Na época, eu ainda trabalhava como intérprete da Funai. Mas o branco que era então chefe do posto não tentou me impedir de beber *yākoana* e de me tornar xamã. Ele não gostava de mim e mantinha distância. Não estava interessado no que eu podia fazer. Na maior parte do tempo, ele só me ignorava.

Foi assim que aconteceu. Comecei a beber *yākoana* num certo dia no tempo da seca. A casa estava quase vazia. Não era um período de festa *reahu*, porque os *xapiri* preferem o silêncio. Não gostam de descer quando a casa daquele que os chama está cheia, barulhenta e enfumaçada. No dia anterior, na floresta, meu sogro tinha cortado e colocado no fogo tiras de casca da árvore *yākoana hi*. Tinha recolhido sua resina vermelha e cozinhado num pote de cerâmica. Na manhã seguinte, se pôs a pulverizá-la com muito cuidado. Quando terminou, me chamou e me disse para eu me agachar diante dele. O sol já estava bem alto no céu. A *yākoana* recém-preparada tinha um cheiro muito forte.<sup>5</sup> Então ele começou a soprar grandes quantidades de pó em cada uma de minhas narinas, com um tubo de madeira de palmeirinha *horoma*. Soprava com força e começou várias vezes. Era a primeira vez que eu inalava tanta *yākoana* assim!

Eu estava muito ansioso, porque estava longe de conhecer todo o poder dela! Então, de repente, sua imagem, *Yākoanari*, bateu em minha nuca com força e me jogou para trás, no chão. Desmaiei logo e fiquei estirado na praça central, em estado de fantasma. Durou bastante tempo. A *yākoana* tinha me matado mesmo! Depois de um tempo voltei a mim um pouco e comecei a gemer. Meu ventre caía de medo e eu fiquei imóvel, prostrado na poeira. Devia mesmo dar pena de ver! Minha cabeça doía muito! Achei que não iria sobreviver. Eu estava cada vez mais apavorado. No entanto, apesar do medo, me agachei de novo na frente do meu sogro e continuei aproximando as narinas,

deixando escapar um lamento a cada nova dose de *yākoana*: "Aaaa! Estou virando outro! Aaaa!".

Não nos tornamos xamãs comendo carne de caça ou plantas das nossas roças, e sim graças às árvores da floresta. É o pó de *yākoana*, tirado da seiva das árvores *yākoana hi*, que faz com que as palavras dos espíritos se revelem e se propaguem ao longe. A gente comum é surda a elas mas, quando nos tornamos xamãs, podemos ouvi-las com clareza. A *yākoana*, como eu disse, é o alimento dos *xapiri*. Eles a chamam *raxa yawari u*, o mingau de pupunha da gente das águas. Bebem-na sem descanso, com avidez. Assim que sua força aumenta, eles a absorvem através do seu pai, o xamã, pois a *yākoana* penetra nele pelo nariz, que é a entrada de sua casa de espíritos.<sup>6</sup> Então, são muitos os *xapiri* a alimentar-se dela. Por isso o xamã não desaba no chão. Ao beber *yākoana*, ele só entra em estado de fantasma e seus espíritos, uma vez satisfeitos, descem em seus espelhos, alastrando por toda parte o cheiro suave de suas pinturas de urucum.

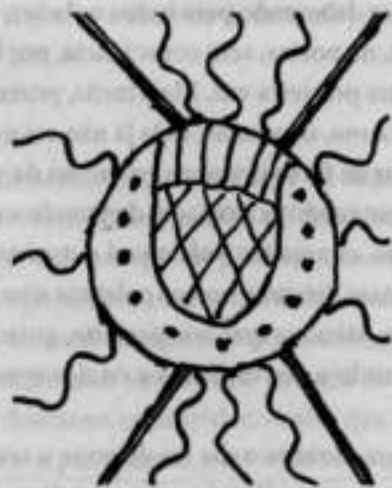
O poder da *yākoana* é forte e dura muito tempo. Apesar de ser menos luminoso e violento do que o do pó de *paara*, tirado das sementes chatas da árvore *paara hi*, que os *Xamatari* usam. Existem várias *yākoana*. Dentre elas, é o pó de *yākoana haare a* o mais poderoso.<sup>7</sup> Se alguém a beber sem cautela, a imagem dessa *yākoana* atingirá seu crânio com um violento golpe de machado e o jogará no chão. Desmaiará logo, e não voltará a si tão cedo, sobretudo se for misturada com pó de *paara*! Logo depois de beber *yākoana*, os *xapiri* se apoderam da imagem de seu pai, o xamã, e levam-na consigo para longe em seus voos, enquanto a pele dele fica estirada no chão. Por mais que as distâncias pareçam ser longas a nossos olhos de fantasma, não o são de modo algum para os espíritos, que são muito ligeiros. Quando descem a nós, mal temos tempo de escutar um zumbido e eles já pegaram nossa imagem, para perdê-la muito longe dali.

*Yākoanari* é o nome do pai da *yākoana*. Sua imagem continua morando onde *Omama*, há muito tempo, deu de beber desse pó a seu filho, que foi o primeiro xamã. *Yākoanari* é um antepassado de verdade, um espírito muito poderoso. Nas palavras dos brancos, é o dono da *yākoana*. O poder de seu pó é tamanho que faz explodir na pessoa uma luz deslumbrante, que cega. Por isso, quando a pessoa não o conhece, ela é logo derrubada com muita força e

despenca no chão. Fica se debatendo para todos os lados, com o ventre tomado de terror. Depois fica lá, na poeira, sem consciência, por bastante tempo. Foi o que aconteceu comigo na primeira vez. Mais tarde, porém, quando a pessoa se acostuma ao uso da *yákoana*, isso passa, e ela já não cai mais no chão gemendo e se contorcendo. Apesar da força intensa e repentina da *yákoana*, ela consegue ficar de pé e aí pode virar *xapiri* de verdade, dançando e cantando sem trégua. Os espíritos da *yákoana*, chamados *yákoanari* e *ayukunari*,<sup>8</sup> ficam ao nosso lado. Ajudam-nos a pensar direito e nossas palavras não param de aumentar e esticar graças a eles. É a *yákoana* que nos permite, guiados pelos xamãs mais experientes, ver os caminhos dos espíritos e os dos seres maléficos. Sem ela, seríamos ignorantes.

Tornados fantasmas durante o dia ou durante o tempo do sonho, é com ela que estudamos. Sem tomar *yákoana*, como eu disse, não se sonha de verdade. Ao contrário, quem dorme sob o poder dela continua vendo dançar e cantar os espíritos durante o sono. O corpo fica deitado na rede, mas os *xapiri* levantam voo com a imagem e fazem ver coisas desconhecidas. Levam a memória da pessoa consigo, em todas as direções da floresta, do céu e debaixo da terra. Se não fosse assim, no sonho veríamos apenas humanos, como nós. Só veríamos nossos próximos, gente caçando ou trabalhando na roça. Assim é. Não pensem que os *xapiri* se manifestam apenas durante o dia, quando se bebe *yákoana*! Ao contrário, continuam cantando para nós durante a noite. O tempo todo exigem que o pai os escute: "Não adormeça! Responda, não seja preguiçoso! Senão, vamos abandoná-lo!". Se o xamã ficasse com o nariz grudado nas cinzas da sua fogueira a roncar, seus *xapiri* ficariam muito descontentes. Saiam de sua casa de espíritos sem ele saber, um por um, e jamais voltariam. É por isso que, em nossas casas, sempre se ouvem os xamãs cantando durante a noite.

Durante todo o tempo em que meu sogro soprou *yákoana* em minhas narinas, nunca deixou ninguém se aproximar de mim. Eu ficava deitado numa rede de casca. Até minha esposa devia manter distância. Ela vinha apenas de tempos em tempos, para alimentar minha fogueira com lenha, com muito cuidado. Tudo devia permanecer silencioso ao meu redor. Não se pode fazer barulho ao andar, nem deixar cair um fardo de lenha perto de alguém que está tomando *yákoana* pela primeira vez! Os *xapiri* podem fugir no mesmo instante. Eles são muito ariscos e desaparecem assim que os humanos fazem muito



barulho. Não estão acostumados a isso. Suas casas são muito silenciosas. Por isso, os xamãs tomam muito cuidado para não assustá-los.

Eu tinha de evitar me movimentar demais. Os espíritos também se recusam a vir dançar junto a quem não para de se mexer. Eles só se aproximam com muita cautela, e só depois de os antigos xamãs terem limpado bem o chão ao redor, recobrando-o de penugem branca. Meu sogro me alertava: "Os *xapiri* detestam água fria. Lave-se só com água morna na casa! Não vá à floresta tomar banho na água do rio! Os espelhos dos espíritos vão se quebrar. Os caminhos deles vão arrebentar". É verdade. Os caminhos dos *xapiri*, finos e transparentes como fios de aranha, são muito frágeis. Dizia-me também: "Quando as pessoas assarem carne no fogo, deixe-as comer sozinhas, não peça nada a elas! Você não deve comer caça. Os espíritos detestam fumaça e cheiro de grelhado. Eles não têm fome de carne, como nós, humanos. Eles só comem alimentos doces. Também não beba água do rio! Não se preocupe, logo sua vontade de comer e de beber vai sumir!".

No começo, passei mesmo muita fome, a ponto de chorar! Mas é assim, não se pode ver os *xapiri* e tornar-se xamã cochilando com a barriga cheia de carne e mandioca! Eu também tinha muita sede. Minha língua ficou toda seca. No entanto, alguns dias depois, minha fome e minha sede acabaram. Os espíritos as jogaram para longe de mim. Eu não sentia mais nada. Via uma cuia cheia de água, mas já não tinha vontade nenhuma de beber. As pessoas ao meu

redor comiam queixada mas eu também não tinha mais vontade de comer. Bastava-me inalar o pó de *yákoana*, dose após dose, mais e mais. Os *xapiri* não paravam de dançar em volta de mim, e eram eles que me alimentavam. Virando outro, eu começava a absorver uma comida invisível que eles colocavam na minha boca enquanto eu dormia. Em meu sonho, os espíritos ficavam repetindo: "Coma, essa é a nossa comida! Recuse carne e não use mais tabaco! Tampouco tome banho! Você não deve chegar perto das mulheres! O cheiro de seus enfeites de folhas de mel é perigoso. Se você nos quer mesmo, escute nossa voz e repita as palavras de nossos cantos!". Então eu sentia o perfume de sua pintura de urucum e de suas plantas mágicas se espalhando em volta de mim. Eu estava muito fraco, mas, enquanto dormia, comia com prazer o que me davam.

Isso durou um bom tempo, uns cinco dias ou mais. Durante todo esse tempo, meu sogro não parou de soprar *yákoana* em minhas narinas. Fui ficando cada vez mais magro e minhas costelas começaram a aparecer. Estava muito sujo, e tinha os olhos fundos de fome e de sede. Quase não comi nem bebi durante esse período, só uns poucos alimentos doces: um pouco de mingau de banana ou garapa de cana. Não comia carne, nem banana-da-terra assada na brasa, nem mandioca, nem batata-doce, nem nada. E não usava brejeira de tabaco. De outro modo, eu teria dito palavras de fantasma em vez de responder direito aos cantos dos espíritos. Eu só bebia *yákoana*, sem parar. Os espíritos das vespas *kopena* e das abelhas *xaki* iam pouco a pouco devorando toda a gordura de meu corpo. Já quase nada restava de minha carne. Minha aparência era de dar pena e eu só conseguia emitir um fiozinho de voz, quase inaudível. Fiquei muito fraco, de dar dó. Já não tinha sopro de vida. Todos os restos de comida e carne apodrecidos tinham desaparecido de minhas entranhas. Os *xapiri* tinham me enfraquecido de fome e de sede. Tinham me feito emagrecer de verdade. Eu estava limpo e cheiroso como devia. Assim é. Os espíritos nos observam e nos cheiram de longe antes de se aproximarem. Se nos acharem gordos e fedidos, saem correndo. O fedor esfumaçado dos caçadores que comem da própria caça os faz vomitar. Se o aprendiz de xamã for um deles, cospem nele e exclamam: "Ele tem o peito de quem devora as próprias presas.\* Que imundo! A carne dele é amarga e malcheirosa! Tem gosto de carne queimada! Seu peito cheira a mulher, empesteia com o cheiro das folhas de mel delas!". Por isso a primeira coisa que fazem os xamãs mais velhos que nos dão seus espíritos é nos limpar. Devem nos livrar de todos os restos de caça, de



todos os cheiros de carne queimada e apodrecida que ficam em nós. Devem também nos lavar de todo cheiro de pênis. Então podem nos fazer virar espíritos, como eles próprios há muito tempo. Enquanto estivermos sujos e fedorentos, os *xapiri* se recusarão a vir dançar para nós.

Durante todo o tempo em que eu bebia *yãkoana*, minha mulher ficou apreensiva e um pouco descontente comigo. Perguntava-se por que eu queria beber *yãkoana* e ver os *xapiri*, se era para sofrer tanto. Quando me viu fraco, só pele e osso, acabou chorando. Depois me disse: "Antes de meu pai tê-lo feito inalar *yãkoana*, eu estava enfurecida com a sua decisão. Mas agora sinto muita pena de você!". Os demais habitantes da casa estavam tão preocupados quanto ela, vendo-me naquele estado inquietante. Mas eu não sentia sofrimento nenhum, porque queria muito me tornar *xamã*! Assim é. Para receber os espíritos do *xamã* mais velho que nos dá a beber *yãkoana*, é preciso estar de estômago vazio. No começo, seu pó deve ser nosso único alimento. Quando, por fim, nossas entranhas ficam bem limpas, então os *xapiri* podem vir a nós.

Então pode-se recomeçar a comer um pouquinho, mas apenas comida que não tenha sido grelhada, nem tenha sal, nem seja ácida. Só se pode ingerir alimentos brancos e sem gosto, como mingau de banana-da-terra ou filés de peixinhos cozidos numa folha, e também garapa de cana, mamão e, sobretudo, mel diluído em água. Essa bebida é, de fato, capaz de nos pôr em estado de fantasma e de nos fazer virar espíritos. O mel é mesmo o alimento preferido dos *xapiri*, que se nutrem de flores e frutas da floresta. Assim que o jovem *xamã* o engole, seus espíritos se fartam de mel através dele e ficam muito contentes. Por isso, os *xapiri* dizem ao iniciando: "Viremos a você, mas você deve comer como nós, comida doce! Não fique impaciente para devorar carne!". Assim, quando vemos abelhas nas árvores, já não podemos mais achar que são meras abelhas. Sabemos que são também *xapiri*, que só gostam de sabores açucarados e perfumados. Como eu disse, os espíritos não comem mandioca e carne como nós. Tampouco bebem da água dos *igarapés* da floresta. São bebedores de néctar de flores. Por isso eles só ficam felizes em descer para nós quando apenas nos nutrimos dos alimentos que eles apreciam. Mais tarde, porém, depois de os espíritos *onça*, *suçuarana* e *jaguaririca* terem vindo a nós, podemos voltar a comer carne. Aí, os *xamãs* mais velhos nos dizem: "Awei! Seu espírito *onça* dançou, você agora pode matar a sua fome de caça! Mas se temperar com pimenta, vai precisar lavar muito bem a boca!".

É desse modo que eles protegem os *xapiri* que fazem descer para nós. Hoje, é minha vez de alertar os rapazes que querem se tornar xamãs: "Não vão ao rio atrás das mulheres! Não fiquem comendo sem parar! Se vocês não se contiverem, não serão capazes de ver os *xapiri*! Nunca vão ouvir seus cantos! Eles não vão querer dançar para vocês!". Se xamãs mais experientes não ficassem atentos, junto conosco, quando bebemos *yãkoana* pela primeira vez, correríamos o risco de não ter nenhum cuidado e maltratar os espíritos. Furiosos diante dessa falta de respeito, eles poderiam nos golpear com seus facões e nos matar. Mas, apesar de temermos o poder deles, nosso desejo de fazê-los dançar como nossos ancestrais é mais forte. É assim porque somos habitantes da floresta.

É verdade que os *xapiri* às vezes nos apavoram. Podem nos deixar como mortos, desabados no chão e reduzidos ao estado de fantasmas. Mas não se deve achar que nos maltratam à toa. Querem apenas enfraquecer nossa consciência, pois se ficássemos apenas vivos, como a gente comum, eles não poderiam endireitar nosso pensamento. Sem virar outro, mantendo-se vigoroso e preocupado com o que nos cerca, seria impossível ver as coisas como os espíritos as veem. Por isso os *xapiri* dizem do iniciando: "Se continuar robusto, não ouvirá nossa voz!". Então, os espíritos morcego sopram em nós suas plantas de feitiçaria, para nos enfraquecer e nos manter em estado de fantasma. Os *xapiri* também se aplicam em tirar de nós o menor cheiro de restos de comida, pois são muito preocupados com limpeza. Por isso, quando encontram qualquer pedaço de carne em putrefação sobrando em nossas entranhas, reduzem-no a pedacinhos e jogam longe. Também lavam cuidadosamente nossa boca e peito, para acabar com todo o cheiro de carne queimada. Friccionam nossa pele até apagar dela tanto as fragrâncias das mulheres como os cheiros de fumaça, os odores da cópula e fedores de excrementos. Se a pele estiver contaminada pela epidemia *xawara*, não hesitam em arrancá-la como a de um sapo venenoso *yoyo*, para jogá-la no rio. Depois, nos esfregam com vigor, usando água dos igarapés das montanhas. E por fim nos recobrem com uma nova pele, enfeitada com penugem branca e pintura de urucum. São os espíritos das folhas, dos cipós e das árvores que vêm nos limpar primeiro. São eles também que rasgam nosso peito e aumentam seu tamanho para que os outros *xapiri* possam nele construir

sua casa. Assim é. Quem ainda tem alguma sujeira fica com língua de fantasma e não consegue responder aos *xapiri*.

Outros espíritos nos fazem renascer como crianças. Assim voltamos a ser recém-nascidos, ainda vermelhos do sangue do parto. Então as mulheres espíritos cortam nosso cordão umbilical e nos lavam com água límpida. Colocam-nos sobre um leito de penugem branca, no qual gesticulamos como bebês! Quando choramos, as mulheres espíritos dos macacos cairara e das ariranhas *proro* nos embalam em seus braços.<sup>10</sup> Amamentam-nos e cuidam de nós. E mais tarde, quando largamos o seio e crescemos, elas nos ensinam os cantos dos *xapiri*: "Arerererere!". Então, é a vez de os espíritos da árvore *wari mahi* e da águia *mohuma* nos cobrirem o corpo e o rosto com uma penugem de um branco luminoso e brilhante.<sup>11</sup> Depois a imagem de *Omama* e as dos demais *xapiri* nos oferecem seus enfeites. Amarram uma faixa de rabo de macaco cuxiú-negro em torno de nossas testas e prendem em nossas braçadeiras tufo de penas de papagaio e caudais de arara. E finalmente enfeitam nossos corpos com desenhos de urucum vermelho e preto.

Quando ficamos assim arrumados, carregam-nos para as costas do céu e lá nos depositam no meio de uma clareira, onde fazem sua dança de apresentação. O chão dessa clareira é um grande espelho salpicado de penugem branca que cintila com uma luminosidade ofuscante. É tudo ao mesmo tempo magnífico e apavorante. É nossa imagem que os *xapiri* levam desse modo, para consertá-la. Primeiro a extraem de dentro de nosso corpo, para depositá-la em seus espelhos celestes. Enquanto isso nossa pele, muito enfraquecida, queda-se estendida na praça de nossa casa, na floresta. Então os espíritos extraviam nosso pensamento e nossa língua, para nos ensinar a sua. Depois nos dão a conhecer o desenho da floresta, para que possamos protegê-la. Os *xapiri* são estupendos e resplandecentes. Parecem muito pequenos e frágeis, mas são muito poderosos. A partir de seus espelhos, revelam-nos a aproximação das fumaças de epidemia, dos seres maléficos da floresta ou dos espíritos do vendaval. Os brancos não conhecem isso. No entanto, é assim que, desde sempre, nossos maiores têm se tornado xamãs. Apenas seguimos seus passos.



Quando o pai de minha esposa me fez virar outro, tudo ocorreu como acabo de descrever. Com a *yākoana*, ele primeiro tirou de mim todo o vigor. O seu espírito, que chamamos *Yākoanari*, foi comendo minha carne aos poucos. Fiquei tão fraco que dava dó! Os *xapiri* então lavaram do meu peito todo cheiro ácido e salgado. Limparam também minhas entranhas de todos os restos de carne putrefata. Fizeram-me perder toda a força e fizeram-me voltar a ser um bebê. Depois de algum tempo, meu sogro chamou outros espíritos para virem se instalar comigo. Disse a eles: “Este rapaz, a quem dou de beber *yākoana*, deseja-os e quer virar espírito por sua vez! Vocês aceitam fazer sua dança de apresentação para ele?”. E os *xapiri* lhe responderam: “*Awei!* É um dos seus. Dançamos para os seus ancestrais desde sempre. Conhecemos vocês. Já que é a vez dele de nos querer, viremos dançar para ele!”.

Encorajado por essas palavras, meu sogro continuou a me fazer beber *yākoana* com firmeza, para que eu pudesse pensar direito. É assim que estudamos para nos tornarmos *xamãs*. O maior que chama os espíritos por nós deve, ao longo do dia, soprar o alimento deles em nossas narinas. Então, pouco a pouco, durante a noite, acabamos por vê-los se aproximando, dançando com alegria, e isso não para mais. Foi o que meu sogro fez por mim. Revelou-me o caminho dos *xapiri*, fez com que descessem e os deu para mim. É um grande *xamã*, um homem muito sábio. Ele não queria que pudessem me chamar de mentiroso. Assim é. Seguimos desde sempre as palavras que *Omama* deu a seu filho: “Se você quer mesmo ver os *xapiri* e ser capaz de responder a eles, precisa beber *yākoana* muitas vezes. Precisa ficar sem se mexer na sua rede e parar de comer e de copular a qualquer hora. Nesse caso, os *xapiri* ficarão satisfeitos. Senão, vão

achá-lo sujo e fugirão". Por isso o pai de minha esposa me alertou: "Agora vai ser preciso que seus pensamentos permaneçam calmos e que você responda aos *xapiri* com atenção, ou eles ficarão enfurecidos e poderão maltratá-lo!".

Sob o efeito da *yãkoana*, fiquei muito tempo estendido no chão, inconsciente. Então, os espíritos onça e veado se aproximaram e começaram a me lamber a pele com a ponta de suas línguas ásperas. Assim provaram minha carne, para saber se ainda estava ácida ou salgada. Perguntavam-se: "Como ele está? Vamos conseguir limpá-lo e consertá-lo?". Os *xapiri* começam a nos avaliar desse modo. Assim, se constatarem que nosso peito está enfumaçado demais, contaminado pelos restos de nossas próprias presas ou fedendo a pênis, rejeitam-nos logo, golpeando-nos com violência. Em seguida, os espíritos dos carrapatos *pirima ãruxi* agarraram minha imagem com a boca, enquanto os espíritos do céu a levaram nas alturas, para depositá-la sobre seus espelhos. Depois, bebi mais e mais *yãkoana*. Aí foi a vez de as imagens das mulheres das águas me assustarem. Antes de *Omama* ter feito jorrar os rios da terra, elas viviam no mundo subterrâneo. São as irmãs de sua esposa. São seus feitiços de amor que fazem os rapazes se tornar xamãs.

Essas imagens só descem a nós se tivermos o corpo esvaziado de carne de caça; depois de termos também parado de comer bananas e mandioca, e até de beber água. Não descem enquanto a *yãkoana* não tiver consumido nossa carne a ponto de ficarmos esqueléticos mesmo. São muito belas e de valor muito alto. Apenas os xamãs mais experientes podem chamá-las para nós. Assim que chegam, elas também tratam de nos examinar com cuidado. Então, se nos considerarem aceitáveis, levam-nos consigo. Quando isso acontece com um jovem iniciando, ele se precipita de repente para fora de sua casa, como um fantasma. E começa a correr para longe, na floresta, fora das trilhas, gemendo e chamando a mãe aos berros: "Aaa! Napaaa! Aaa! Napaaa!". Só voltará para junto dos seus bem mais tarde, quando um xamã mais velho sair em busca dele para trazê-lo de volta. Foi isso que me aconteceu! De tanto beber *yãkoana*, as imagens dos espíritos da floresta e das mulheres das águas vieram a mim durante o dia e me levaram consigo. Sai correndo, em estado de fantasma, seguindo suas luzes, que se afastavam ao longe, à minha frente. Segui seus caminhos na floresta por muito tempo, sem parar de gritar: "Aê! Aê! Aê!". Corri



muito, até o limite de minhas forças! Mas o pai de minha esposa, temendo que eu me perdesse para sempre, me protegeu. Intiveio para evitar que as mulheres-espíritos me levassem para a casa delas, debaixo d'água. Então, elas me largaram no chão da floresta, inconsciente, e meu sogro enviou seus próprios *xapiri* para me levarem de volta para casa.

No começo, quando a pessoa ainda não conhece o poder da *yâkoana*, não fica de pé muito tempo. Foi também o que aconteceu comigo. Sua força me fez morrer e me jogou para trás na hora. Então rolei no chão, me contorcendo de pavor e gemendo: "Akaaa! Akaaa!". Apesar de eu ter virado fantasma, os *xapiri* ainda permaneciam invisíveis. Isso me deixava muito ansioso! Não parava de perguntar a mim mesmo: "Por que ainda não vejo nada?". Assim se passaram vários dias sem que os espíritos se manifestassem aos meus olhos. Eu transpirava muito e minha pele estava coberta de poeira. Estava atormentado e muito agitado. Bebia *yâkoana* sem descanso e tinha medo. Quanto mais fraco eu me sentia, mais o seu poder me parecia apavorante. É por isso que poucos rapazes ousam apresentar o nariz aos xamãs experientes! E quando o fazem, muitas vezes desistem logo, com medo de morrer. Eu, no entanto, quis continuar, porque apesar do pavor que sentia, eu queria mesmo conhecer os *xapiri*.

Foi por isso que, no começo, tive muito medo de não conseguir vê-los. É verdade! Tomava *yâkoana* sem parar, mas não via nada. Isso costuma acontecer, mas eu não sabia. Quando se começa a beber *yâkoana*, de fato, não se vê nada. A cabeça dói muito e o pensamento continua fechado. A pessoa vai enfraquecendo cada vez mais e desmaia o tempo todo. Só isso. Os *xapiri* não se revelam de imediato a quem bebe *yâkoana* pela primeira vez e, se a pessoa não for vigilante, fica por isso mesmo. Os espíritos começam a fazer sua dança de apresentação só depois de terem estendido o iniciando sobre seus espelhos. De modo que é preciso passar várias noites em estado de fantasma e ficar muito fraco antes de os *xapiri* se manifestarem.

Primeiro nos contemplam, das alturas do céu. Veem-nos estirados e expostos, na forma de uma pequena mancha clara no chão. Depois começam a descer em nossa direção, porque nos querem de verdade. Nós, no começo, apenas ouvimos suas vozes vindo das lonjuras. Aí, de repente, se aproximam de nós e pegam nossa imagem antes mesmo de os termos avistado. Assim é. No primeiro dia, a pessoa não vê nada mesmo. No dia seguinte, já não é capaz de distinguir o dia da noite, nem de dormir. No outro dia, vai ficando cada vez

mais fraca. Mais um dia e, finalmente, os *xapiri* começam a aparecer. O iniciando não sente mais fome nem sede. Não sabe mais o que é dor nem sono. Os espíritos da *yākoana* devoraram sua carne e seus olhos morrem. É nesse momento que começa a ver despontar uma claridade imensa e ofuscante. Distingue-se a tropa dos *xapiri* que cantam vindo em nossa direção. Chamados pelos xamãs mais velhos, dos confins do céu, eles se aproximam de nós devagar, dançando em seus caminhos luminosos. Os que vêm à frente, ainda poucos, vão chamando os demais por onde passam. Vão se juntando assim, aos poucos, até formarem uma multidão barulhenta.

Foi assim que aconteceu comigo, e fiquei apavorado, porque nunca tinha visto nada igual. Os sonhos que tinha desde pequeno eram pouca coisa comparados àquilo! Quando vi pela primeira vez os *xapiri* descendo para mim, aí sim, entendi o que é medo! O que comeci a ver, antes de distingui-los com nitidez, era de fato aterrorizante. Primeiro, a floresta se transformou num imenso vazio que ficava rodopiando em torno de mim. Depois, de repente, a luz explodiu num estrondo. E tudo ficou impregnado de uma claridade ofuscante. Eu só via a terra e o céu de muito longe, semeados de penugem branca cintilante. Essas pequenas penas luminosas cobriam tudo, flutuando leves no ar. Não havia mais sombra em lugar algum. Eu via tudo de cima, de uma altura assustadora. Então compreendi que estava começando a me tornar outro de verdade. Disse a mim mesmo: "O meu sogro sabe mesmo dos espíritos! Por isso conhece tão bem a floresta! Ele não estava mentindo!"

Quando os espíritos querem nos pôr à prova, arrancam nossa imagem e vão depositá-la bem longe, nas costas do céu. São os espíritos das árvores do pó *paara*, o pai da *yākoana*, e os espíritos da floresta *urihinari* que levam assim nossa imagem e nosso sopro, para estendê-los sobre seus espelhos. É desse modo que nos tornamos xamãs de verdade. Foi o que me aconteceu, e foi mesmo muito doloroso! Meu pensamento estava preso no esquecimento e minha pele jazia no chão, inerte. Os meus se diziam: "Dá pena vê-lo assim, largado como um morto jogado na pocira!". Mas não era isso. Meu corpo de fato estava derrubado no chão, mas os *xapiri* seguravam minha imagem sobre seus espelhos, no mais alto do céu. Por isso, eu sentia vertigens e tinha tanto medo de cair! Estava suspenso acima de um enorme abismo, deitado em um amon-

toado de penugem branca. Já não distinguia as pessoas da casa ao meu redor. Só podia ouvir suas vozes, como grunhidos roucos e desarticulados. Pareciam vozes de seres maléficos. Era tudo muito apavorante!

— Ai, de repente, tudo à minha volta começou a ficar coberto de flores amarelas e brancas, como as das árvores *mashanari kōhi* e *weri nahi*. Então, vários caminhos luminosos foram se desenrolando desde os confins do céu. Ondulavam em minha direção e ouvia-se uma algazarra confusa vindo deles. Apreensivo, eu me perguntava o que podia ser aquilo. Dizia a mim mesmo: "O que são esses seres desconhecidos que se aproximam? O que farão de mim?". Eu era ainda tão ignorante! Perguntei a meu sogro: "Já são coisas de espíritos?". E ele confirmou: "Awei! Os *xapiri* estão começando a se aproximar de você. Vão chegando aos poucos, mas você ainda não pode enxergá-los. Só irá mesmo vê-los quando ficar muito fraco e tiver mesmo virado outro!". É o que acontece quando o iniciando começa a virar espírito e seu pensamento ainda está na busca.

— Então, agachado ao meu lado, o pai de minha esposa começou a me ensinar a ouvir os cantos dos espíritos. Dizia: "Se você quer mesmo tornar-se xamã, deve responder à voz deles imitando seus cantos e falando com eles. É claro que no começo você não vai conseguir. Mas, aos poucos, eles vão lhe revelar suas palavras. Sua boca não deve ter medo! Mesmo que você ainda não cante bem, eles ficarão satisfeitos só por você responder. Pensarão: 'Muito bem! Ele nos quer mesmo!'. Caso contrário, se você não fizer nenhum esforço e não se comportar como eles esperam, vão maltratá-lo: Se você magoar os espíritos, eles vão matá-lo e fugirão para bem longe!". Tendo escutado essas palavras, um tanto aflito, me esforcei para ouvir a voz dos *xapiri* e tentar responder-lhes direito!

— Quando se começa a beber *yākoana*, não se percebe nada do canto dos espíritos. É preciso que eles antes tirem de nossas orelhas tudo o que as entope e nos impede de ouvi-los. Em seguida, eles começam a se manifestar enquanto dormimos, dando a escutar, aos poucos, sua cantoria. Bem no começo, eu não sabia nada dos *xapiri*. Apesar de ficar tomando *yākoana* o tempo todo, não os via e ainda nem sequer ouvia suas vozes! Isso me atormentava, e eu dizia a mim mesmo: "O que está contecendo comigo? Morro e ajo como um fantasma, mas não adianta! Inspiro pena rolando na poeira, tudo isso por nada! O que fazer? Se eu não vir os *xapiri*, será que devo fingir?". Mas eu não queria mentir! Todos os resíduos de comida tinham desaparecido de minhas entranhas e eu estava

muito fraco mesmo. Minha própria carne tinha virado carne de fantasma. Assim, antes de ser capaz de ver os espíritos, comecei me esforçando muito para ouvir suas palavras. Como me havia recomendado meu sogro, fui tentando, aos poucos, imitar seus cantos.

Foi ele que começou a ensiná-los a mim. Apresentou-me aos *xapiri*, como sempre fizeram nossos ancestrais com seus filhos e genros. Então, de tanto prestar atenção, comecei a poder ouvir as palavras dos espíritos. Eles trocaram minha língua e minha garganta pelas deles. E assim, aos poucos, seus cantos foram se revelando a mim e se tornando claros. Comecei a cantar como eles. Mas foi tudo muito devagar. Não se pode ser impaciente nesse caso. Deve-se tentar pouco a pouco imitar a última parte das palavras do canto dos espíritos.<sup>17</sup> É assim que se consegue começar a escutá-los de verdade, e foi o que eu fiz. E finalmente eles livraram minhas orelhas de tudo o que as entupia.

Meu ouvido explodiu com um ruído surdo. Depois comecei, ainda sem ver nada, a perceber uma melodia bem fraca. Algo como o zumbido de um enxame de pernilongos. Era o sibilo das flautas de bambu *purunama usi* que os espíritos sopram enquanto dançam. Seu som agudo vinha de muito longe e ia se aproximando devagar. De repente, espalhou-se um outro som, dessa vez grave, como um vento rodopiando por toda a extensão da floresta. Foi então que comecei a distinguir ao longe, vindos dos confins do céu, os gritos e cantos dos *xapiri* que se aproximavam de mim. Apesar da distância, suas vozes iam ficando cada vez mais precisas. As pessoas comuns não podiam ouvi-las, mas para quem tinha se tornado fantasma eram perfeitamente claras.

No momento em que, finalmente, os *xapiri* revelam suas vozes, o medo desaparece e, mesmo largado na poeira, sente-se uma intensa alegria! Ai é preciso se esforçar para responder, para que fiquem felizes de nos escutar e nos incentivem com seus clamores. Foi assim que, apesar de todo o medo, comecei a cantar. Ainda só percebia sonoridades muito fracas. Apesar disso, decidi responder à voz dos *xapiri*, ecoando-a. Então comecei a ouvir de volta suas exclamações de alegria: "Awei! Dessa vez ele está respondendo como se deve!". Suas vozes me pareciam muito nítidas. Satisfeito, me apliquei a imitá-los, repetidas vezes, sem descanso. Diante de meus esforços, eles vieram me ajudar. Disseram a si mesmos: "Ele não deve estar nos ouvindo bem. Recomeçemos! Como fazer para que nossas palavras sejam audíveis para ele?". Então retomavam seus cantos, subindo o tom de suas vozes mais e mais. Foi assim que, por fim, consegui

ouvi-los de verdade e cantar como eles. Quando o iniciando se aplica a responder aos *xapiri*, as imagens do sabiá *yôrixiana* e da árvore de cantos *reã hi* descem rapidamente a ele.<sup>13</sup> Essas imagens nos emprestam suas gargantas e reforçam nossa língua. Desse modo, as palavras do canto dos espíritos aumentam depressa em nós, como num gravador. Bebemos *yákoana* com os olhos cravados em sua dança de apresentação e perdemos todo o receio de cantar diante das pessoas de nossa casa. Foi isso mesmo o que aconteceu comigo!



Depois de tanto tempo, eu metia medo de tão magro. Tinha o rosto coberto de muco e de pó de *yákoana*. Estava morto sob o seu poder e meus olhos eram os de um fantasma. Os espíritos tinham limpado todo o interior de meu corpo. Vários dias haviam passado antes de eu, por fim, começar a vê-los dançar. Eu mesmo tinha me tornado um deles. As vozes e danças dos espíritos haviam se tornado as minhas. Agora eles estavam satisfeitos de verdade. Assim é. Os *xapiri* ficam felizes quando lhes respondemos fazendo vibrar a língua: "Arerererere!". Assim que nos escutam imitando seus cantos, gritam de satisfação e afluem de todos os lados com clamores de júbilo, como convidados a uma festa *reahu*: "Aé! Aé! Aé!". Caso contrário, se a resposta de nossos cantos tem pouca energia, eles se irritam logo por não serem desejados. Então começam a nos insultar: "Hou! Sua voz é feia e tremida! Você está muito sujo! Fede a pênis e é um covarde! Se tem medo de nós, não nos chame!". Ficam furiosos se o iniciando fica só se contorcendo na poeira e proferindo palavras de fantasma, sem responder como esperam. Dizem a si mesmos: "Hou! E contudo, nosso canto é claro! Esse fantasma é mesmo surdo! Não nos vê? Será que está



dormindo? Não nos quer? Insiste em nos fazer vir de longe para dançar para ele e, agora, fica mudol”.

Se não bebermos *yákoana* com aplicação e não cantarmos para eles, os *xapiri* se recusam a vir se instalar junto de nós. Nunca chegam perto das pessoas comuns, que se contentam em viver deitadas em suas redes. Consideram-nas sujas e acham que são incapazes de ouvir suas vozes. Se um iniciando chamar os espíritos à toa, dirão que tem gosto amargo, e irão zombar de sua voz de fantasma. Será chamado de preguiçoso e censurado por não fazê-los dançar. Exasperados, eles acabarão por cuspir nele e cobri-lo de cinzas, antes de fugirem para longe. Quando isso acontece com um jovem aprendiz *xamá*, ele começa a definhar. Fica magro e feio logo em seguida. Em vez de virar espírito, corre o risco de morrer.

A pessoa que quer se tornar *xamá* também não deve deixar seus olhos se moverem demais de um lado para outro, observando os habitantes da casa ou mesmo olhando para o chão. Por isso eu me esforçava para manter o olhar sempre voltado para o céu. Sem isso, eu jamais teria podido ver os espíritos descerem. Meus olhos eram os de um fantasma e eu já não via nada à minha volta. Minha visão e meu pensamento estavam concentrados nos *xapiri*. E assim, com o passar do tempo, eles acabaram se manifestando. Finalmente pude vê-los vindo em minha direção das alturas do céu, numa imensa luminosidade pulsante. Desciam muito devagar e se juntavam, mais e mais numerosos, numa chuva ofuscante de penugem branca. A vibração poderosa de seus cantos ia se aproximando aos poucos: “*Arerererere!*”. Puseram-se a turbilhonar ali mesmo nos ares, como uma multidão de colibris. Fui aos poucos conseguindo distinguir seus ornamentos resplandecentes: braçadeiras de crista de mutum e peitos de jacamim, faixas de rabo de macaco cuxiú-negro e cabelos recobertos de penugem de gavião e de urubu-rei. Seus dentes imaculados cintilavam e sua pele brilhava de desenhos de urucum vermelho e preto. Giravam em redor de mim, dançando e lançando gritos exaltados. A partir desse instante, meu sono fugiu. Eu estava deitado na praça central de nossa casa e a floresta à minha volta havia desaparecido. Só fazia contemplar a dança dos *xapiri*.

Eles me fizeram outro para que eu não minta.

Quiseram mesmo me fazer virar espírito.

Fizeram desaparecer a floresta e a substituíram por uma terra coberta de penugem branca. Deitaram minha imagem no peito do céu, no centro de seu

espelho. Era apavorante, mas meu medo se dissipou logo, pois tudo o que eu via era magnífico. Apesar da distância, eu distinguia com nitidez os *xapiri* e seus adornos coloridos e brilhantes. Olhavam todos para mim. A sua tropa descia dos confins do céu, carregada por milhares de trilhas reluzentes que ondulavam nos ares. Eram tão velozes quanto aviões, e produziam uma ventania poderosa. Aquela distância imensa não era nada para eles. Afluíam sem parar, inumeráveis, vindo de todas as direções, como imagens de televisão. Depois iam pouco a pouco se juntando diante de mim, como convidados a uma festa *reahu* amontoados na porta da casa de seus anfitriões, ansiosos para fazer sua dança de apresentação.

Seus caminhos, até então quase imperceptíveis, iam ficando cada vez mais nítidos e brilhantes. Finos como teias de aranha, flutuavam cintilando nos ares e vinham se prender junto de mim, um após o outro. Assim é. Os *xapiri* sempre são precedidos pelas imagens de seus caminhos. Eles vão se colando, um por um, na borda do espelho em que o jovem *xamá* está deitado. Fixam-se ali como as imagens de fotografia dos brancos. Deve-se então ficar esticado bem reto, para que os caminhos não quebrem e os espíritos possam chegar até nós. Depois, usam nossos braços e pernas como caminhos, nos quais nossos cotovelos e joelhos são clareiras, onde param para descansar. Por fim, entram pela boca para dentro do peito, que é a casa na qual farão sua dança de apresentação.

Os *xapiri* chegam bem apertados uns contra os outros em fileiras deslumbrantes, cobertos de pinturas de urucum e de enfeites de penas de todas as cores. O som de suas vozes é poderoso e seus cantos são melodiosos. Quando finalmente se consegue vê-los, são de uma grande beleza. Evitam a sujeira do chão ficando sempre suspensos nos ares. *Omama*, que é quem os envia, torna-os capazes de voar com velocidade graças a uma imagem de avião que lhe pertence.<sup>24</sup> Essa imagem é muito poderosa, carrega todos os *xapiri* em seu voo, apesar de serem tantos. Assim eles se deslocam acima da floresta, além do céu e debaixo da terra. Chegam até nós sobre vastos espelhos resplandecentes que amarram nas alturas. Ali dançam, como os convidados a uma festa *reahu* na praça central da casa à qual foram chamados. As mulheres dos ancestrais animais e as da gente das águas entram primeiro, agitando folhas jovens de palmeira *hoko si* desfiadas. Avançam e recuam devagar, bem alinhadas, batendo os pés no chão

em ritmo. São magníficas! Em seguida, os espíritos masculinos se lançam e dançam por sua vez, percorrendo um grande círculo com clamores jubilosos.

Os *xapiri* são grandes dançarinos, e muito divertidos. Os ancestrais animais *yarori* até conseguiram fazer Jacaré rir com suas danças, a ponto de deixar o fogo cair de sua boca, não é mesmo?<sup>15</sup> Por isso nos esforçamos para seguir-lhes o exemplo, quando é nossa vez de nos tornarmos espírito. Imitamos os ancestrais tamanduá, macaco-aranha, veado e anta; imitamos também o espírito lua *Poriporiri*, o espírito raio *Yápirari*, o espírito do céu *Hutukarari* e muitos outros! Os modos de dançar dos espíritos são tão diversos quanto são diferentes seus cantos. Quando seguimos seus movimentos, são suas imagens que nos pegam pelo braço e nos ensinam a seguir seus passos com segurança. Se ficarmos envergonhados, com as pernas duras, eles ficam impacientes e nos repreendem: "Siga-me! Olhe! Esse é o meu modo de dançar! Preste atenção!". E nos levam com seus movimentos, para que nossos gestos sejam tão graciosos quanto os deles. Percorrem o círculo de seu espelho, indo e vindo, com uma impressionante agilidade. Deslocam-se devagar, avaliando o interior da nova casa de espíritos na qual estão prestes a se instalar: "Será bela o suficiente? Seu chão é liso e brilhante como deve?".

Porém, apesar de toda a sua beleza, a dança de apresentação dos *xapiri* é também apavorante. Eles evoluem em volta de nosso corpo estendido em seus espelhos e agitam imensas lâminas de metal brilhante. Ficam nos observando, julgando nossa força e nossa aparência. Quando completam o giro voltam ao seu ponto de partida, passando ao nosso lado. Então, de repente, um deles se vira e nos golpeia nas costas com o gume afiado de seu enorme facão. O golpe nos atinge sem que ele levante a arma. É o balanço da lâmina amarrada em suas costas que nos machuca com violência. A dor é intensa e nos faz cair desmaiados em seguida. Então os *xapiri* desaceleram o passo, param e, imóveis, ficam nos observando.

Os *xapiri* que nos ferem desse modo são os espíritos agressivos da cobra grande *waroma kiki* e do jacaré gigante *poapoa*. Como eu disse, certos *xapiri* podem ser muito perigosos. É o caso de *Ara poko*, o chefe dos seres maléficos gavião *koimari*. Quando um *xamã* faz descer sua imagem, os outros devem se interpor, para evitar que o sopro de sua cauda venenosa atinja as crianças da

casa. Quando o fazemos dançar pela primeira vez, esse espírito nos fere com crueldade. Assim é. Aos espíritos não basta dançar para nós. Ao chegarem, nos machucam e recortam nosso corpo. Cortam-nos o tronco, as pernas e o pescoço. Cortam também nossa língua, jogando-a longe, pois só emite palavras de fantasma. Arrancam nossos dentes, que consideram sujos e cariados. Jogam fora nossas entranhas cheias de resíduos de carne de caça que os enojam. Então, substituem tudo isso pela imagem de suas próprias línguas, dentes e vísceras. É desse modo que nos põem à prova.

Foi o que me aconteceu e eu tive muito medo! Esses *xapiri* antigos são muito aterrorizantes! Aproximaram-se de mim em silêncio, no final de sua dança de apresentação. Não pareciam ameaçadores. Mas de repente senti suas lâminas me atingindo com toda a força. Partiram-me o corpo de um só golpe, no meio das costas! Sob o choque, lancei um longo gemido de dor. Mas nem por isso pararam! Depois de me terem talhado em dois, cortaram-me a cabeça. Então vacilei, e desabei em prantos. Meu pensamento estava desviado e eu tinha ficado cego, como um cão morto no chão. Fiquei assim prostrado por muito tempo, sem nenhuma sensação. Enquanto isso, os espíritos continuavam dançando ao meu redor sem que eu percebesse nada.

Recobrei a consciência algum tempo depois. Parei de beber *yákoana* e meu pensamento se acalmou. Comecei então a sentir o sofrimento lancinante dos ferimentos que os *xapiri* me haviam infligido. Sentia dores terríveis na nuca e nas costas, onde eles me haviam atingido. Só conseguia andar curvado, como se tivesse me tornado um ancião! No começo, tudo isso é aterrorizante, pois a pessoa se pergunta se os espíritos não têm, afinal, a intenção de matá-lo! É verdade! Porém, com o passar do tempo, as dores intensas das feridas vão diminuindo aos poucos, embora a pessoa continue dolorida. Foi o que eu senti e dava mesmo pena me ver! De fato, meu sogro não me poupou quando me deu seus espíritos!

Sempre que novos *xapiri* vêm a nós, golpeiam-nos do mesmo modo com suas grandes lâminas de metal. Fazem isso já no começo, antes mesmo de podermos distinguir suas imagens. Depois recomeçam, quando já estamos estendidos em seu espelho e começamos a vê-los dançando à nossa volta. Contudo, não se deve pensar que isso acontece somente quando se bebe *yákoana* pela primeira vez. Acontece de novo mais tarde, mesmo depois que temos uma grande casa de espíritos e nos tornamos *xamãs* experientes! Assim, a cada vez

que chegam a nós, novos espíritos nos ferem com a mesma violência. É isso que vai deixando as costas e a nuca dos xamãs tão doloridas! São essas as partes do corpo que os *xapiri* atingem de preferência, e o sofrimento que nos causam é sempre muito forte. Não pensem que estou mentindo! É mesmo pavoroso! Sentimo-nos retalhados por toda parte e trespassados por dores agudas e profundas!

Todavia, quando os fazemos descer para curar os nossos, os *xapiri* não nos atacam assim. Ao contrário, chegam com valentia para atacar os espíritos maléficos da epidemia *xawara*. Tampouco nos retalham quando os chamamos apenas para fazê-los dançar. De modo que não são os *xapiri* já instalados em nossa casa de espíritos que nos ferem. São aqueles que, vindos das lonjuras, fazem pela primeira vez sua dança de apresentação para nós. São os novos espíritos, que vão chegando a nós aos poucos, com o passar do tempo. São muito numerosos, e por isso os velhos xamãs trazem tantas feridas. Quando se tornam idosos, suas costas vão ficando cada vez mais frágeis e doloridas!

Depois de me cortarem, os *xapiri* fugiram depressa com as partes de meu corpo que tinham acabado de trincar, para longe da nossa floresta, muito além da terra dos brancos. Eu tinha perdido a consciência e foi minha imagem que eles desmembraram, enquanto minha pele permanecia no chão. Voaram para um lado com meu torso e para o outro com meu ventre e minhas pernas. Carregaram minha cabeça numa direção, e minha língua em outra. Foram as imagens dos sabiás *yōrixiana*, dos japins *ayokora* e dos pássaros *sitipari si*, todos donos dos cantos, que arrancaram minha língua. Pegaram-na para refazê-la, para torná-la bela e capaz de proferir palavras sábias. Lavaram-na, lixaram-na e alisaram-na, para poder impregná-la com suas melodias. Os espíritos das cigarras a cobriram com penugem branca e desenhos de urucum. Os espíritos do zangão *remoremo moxi*<sup>16</sup> a lamberam para livrá-la aos poucos de suas palavras de fantasma. Por fim, os espíritos sabiá e japim puseram nela as de seus magníficos cantos. Deram-lhe a vibração de seu chamado: "Arerererere!". Tornaram-na outra, luminosa e brilhante como se emitisse raios. Foi assim que os *xapiri* prepararam minha língua. Fizeram dela uma língua leve e afinada.<sup>17</sup> Tornaram-na flexível e ágil. Transformaram-na numa língua de árvore de cantos, uma



verdadeira língua de espírito. Foi então que eu pude enfim imitar suas vozes e responder a suas palavras com cantos direitos e claros.

Mais tarde, os *xapiri* vieram juntar novamente os pedaços de meu corpo que haviam desmembrado. Porém recolocaram meu torso e a minha cabeça na parte de baixo de meu corpo e, ao inverso, minha barriga e minhas pernas na parte de cima. É verdade! Reconstruíram-me às avessas, colocando meu posterior onde era meu rosto e minha boca onde era meu ânus! Depois, na junção das duas partes de meu corpo recolado, puseram um largo cinturão de penas multicoloridas de pássaros *hēima si* e *wisawisama si*. Também trocaram minhas entranhas por vísceras de espíritos, menores e de um branco deslumbrante, enroladas com delicadeza e cobertas de penugem luminosa. Depois substituíram minha língua pela que tinham consertado, e fixaram em minha boca dentes tão belos quanto os deles, coloridos como a plumagem dos pássaros *sei si*. Também trocaram minha garganta por um tubo, que chamamos *purunaki*, para eu poder aprender a cantar seus cantos e a falar com clareza. Esse tubo é a laringe dos espíritos. É dele que vem o sopro de suas vozes. É uma porta pela qual nossas palavras podem sair belas e direitas.

Tudo aconteceu exatamente como eu contei até agora. Eu tinha acabado de tomar *yākoana* com um grande xamã, meu sogro, pela primeira vez. Os espíritos tinham me posto à prova antes mesmo de eu conhecê-los de verdade. Porém, apesar dos ferimentos dolorosos que me haviam infligido, eu continuava vivo. Meu sangue não tinha escoado e eu nem conseguia ver as feridas que tinham me obrigado a suportar! Então, assim que eles recompuseram as partes de meu corpo, meu pensamento começou a desabrochar de novo. Senti-me acordar, imerso no perfume forte da tinta de urucum com que me tinham pintado e na fragrância de suas plantas mágicas *yaro xi* e *aroari*. A tropa dos *xapiri* recém-chegados permanecia junto a mim, todos imóveis, no brilho de seus adornos magníficos. Tinham concluído sua dança de apresentação. Agora estavam ansiosos para construir uma casa nova na qual pudessem se instalar!